



**JOGO E CONVÍVIO:
UMA POÉTICA DE INTERVENÇÕES
ENTRE ESPAÇO PÚBLICO E PRIVADO**

IEDA OLIVEIRA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS**

IEDA OLIVEIRA

**JOGO E CONVÍVIO: UMA POÉTICA DE INTERVENÇÕES ENTRE ESPAÇO
PÚBLICO E PRIVADO**

Salvador
2017

IEDA OLIVEIRA

**JOGO E CONVÍVIO: UMA POÉTICA DE INTERVENÇÕES ENTRE ESPAÇO
PÚBLICO E PRIVADO**

Tese apresentada ao Programa de Pesquisa em Artes Visuais da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Sonia Lucia Rangel.

Linha de pesquisa: Processo de Criação Artística.

Salvador
2017

Catálogo na Publicação (CIP)

O482

Oliveira, Ieda

Jogo e convívio: uma poética de intervenções entre espaço público e privado . / Ieda Oliveira. – Salvador, 2017.

228 p. : il.

Tese (Doutorado em Artes Visuais)- Universidade Federal da Bahia – UFBA. Escola de Belas Artes.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sonia Lúcia Rangel.

1. Arte relacional. 2. Processo criativo. 3. Jogo. 4. Memória. 5. Intervenção. I. Rangel, Sonia Lúcia, orient. II. Título.

CDU: 7.036

TERMO DE APROVAÇÃO

IEDA OLIVEIRA

JOGO E CONVÍVIO: UMA POÉTICA DE INTERVENÇÕES ENTRE ESPAÇO PÚBLICO E PRIVADO

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Artes Visuais, Universidade Federal da Bahia (UFBA), pela seguinte banca examinadora:

Sonia Lucia Rangel – Orientadora _____
Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

José Antônio Saja Ramos Neves dos Santos _____
Doutor em Letras e Linguísticas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Maria Celeste de Almeida Wanner _____
Pós-Doutora pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo(PUCSP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Maria Hermínia Oliveira Hernández _____
Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Roseli Amado da Silva Garcia _____
Doutora em Mídia e Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)



Ao Rei e a Rainha, o meu coração, a minha força a minha alma, todo meu amor!

Agradecida eternamente por me presentarem com a fantástica experiência que é a vida e por me ensinarem os caminhos positivos!!!

Aos gatos, a gratidão por todo amor e fofura, com a compainha dessas lindezas a vida se torna pura doçura e maciez!

Que seria de mim meu Deus
Sem a fé em Antônio
A luz desceu do céu
Clareando o encanto
Da espada espelhada em Deus
Viva viva meu santo

(canta Maria Bethânia)

A amizade é o porto da vida.

A Gratidão é a memória do coração

(ditos populares)

Sonia Rangel, May Light, encontrei em você a paz e a coragem para os enfrentamentos nas horas que as pernas bambearam. Minha gratidão é infinita e eterna. Te amo imensamente, minha orientadora!

Agradecida a minha banca, formada por pessoas que tanto admiro e que toparam participar desse momento de extrema importância em meu trajeto. Celeste Almeida, Maria Hermínia, Roseli Amado e Saja, queridos e guardados com muito amor em meu coração.

Celeste Almeida, minha primeira professora nessa escola, a você, o brilho dos meus olhos e a transparência do meu coração. Nunca irei esquecer as tantas vezes que estendestes as mãos para me motivar a seguir o caminho. Te amo imensamente!

Meus sinceros agradecimentos ao Professor, Ricardo Barreto Biriba, pela aceitação em orientar meu projeto inicial com o qual ingressei no PPGAV.

A Professora Rosa Gabriela, imensa gratidão pela sua boa vontade, sempre!

Aos queridos professores que durante essa travessia pude encontrar e compartilhar momentos inesquecíveis, meu muito obrigada!

Aos funcionários da Escola de Belas Artes, que sempre me trataram com estima e carinho.

Minha amiga Roseli Andrade que veio junto comigo em 1990 para essa cidade, parceira de estrada que também esteve comigo, virando a madrugada, via tim, organizando o projeto que deu origem a essa história, minha gratidão e alegria por te ter em minha vida.

Aos queridos amigos que estão esparramados por várias cidades da Bahia nas quais transitei, minha gratidão eterna, com vocês construí essa história e fiz novas amizades, isso não tem preço, isso é amor! Aécio Bastos, Jailson Paiva, Lais Oliveira Abreu, Zequinha, Milena Silva, Antônio Carlos (Cacau), Marinalva Rodrigues, Maria Do Carmo Silva (Carminha), Mayse Brito.

Meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que acreditaram nesses trabalhos e, mesmo sem me conhecer, se disponibilizaram a um entrega participativa, pois sem esses seres especiais muitas intervenções poderiam não ter acontecido. Meu muito obrigada e lembranças valiosas, para sempre, arquivadas na minha memória.

Reinaldo Alves, agradeço ao universo pelo nosso encontro, foi incrível contar com sua participação nas empreitadas arriscadas

Ao meu querido amigo, diamante lapidado do meu coração, Ricardo Marques Xavier, Ricardinho ou Boa Sorte, estrondo da arte e do amor, habitado na cidade de Lençóis. BB, “você é luz, estrela e luar”, como dizia o eterno Vando. Te desejo, os sonhos mais lindos e as realizações fantásticas da vida.

Ao príncipe da RAIO, Tiago Nery, presente divino que a vida me deu em 2012, amigo, você como um pássaro lindo e cantador pousou na “visgueira” do meu coração e nunca mais te deixarei sair. Todo meu amor por esse touro selvagem com quem compartilhei momentos loucos nesses últimos anos. Alegria é saber que você sempre anuncia sua chegada.

Ao meu amigo Fabio Gatti, “E é tão bonito quando a gente sente Que nunca está sozinho por mais que pense estar” Minha gratidão por te ter em minha vida, pelos vários acolhimentos de amor quando me senti fora do prumo. A você, moradia eterna em meu coração, compartilhada com Thiago Manarelli que também habita essa casinha do meu peito.

Fabio Salmeron, como foi especial te conhecer, você com seu jeito louquinho, foi chegando e eu já estava lá, minha coisa doida, diretor de tantos momentos loucos nas estradas da Bahia, sua amizade e companhia me fortalecem, gratidão absurda por você fazer parte dessa história fabulosa que é a vida.

Marcondes Dourado, esse amigo vale Ouro! Parceiro de trabalho, também de muitas curtções, um encontro afinado de amor, que a vida me trouxe. Meu menino do sertão, o encantamento dos meus olhos, pelo seu jeito manso cheio de amor e doçura.

Meu agradecimento mor a Sérgio Fernandes, encontrar você foi transformador!

A família Deiró, Márcia, Miltinho, Netinho, Erick e Helen, que habitam o coração da minha família, amigos, ter vocês no coração é ter a certeza de um encontro impagável providenciado por Deus. Obrigada pelo amor, carinho e companhia. Márcia, minha irmã!

Virginia de Medeiros, meu agradecimento pela amizade longa e pelos momentos que compartilhamos nos últimos tempos, é bom demais ter você por perto, minha amiga. Nossas histórias não cabem em papel pequeno, é grandeza das maiores.

Zé de Rocha e Vanessa Cersil, casal de amigos que amo demais, Zé você é um brilhante da RAIO e da minha vida, quando você puxa o fole em todos os nossos encontros, não existe coração que não acelere de alegria. Van, minha rainha, contar com sua amizade é uma riqueza, vocês são duas chamas de puro amor!

Mirela Correia, meu abraço de lascar, você chegou a RAIO pra ficar e já é parte dessa história bonita! Que a vida nos permita muitas madrugadas, lavando os pratos das festas e resenhando loucuras mil.

Jonathas de Medeiros, Xonxon, amigo querido, você é a pura representação do amor e expande esse amor quando em 2015/2016 me presenteia com os meus filhos gatos Nino Leleo, Plincippy Gabo e Bibi, estaremos conectados nessa energia de alegria, amizade e irmandade, sempre! Viajar com você em todos os sentidos, é um luxo para poucos.

Edson de Jesus, um amigo querido, que mora no coração, tem as chaves da minha casa e sabe o quanto quero bem. Você é um presente de Deus, agradecida por cuidar dos meus filhos gatos quando viajo, pela sua bondade e amizade.

Aos queridos amigos, Manoel Nery, Oscar Brasileiro, Adalberto Alves, Willyams Martins, Lorena Patrícia, Alice Browne, Arthur Scovino, Sílvio Scovino, Léo Marques pessoas presentes há muito tempo em minha vida, minha estima e carinho, ter vocês por perto é um luxo pertencente à força da amizade.

Agradecimentos aos amigos que estão presentes em tantos momentos, contribuindo com alegria e amor, Nalva, Liuba, Solange, Roberto, Claudinha e Rejane. A presença de vocês transforma minha vida em momentos muito mais felizes!

Passaria muitos dias escrevendo textinhos de amor para todos os amigos que fazem parte de minha história. A gratidão é uma riqueza que pertence ao coração. Por isso, aqui finalizo agradecendo mais uma vez a todos que contribuíram para a edificação desta tese e que estão conectados a essa experiência que é a RAIO.

E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas.

(canta Gonzaguinha)

Era mais que tempo, na arte, de por a ênfase no fazer mais que no simplesmente contemplar. Luigi Pareyson (1993, p.9).

RESUMO

Trata-se de pesquisa poética, na linha de Processos Criativos nas Artes Visuais, feita pela própria artista autora, adotando o método *Artístico-Compreensivo* proposto por Sonia Rangel para reconhecer em seu próprio *trajeto criativo* os vários Princípios e Procedimentos da sua produção artística, aqui delimitada, especificamente, em obras realizadas para o âmbito desta tese e no tempo paralelo ao curso. Como Abordagem Conceitual aproxima-se da *Estética Relacional* de Nicolas Bourriaud, da teoria dos jogos de Roger Caillois, especificamente da obra *Os Jogos e os Homens* e de Gaston Bachelard, da obra *A Poética do Espaço*, entre outros autores. Como Abordagem Operacional foi feito um mapa de todo o *trajeto criativo* em obras realizadas e sua cartografia de leituras. Estas apontaram, pelas recorrências, Princípios Dominantes, tais como: o espaço público e privado como meio; o deslocamento e a intervenção; o jogo e as trocas; a participação do espectador e a interação convivial e relacional na construção criativa da obra, incluso o projeto RAIO, quando a artista abre sua residência para pessoas convidadas, propondo uma imersão dentro do seu espaço íntimo. Estabelece diálogo nas reflexões de percurso com obras de artistas, tais como, Francis Allis, Rirkrit Tiravanija, Vanessa Beecroft, entre outros, buscando situar suas Intervenções em articulação com as formas híbridas e contemporâneas de expressão das artes visuais.

Palavras-chave: Processo criativo; Arte relacional; Intervenção; Jogo; Casa; Memória.

ABSTRACT

The current thesis is a poetic research, made by the artist-author, within the field of Visual Art Creative Processes. One's adoption of Sonia Rangel's Artistic-Comprehensive method is aimed at recognizing, within its own creative path, the several Principles and Procedures of the author's own artistic production, in works developed as a part of the current thesis, as well as other works which were created and presented simultaneously to the Doctoral Studies course. The chosen main conceptual approaches to the current thesis are: Nicolas Bourriaud's Relational Aesthetics, Roger Caillois' Game Theory (specifically the work Games and Men), and Gaston Bachelard's Poetics of Space. Operationally, there was the development, by the author, of a map containing its entire Creative Path in completed works, as well as its reading cartography, and the outcome was a set of ruling principles of its work: public and private space as means; movement and intervention; the games and the exchanges; the audience's participation and the relational interaction creatively constructing the work of art, including the RAIO Project, when the artist opens its residence to guests with the proposal of immersion in its intimate space. There are some parallel dialogues with the reflective pathway of other artists' works (Francis Allis, Rirkrit Tiravanija, Vanessa Beecroft, among others) with the goal of situating the current work amongst other hybrid and contemporary forms of visual arts expression.

Keywords: Creative process; Relational art; Intervention; Game; House; Memory

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - 2 – Bateria Assombrada – 1997.....	32
Figura 3 - Óculos de Ferro pra Cabeças Duras - 1999	33
Figura 4 – Partindo com Antônio - 2013.....	38
Figura 5 – Partindo com Antônio - Detalhes do percurso.....	38
Figura 6 – Saindo da feira de Mutuípe - Rumo às ruas da cidade	40
Figura 7 – Rumo ao Centro de Cultura de Mutuípe.....	40
Figura 8 – Desenho realizado após a intervenção	41
Figura 9 – Partindo com Evandro – Salvador – BA - 2014.....	43
Figura 10 – O trajeto e suas paradas no Largo 2 de Julho	43
Figura 11 - Os últimos momentos do percurso.....	43
Figura 12 – O pagamento e a despedida	44
Figura 13 – Partindo com Osvaldo – Salvador – BA - 2014	45
Figura 14 – A chegada na Feira de São Joaquim e a descoberta de uma oficina para inflar as girafas	46
Figura 15 – Inflando Girafas 1	46
Figura 16 – Inflando Girafas 2	46
Figura 17 – O Início do trajeto.....	47
Figura 18 – O Percurso sendo realizado e registrado pela TV Alemã N24	47
Figura 19 – As paradas para as compras	48
Figura 20 – A parada para as compras na banca de quiabos.....	48
Figura 21 – Comprando alface na banca de Manoel.....	48
Figura 22 – Doando uma girafa para o vendedor de jenipapo	49
Figura 23 - Francis Alÿs - The Collector – Cidade do México - 1990 /1992	50
Figuras 24 e 25 - Francis Alÿs - The Green Line – 2004.....	51
Figuras 26 e 27 - Francis Alÿs - Paradoxo da Praxis 1 - 1997	51
Figura 28 – O Homem de Aço e a Mulher de Vidro – Salvador – BA - 2014.....	52
Figuras 29 e 30 – Subindo a Rua Tuiuti – Salvador – BA - 2014	53
Figura 31 – Desembocando na Avenida Carlos Gomes – Salvador – BA – 2014.....	54
Figura 32 – Avançando o trajeto no centro da Capital 1 - 2014	55
Figura 33 – Avançando o trajeto no centro da Capital 2 - 2014	55
Figura 34 – Cruzando o popular “Beco da Lama” - 2014	55
Figura 35 – Jaca-ré – Museu de Arte Moderna da Bahia - 2002.....	57
Figura 36 – Subida ao Monte da Santa Cruz – Monte Santo – BA – 2015	57
Figura 37 – Sala dos Ex-Votos – Igreja da Santa Cruz – Monte Santo – BA - 2015.....	59

Figuras 38 – 39 Das Lembranças que eu guardo na vida 1	60
Figuras 40 – 42 Das Lembranças que eu guardo na vida 2.....	60
Figura 43 – Pagadora de Promessa rumo ao Monte da Santa Cruz - Monte Santo – BA	61
Figuras 44 - 45 - Pedra Falsa - Início do Percurso - Monte Santo - BA – 2015.....	62
Figuras 46 – 47 - Início do percurso construído por Antônio Conselheiro - 2015.....	63
Figura 48 – Alcançando a primeira capela da via-sacra do sertão - 2015.....	64
Figura 49 – Alto da Serra do Picuaraçá - 2015	65
Figura 50 – Avistando a cidade que vai se tornando miniatura - 2015.....	65
Figura 51– Avistando a cidade que vai se tornando miniatura - 2015.....	66
Figura 52– Alcançando mais uma Capela - 2015.....	66
Figura 53 – Avistando a cidade de um lado e a zona rural do outro - 2015	67
Figura 54 – Chegando ao final do percurso - 2015	67
Figura 55 – A Chegada - Um dos mais incríveis momentos do trajeto - 2015	68
Figura 56 – A Chegada – Entrando na Igreja da Santa Cruz - 2015.....	69
Figura 57 - VB67 – Spasismo - Palermo – Itália - 2008	78
Figura 58 - Rirkrit Tiravanija “Untitled, (caravan)”. Museu de Arte Contemporânea de Castilla e León – Espanha – 1999.....	80
Figura 59 – Detalhe da obra – Encontro Gastronômico tendo como base a Lentilha	80
Figuras 61 - 62 Abertura da individual na Kunstlerhaus Hamburg - GE- 2004.....	81
Figuras 63 - 64 - Von Varzedo in die weite Welt – Detalhes da mostra - Kunstlerhaus Hamburg - e.V – Someratelier- Alemanha – 2004.....	81
Figura 65 - Vendo a Venda - Museu de Arte Moderna da Bahia - 2009.....	82
Figuras 66 - 67 - Vendo a Venda – Organizando os alimentos para distribuição.....	83
Figuras 68 - 70 - Vendo a Venda - Museu de Arte Moderna da Bahia – Distribuição de alimentos com a Comunidade da Gamboa de Baixo - 2009	83
Figura 71 – A Sorte é Cega – Praça da Piedade – Salvador – BA - 2009	87
Figuras 72 - 73 - A Sorte é Cega - Galeria Cañizares – EBA/UFBA Salvador – BA – 2009	87
Figuras 74 - 75 – Instrumentos de divulgação – panfleto e megafone - 2009.....	89
Figura 76 - Primeira apresentação na Feira Municipal de Ubaíra – BA – 2015	90
Figura 77 – Animação para hora do sorteio - 2015	91
Figura 78 – Apresentando ao público o nome premiado - Ubaíra – BA - 2015.....	91
Figura 79 – Vanessa, a grande vencedora - Ubaíra – BA – 2015.....	92
Figura 80 – Chocolate – prêmio da rifa - Ubaíra – BA - 2015	92
Figuras 81 - 82 – Divulgando a rifa na cidade de Monte Santo – BA – 2015	93
Figura 83 – Divulgando a rifa na cidade de Monte Santo – BA – 2015.....	93

Figura 84 – Iniciando o jogo – Monte Santo – BA – 2015	94
Figura 85 – A expectativa do povo	95
Figura 86 – Fim do jogo e hora do sorteio - Monte Santo – BA - 2015	96
Figura 87– Fim do jogo e hora do sorteio - Monte Santo – BA - 2015	96
Figura 88 - Seu Ramilton - Pai de Igor, o vencedor do jogo - Monte Santo - BA - 2015	98
Figuras 89 - 90 – Tirinha e eu – São Gabriel – BA – 2015.....	99
Figura 91 – O Povo se aproxima - São Gabriel – BA – 2015	100
Figura 92 – Iniciando a jogada - São Gabriel – BA – 2015	100
Figura 93 – Índio do Brasil – O premiado - São Gabriel – BA – 2015	101
Figura 94 – O Jogo e a Feira de Mutuípe – BA – 2015	102
Figura 95 – A expectativa do povo - 2015.....	103
Figura 96 – O anúncio do nome premiado	103
Figura 97 – A Emoção de Lucinéia, a vencedora – Mutuípe – BA – 2015	104
Figura 98 – Momentos de emoção desmedida	104
Figura 99 – Lucinéia junto ao prêmio, posando para foto ao meu lado.....	105
Figura 100 – Abertura do jogo na Feira de São Joaquim – Salvador – BA – 2015 .	106
Figura 101 – A Descoberta do nome secreto - Feira de São Joaquim – Salvador – BA – 2015.....	107
Figura 102 – Seu Manoel – O premiado - Feira de São Joaquim – Salvador – BA – 2015	107
Figura 103 – Visitando Dona Júlia – Lençóis – BA – 2015.....	112
Figura 104 – Visitando Dona Ana – Lençóis – BA - 2015	113
Figura 105 – Dona Rita	113
Figura 107 – Dona Birau	113
Figura 109 - Toni	Figura 110 – Jaciara.....
Figura 111 – Felipe e Catiene	Figura 112– Valtizia e Nivea.....
Figura 113 – Dona Cintia	Figura 114 – Dona Nena e Lia.....
Figura 115 – Dona Gení.....	115
Figura 116 – Abertura - Vendo Lençóis – Rumo às ruas - Lençóis – BA - 2015	116
Figuras 117 - 118 – Seguindo para o Alto das Estrelas - Lençóis – BA – 2015	117
Figura 119 – Iniciando a distribuição dos lençóis – Lençóis - BA -2015.....	118
Figura 120 – As portas se abrindo	118
Figura 121 - Rua do Lajedo.....	118
Figuras 122 – 123 – Ô, de Casa! aos moradores da Rua do Lajedo	119
Figuras 124 – 125 – Partindo para outro caminho	119

Figura 126 – Caminhando com Ricardinho Marques	120
Figuras 127 - 128 – Seguindo com a distribuição	120
Figura 129 – Percorrendo um trecho onde não houve distribuição	121
Figura 130 - Dando continuidade ao percurso	121
Figura 131 – O encantamento das crianças.....	122
Figura 132 – Ruazinhas tranquilas e moradora que se aproxima querendo saber do que se trata	122
Figura 133 – Panacuns esvaziando	122
Figura 134 – Entregando o Lençol a Dona Lilí – Um encontro que rendeu.....	123
Figura 135 – Abertura - Me Cubra com Lençóis - Lençóis - BA – 2015	124
Figura 136 – Primeiras pessoas chegando 1 - Lençóis - BA – 2015.....	124
Figura 137 – Primeiras pessoas chegando 2 - Lençóis - BA – 2015.....	125
Figura 138 – Intervenção em processo – Lençóis- BA – 2015.....	125
Figura 139 – Assinatura dos nomes de alguns participantes - Lençóis - BA – 2015	126
Figura 140 – A participação intensa da mulher de roupa quadriculada que apareceu de forma inusitada - Lençóis - BA – 2015	126
Figura 141 – O envolvimento intenso 1	127
Figura 142 – O envolvimento intenso 2.....	127
Figura 143 – Entregue ao que ocorresse	127
Figura 144 – Momentos de muita emoção	128
Figura 145 – A Praça vai lotando	128
Figura 146 – Levantando para devolver os lençóis aos participantes - Lençóis - BA – 2015	129
Figura 147 – Devolução dos lençóis em processo - Lençóis - BA – 2015.....	130
Figura 148 – A inusitada aparição de Dona Lilí - Lençóis - BA – 2015	131
Figura 149 – Dona Lilí se expande na praça - Lençóis - BA – 2015	131
Figura 150 - Um jogo que deslanchou-se por muitos minutos	132
Figura 151- Um encantamento especial.....	132
Figura 152 - Cobre, descobre, cobre.....	133
Figura 153 - Recita poesias, poeta diamante.....	133
Figura 154 – Deitadas podemos sonhar e contemplar a chegada da noite - Lençóis - BA – 2015.....	134
Figuras 155 -156 - Panfletos de divulgação em Feiras e Praças	135
Figura 157 – Abertura da intervenção no Bairro de Plataforma - Salvador - 2015..	138
Figura 158 – A aproximação do povo - Bairro de Plataforma - Salvador - 2015	139
Figura 159 – Hora do sorteio – Plataforma – Salvador – BA-2015.....	140

Figura 160 – Chuva de papel picado para Bruna	140
Figuras 161 - 162 – Bruna – A grande vencedora - Plataforma – Salvador – BA-2015	141
Figuras 163 - 164 – Divulgação no Nordeste de Amaralina – Salvador - BA - 2015	142
Figura 165 – Abrindo o jogo – Nordeste de Amaralina – Salvador - BA-2015.....	143
Figura 166 – A multidão se aproxima – Salvador - BA-2015.....	143
Figura 167 – As Crianças se empolgam – Salvador - BA-2015	143
Figura 168 – Daniel - O Grande premiado - Nordeste de Amaralina – Salvador – BA - 2015	144
Figura 169 - Abertura do jogo – Feira do Japão – Liberdade - Salvador – BA – 2015	145
Figura 170 – A multidão se aproxima – Salvador - BA - 2015.....	145
Figura 171 – Hora do sorteio - Feira do Japão – Liberdade – Salvador - BA - 2015	146
Figura 172 - Dona Júlia - Grande vencedora - Feira do Japão – Liberdade – Salvador - BA - 2015	147
Figura 175 – A Chegada na praça principal de Cajazeiras 10 – Salvador - BA – 2015	148
Figura 176 – A Empolgação da multidão - Cajazeiras 10 – Salvador - BA - 2015 ..	148
Figura 177 – O momento do sorteio - Cajazeiras 10 – Salvador - BA – 2015.....	149
Figura 178 – Divulgado o nome secreto - Cajazeiras 10 – Salvador - BA – 2015...	150
Figura 179 – Dona Lúcia, a grande vencedora - Cajazeiras 10 – Salvador - BA – 2015	150
Figura 180 – Chegando na casa de Dona Lúcia - Cajazeiras 8 – Salvador - BA – 2015	151
Figura 182 – Sol a pino e minha expectativa para a chegada do povo – Salvador – BA – 2015.....	153
Figura 183 – A Aproximação do povo – Itapuã - Salvador - BA – 2015	153
Figura 184 – O Momento do sorteio – Itapuã – Salvador - BA – 2015	154
Figura 185 – Elziane – A vencedora do jogo – Itapuã - Salvador - BA – 2015.....	155
Figura 186 – Elziane e Eu – Itapuã - Salvador - BA – 2015	155
Figuras 187 - 189 - Abertura - Forma de Bolo - Av Araújo Pinho – Canela – Salvador – BA – 2015.....	157
Figuras 190 - 192 – Interação do primeiro participante - Salvador – BA – 2015	158
Figuras 193 - 194 – Intervenção em processo de interação – Salvador – 2015	158
Figuras 195 - 196 – O povo saboreia o bolo – Salvador – BA – 2015.....	159
Figuras 197 - 198 – Intervenção em processo de compartilhamento.....	159

Figuras 199 - 200 - A forma vai esvaziando - Salvador – BA – 2015.....	160
Figuras 201 - 203 – Intervenção sendo finalizada – Salvador – 2015.....	160
Figuras 204 - 206 – Últimos participantes – Salvador – BA – 2015	161
Figura 207 – Forma vazia – Salvador - 2015	162
Figura 208 - Peso Líquido - Museu de Arte Moderna da Bahia – Salvador – BA – 2009	164
Figura 209 - Peso Líquido – Distribuição do açúcar 1 – Salvador – BA - 2009.....	164
Figura 210 - Peso Líquido – Distribuição do açúcar 2 – Salvador – BA - 2009.....	165
Figura 211 - Peso Líquido – Abertura da Mostra: A Produção da Mulher na Contemporaneidade – Museu de Arte da Bahia - Salvador – BA – 2016.....	166
Figura 212 - Distribuição da Farinha 1 – Museu de Arte da Bahia - Salvador – BA – 2016	166
Figura 213 - Distribuição da Farinha 2 – Museu de Arte da Bahia - Salvador – BA – 2016	167
Figuras 214 – 215 - Distribuição da Farinha 3 – Museu de Arte da Bahia - Salvador – BA – 2016.....	167
Figura 216 – 217- Pai e mãe, ouro de mina – Caetano Veloso – Imagens de 1969	171
Figura 218 - A Casa da infância - nesta época já era de propriedade do Srº Gregório – foi a minha última visita antes de sua demolição, na qual pude fazer esse registro, onde apareço na amável janela do meu quarto - 2005	173
Figura 220 - Foto tirada aos 9 meses, por um foto pintor, passageiro pela região - 1969	177
Figura 221 - No colo de vovó, como os três primos Adilson, Tania e Francisquinho - 1969	178
Figuras 222 – 223 - A festa da primeira comunhão – dezembro de 1978.....	178
Figura 224 - Aniversário de 12 anos -1982 Figura 225 – Vovô e eu - 1982	179
Figura 226 - Um encontro com vovô na casa de tia Zene - Vovô, prima Lêda e eu 1983	179
Figuras 227 – 228 - A festinha de 15 anos – Painho, mainha e eu - 1985.....	179
Figuras 229 – 230 - Meus primeiros livros a tabuada e o ABC	184
Figura 231 – Identidade Estudantil – Colégio Santo Antônio de Jesus - 1980.....	186
Figuras 232 – 233 - Peca-dor – 25ª Bienal internacional de São Paulo - 2005.....	187
Figura 234 – Chegando em Varzedo e apresentando meu gato Fredinho a prima Leda Férias - 1980	189
Figura 235 - Desfile comemorativo do aniversário da cidade - 1980.....	189
Figuras 236 - 237 - Amigos do Colégio Santo Antônio de Jesus - 1 - 1984	190
Figuras 238 – 239 - Amigos do Colégio Santo Antônio de Jesus - 2 - 1984	190

Figura 240 - O impecável jardim da Irmã Benedita - 1984	Figura 241 - Miss Colégio Santo Antônio -1985	190
Figura 242 - O desfile de 7 de setembro - 1985		191
Figura 243 - Imagem recente de Varzedo, ao fundo localiza-se a pastagem de "Antõe Preboy" - 2009		195
Figura 244 – Amigos da RESAJ na escada que dava acesso ao dormitório feminino - 1991		199
Figuras 245 – 246 - Imagens da casa em momentos festivos, publicadas em meu perfil no facebook – 2016		203
Figuras 247– 248 – Comentários do público, sobre a festa, 1 - 2016		203
Figuras 249– 250 – Comentários do público, sobre a festa, 2 - 2016		204
Figuras 251 – 252 – Bodas de Ouro do Rei e da Rainha - 2015.....		204
Figuras 253– 254 – A casa e a festa de Bodas de Ouro - 2015.....		205
Figuras 255– 257 – Os comentários sobre a festa – 2015.....		205
Figuras 258 – 260 – Momento Bolsa Sandúiche - 2016.....		208
Figura 261 – Momento Bolsa Sandúiche - 2016		208

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Mapa rodoviário do Estado da Bahia-2002	34
Mapa 2 - Geral das Intervenções	35
Mapa 3 - Série Partindo	37
Mapa 4 - Série Jogo e Troca.....	71
Mapa 5 - Mapa da cidade de Lençóis, sinalizando o Alto das Estrelas.....	110
Mapa 6 – Bairros onde realizei A Poética do Caminhar	137

SUMÁRIO

1 ABERTURA	22
2 O MAPA E SUA CARTOGRAFIA DE LEITURAS	27
3 SÉRIE PARTINDO	37
3.1 PARTINDO COM ANTÔNIO	37
3.2 PARTINDO COM EVANDRO	42
3.3 PARTINDO COM OSVALDO	45
3.4 O HOMEM DE AÇO E A MULHER DE VIDRO	52
3.5 PEDRA FALSA.....	56
4 SÉRIE JOGO E TROCA	71
4.1 ANDANDO E DORMINDO: A SORTE É CEGA	85
4.2 VENDENDO LENÇÓIS	108
4.3 ME CUBRA COM LENÇÓIS	123
4.4 A POÉTICA DO CAMINHAR: A SORTE É CEGA.....	134
4.5 FORMA DE BOLO	156
4.6 PESO LÍQUIDO.....	163
5 RAIOS – UM MODO DE HABITAR A CASA ATELIER.....	169
5.1 A CASA DA INFÂNCIA.....	171
5.2 A IMERSÃO NO MUNDO DAS COISAS GIGANTES	184
5.4 Ô, DE CASA!.....	201
5.5 RESIDÊNCIA ARTÍSTICA: PRIMEIRO INSIGHT.....	206
6 CONCLUSÃO	219
REFERÊNCIAS.....	222
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	225
Anexo A – Convite da mostra individual realizada no Goethe Institut da Bahia em 15/05/2015	227
Anexo B – Convite da mostra individual realizada no Museu Eugenio Teixeira Leal em 30/07/2015	228



1 ABERTURA

Trata-se de uma pesquisa em poéticas e processos de criação, vinculada ao doutorado no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (PPGAV-EBA/UFBA). Para tratar do processo criativo nessa tese, fiz um recorte na minha produção, e irei aqui apresentar, refletir e compreender amplas relações em meu *trajeto criativo*, mas focando prioritariamente trabalhos realizados entre os anos de 2013 a 2016, quando me encontrei imersa na parte prática da pesquisa vinculada ao doutoramento.

No princípio da pesquisa muitas perguntas nasceram e algumas prosseguiram, cito questões tais como: quais princípios enxergo nos trabalhos já realizados? Como tempo e memória dialogam com meu processo de criar? Como ocorre meu processo de criação? O que é recorrente em meus procedimentos para criar? O que me instiga como artista no percurso atual? Quais artistas se aproximam do meu modo de operar a criação? Como e porque essas intervenções podiam contribuir com a valorização das culturas locais? Seriam as intervenções um meio para retroalimentar um pensamento sobre si mesmo?

A partir desses questionamentos, cheguei a pensar que essas intervenções serviriam como fio condutor para explorar culturas variadas, criando condições de trânsito, vivenciando questões de nomadismo, que poderiam desembocar em obras com grande nível de interação.

Desse modo, fui ordenando a compreensão de obras já realizadas e elaborando novas proposições nas quais reconheci características e/ou princípios dominantes na construção das ações/intervenções, tais como: 1. O espaço público como meio; 2. O deslocamento e a intervenção; 3. O jogo e as trocas; 4. Os desafios e as incertezas; 5. A participação do espectador e a interação convivial e relacional, fortalecendo em mim o desejo de doar.

Essas experiências, além de se estenderem por espaços públicos, incluindo feiras públicas, ruas e praças no interior e capital, também despertaram em

mim o desejo de abrir a privacidade da casa-atelier com o projeto RAIO – Residência Artística Ieda Oliveira.

Do ponto de vista da abordagem filosófica, trata-se aqui de compreender como o próprio caminho e modo de fazer do artista vão definindo ao mesmo tempo sua poética e seu modo de pensar. Para tal empreitada, apoio-me no que defende a professora Sonia Rangel em sua metodologia para processos de criação, articulando, entre outros, dois autores, Michel Maffesoli (1995) e Luigi Pareyson (1993):

Do ponto de vista da abordagem filosófica, inspiro-me no que defende Michel Maffesoli em sua sociologia compreensiva, isso significa colocar-se dentro, em processo, em contato, sem um pré-modelo a ser comprovado, sem um pré-conceito, numa atitude de reconhecer o que emerge ou se configura como fluxos do pensamento encarnado nas ações, princípios da criação, ou seja, compreender, na medida do possível, a invenção e a recepção para o artista da sua própria obra; e, no campo das ideias, compreender como o próprio pensamento opera em suas recorrências e originalidades. (RANGEL, 2006, p.311).

Assim sendo, é o processo do fazer artístico que convoca e fortalece a construção “teórica”:

A produção artística é uma aventura, e com razão já se disse que o artista é um jogador tentando a sorte: sua execução é ao mesmo tempo procurar e encontrar, tentar e realizar, experimentar e efetuar [...] Antes, nada se pode dizer, pois no curso do processo domina a incerteza e o perigo do fracasso. (PAREYSON, 1993, p 69).

É a *Teoria da Formatividade*, de Luigi Pareyson, alicerçando a forma de abordar a criação artística e, como consequência, a sua metodologia de pensar a obra de arte a partir e dentro do próprio fazer do artista que inventa seu modo de criar e de escrever.

A tese, além desta **Abertura**, e da parte seis, uma **Conclusão**, se encontra dividida em mais quatro partes.¹

¹ A imagem da capa bem como das lâminas que dividem os capítulos fazem parte da série O pé que não anda não dá topada, em fotos de Marcondes Dourado, por ele gentilmente cedidas.

Na segunda, intitulada **O Mapa e sua Cartografia de Leituras**, desenvolvi e apresento um mapa estrutural que me serviu de guia, tornando-se um instrumento metodológico central para uma compreensão geral para desenvolver uma leitura cartográfica das muitas intervenções realizadas em tempos e espaços diferenciados durante o período do curso. Além de mapas geográficos dos quais também me utilizei, o mapa das intervenções, por mim criado, reaparecerá desenvolvido em outras partes, detalhando e complementando informações. Na terceira parte, **Série Partindo**, apresento cinco intervenções, duas realizadas no interior da Bahia e três na capital. São trabalhos que não dependi da participação direta do público para que eles acontecessem.

Na quarta parte, introduzida também pelo detalhamento do mapa, situa-se a **Série Jogo e Troca**, quando trago ao leitor mais seis intervenções: três aconteceram na capital e três no interior baiano. Nestes casos, foi imprescindível a participação direta do público para a realização das ações.

Este mapa e seus desdobramentos associados a capítulos diferentes é o resultado do levantamento que consegui fazer, que me deu visibilidade para identificar os Princípios e os Procedimentos gerais em cruzamentos com todos os trabalhos desenvolvidos nessa época, e também as especificidades de cada um. Assim, pude distribuir todas as realizações artísticas, classificando por título da intervenção, ano de execução, objetos, materiais e animais utilizadas em cada uma, local de realização, participante convidado e colaborador das ações. Essas intervenções, mesmo separadas por séries, serão apresentadas ao leitor em ordem cronológica, buscando dar uma compreensão geral dos percursos durante essa temporada quando transitei por diferentes lugares, valorizando a escala entre corpo, espaço, tempo, interação e comportamento, vivenciando o cotidiano, os valores e os costumes locais através de processos artísticos que desembocaram em formas reflexivas tanto para mim enquanto artista-pesquisadora como para o sujeito-social de cada localidade onde permaneci temporariamente.

Já na quinta parte, intitulada **RAIO - Um Modo de Habitar a Casa Atelier**, trato do tema da casa e lanço o projeto RAIO (Residência Artística Ieda Oliveira) na

casa onde já vivo imersa há alguns anos, e é nesse lugar que pode ser um refúgio do grande mundo, ou mesmo uma janela para um mundo de sonhos infinitos e viagens intermináveis, que me permito transitar por diversas “casas” nas quais já habitei, especialmente onde vivi a infância. Esses deslocamentos estabelecidos pela memória, ou mesmo pela presença material das centenas de objetos que venho acumulando ao longo da vida, me instigaram a uma escrita necessária na qual, de certa forma, revelei um cotidiano íntimo e, ao mesmo tempo, expandido e compartilhado com dezenas de pessoas que adentraram a porta do apartamento 104, localizado na Rua Tuiuti, no bairro do Dois de Julho, no centro da capital baiana, ou que conhecem minha casa através do meio virtual, onde disponibilizo imagens, ampliando esse espaço doméstico através do compartilhamento em um espaço mais público. Alguns visitantes foram convocados por mim para escrever um breve depoimento relatando suas experiências dentro da RAIO, como também para contribuírem em outras partes, desde a casa da infância até a atual, com relatos e memórias que compõem esse capítulo.

Por fim, na parte seis, como **Conclusão** retomei as questões postas no início para realizar uma breve reflexão abrindo, inclusive, sugestões de futuros desdobramentos da pesquisa como artista diante das experiências vivenciadas no percurso. Nesse tempo, me permiti experimentar convívios e lugares inusitados, estabelecendo uma relação de jogo e troca e construindo laços afetivos efêmeros e duradouros.



2 O MAPA E SUA CARTOGRAFIA DE LEITURAS

Perder-se também é caminho.
Clarice Lispector

O tempo, tão sabido e com uma velocidade voraz, foi me levando por tantas experiências, onde e quando, nesse decorrer, desenvolvi práticas em processos perpassando por várias linguagens, as quais não pretendo categorizar separadamente, pois se sabe que essa desorganização categórica é um sintoma do nosso tempo, quando os meios se fragmentam e se aglutinam. Assim, contemporaneamente, optei por denominar meu trabalho como intervenção.

Driblei muitos dias e as madrugadas me ofereciam sonhos da escrita. Fui colocando tudo no embrulho que carrego e desviando o caminho em faxinas intermináveis, quando o ruído da vassoura sobre o chão me trazia canções dos quintais e cheiro de jasmim. Tudo se estremece na cabeça e no coração, uma ânsia gritando, mas havia um limite mantendo-me adormecida, ruminando as cenas e as histórias vividas naqueles dias de passos largos e lentos.

As experiências saboreadas ainda estavam em processo de repouso, alimentando os meus dias até nascer o desejo de colocá-las no papel. Saber esperar parecia angustiante, mas era necessário obedecer à natureza deste momento, a experiência de compreender. Falando sobre a experiência, Jorge Larrosa Bondía nos coloca que,

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA, 2002, p.24).

Segundo ele, só podemos passar pela experiência se algo nos toca verdadeiramente. E, nos dias de hoje, com a velocidade voraz dos acontecimentos, e o desejo incessante de informação, apenas passamos pelas coisas, mas raramente podemos viver a experiência que é algo singular para cada um e que necessita de uma entrega, de uma disponibilidade.

Em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como território de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. (BONDÍA, 2002, p.24).

As intervenções que realizei me colocaram e me exigiram um estado e um modo de entrega, de doação, abertura e exposição tamanhas que, talvez, durante os processos de execução eu nem tenha conseguido me dar conta da sua total intensidade, justamente por estar imersa na experiência, tomada por ela, mas não em estado de “passividade”, a não ser como nos situa Larrosa:

Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. (BONDÍA, 2002, p.24).

Diante dessa reflexão, sinto-me aproximada da rara possibilidade de *experiência* colocada pelo autor. Li e reli o texto para compreender de modo claro o ponto de vista e, dessa maneira, me identifiquei com ele, quando discorre: “O saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. [...] Por isso, o saber de experiência é um saber particular, subjetivo, relativo contingente, pessoal.” (BONDÍA, 2002, p.25-27). Assim, me coloco nas variadas intervenções sobre as quais discorro no decurso dessa tese, como uma criatura que se colocou em exposição para vivenciar a experiência. Momentos tão importantes e marcantes no decorrer do trajeto que agora passo a compartilhar de forma escrita com os caros leitores.

Como fazer pra começar? O mapa foi a estratégia inventada, que no aspecto operacional da metodologia colaborou com essa compreensão e escrita. Numa manhã nublada, onde céu e mar se misturam em tons cinzentos, caminho pelo

tempo da memória carregando um grande embrulho amarrado com longos metros de barbante; a cada passo as linhas vão se frouxando para o nascimento do rio de palavras sobre dezenas de páginas em branco que esperam a poesia semeada por aí afora, onde transitei nesse tempo tão longo e tão curto. Atiço a brasa que está adormecida. Suas faíscas sobem lentamente em uma dança que trama e transborda a recordação guardada na gaveta número 9, construída por volta de abril de 2014, quando entendi que ali começava o novo jogo o qual resolvi, a princípio, batizar de *Andando e Dormindo*. Neste compartimento secreto lotado de sonhos, encontros e afetos fincados por toda vida, estão ordenados dezenas de ações que, em um percurso muitas vezes frenético e sedutor, fui levada à entrega sem plano e me deixei flunar em feiras, praças, ruas e quartos escuros de pequenos hotéis onde passei boa parte das noites fazendo rimas pra alumiar cada parada.

O ato de caminhar é realizado desde os tempos mais remotos da humanidade quando os trajetos eram demarcados com rochas alinhadas, cuja interpretação na história, entre outras, era mapear caminhos e cruzamentos que serviam como pontos de orientação registrando os rastros. O caminhar se encontra, também, poeticamente implicado nesta proposta de trabalho, traduzido em registros que deram origem ao conjunto de obras aqui relacionadas. As andanças e paragens, em um roteiro algumas vezes definido; e outras, não, deixando meu corpo à deriva por caminhos em busca de novos olhares e experiências que se tornaram o fio condutor para o desenvolvimento e resultado das ações que executei.

Andar: eis a nossa missão revolucionária depois das décadas em que moldamos nossas cidades ao prazer dos carros (MELO, 2017, p 12). Para o arquiteto italiano Francesco Careri, e para a escritora estadunidense Rebeca Solnit, o ato de caminhar implica diversos aspectos: o estético, o político e o ético. Da forma mais natural de locomoção onde podemos com os nossos próprios pés conduzir nosso corpo para diferentes pontos. Essa nova proposta, apontada pelo italiano, de desbravar a cidade sem a utilização do transporte motorizado ao qual nos rendemos, traz impacto para o sujeito caminhante aproximando-o do contato com a natureza, com a arquitetura e, sobretudo, com

o outro, enriquecendo as experiências diárias. Sabemos que muitas vezes o ato de caminhar é substituído pelo deslocamento em carros particulares ou transporte público, isso porque alegamos a falta de tempo, já que vivemos em um mundo que tem pressa e quase sempre estamos cronometrando esse tempo, além disso, sofremos com o medo que a violência nos apresenta. Esses aspectos vem nos afastando cada vez mais das experimentações onde nos lançamos como andantes e contemplantes no espaço público.

O propósito de estudar o cotidiano, os valores e os costumes locais através de processos artísticos trouxe formas reflexivas tanto para mim, enquanto artista/pesquisadora como para o sujeito-social de cada localidade, onde permaneci, temporariamente, descortinando um mundo provisório e efêmero.

Submersa em processos híbridos que perpassaram o desenho, a pintura, a intervenção, a fotografia, o vídeo, as anotações, a performance, a escultura e tantas outras categorias, percorro um trajeto que vai além das fronteiras da arte contemplativa, sempre com a intenção de contribuir trocando saberes, sempre avaliando as muitas maneiras de se pensar o fazer artístico na contemporaneidade.

Falando em contemporaneidade, quero aqui sinalizar o pensamento do filósofo italiano Giorgio Agamben sobre o seu entendimento do que é ser contemporâneo, pois ele propõe algumas definições no seu modo de interpretar, e nos afirma que,

A contemporaneidade, portanto é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; [...] Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro [...] Perceber no escuro do presente essa luz que procura nos alcançar e não pode fazê-lo, isso significa ser contemporâneo.

E por isso ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós. (AGAMBEN, 2009, p.59 - 65).

Diante desse modo de pensar de Agamben, me recordo a fala dos meus pais, que sempre afirmam: “a gente tem que andar com os tempos”, ou seja,

acompanhar essa evolução veloz com o intuito de “não ficar pra trás”, mas ao mesmo tempo deixar-nos que a sombra do passado “distante” penetre os dias presentes, porque este passado está vivo dentro de nós, nos permitindo beber em suas fontes quando desejarmos.

Ainda sobre esse questão de “Andar com os tempos”, ou seja, ser contemporâneo, falando em arte, Katia Canton nos diz que,

A arte precisa ser repleta de verdade. Precisa conter o espírito do tempo, refletir visão, pensamento, sentimento de pessoas, tempos e espaços. [...] No emaranhado disperso da vida cotidiana, afinal, procuramos o eu através do outro, rastreamos nossa história e abrimos nossos diários íntimos na tentativa de nos oferecer verdadeiramente para o mundo. É essa troca genuína de memórias e de sentidos que buscam os artistas contemporâneos. (CANTON, 2009, p. 13, 35).

Ora, sabemos que quando partimos para o percurso exploratório somos tomados por *insights* e um amplo universo de imagens, de objetos e de pensamentos nos visita de forma instigante, onde quase tudo se torna possibilidade de criação diante do olhar. Dessa forma, sou levada nas vastas experiências que o dia a dia vem me oferecendo e, através da construção poética, esses elementos ganham desdobramentos, renascendo a partir do meu sonho, onde os elejo como arte.

Para a abordagem da Estética Relacional, utilizei o livro do ensaísta, curador e crítico de arte francês Nicollas Bourriaud,

Hoje a prática artística aparece como um campo fértil de experimentações sociais, como um espaço parcialmente poupado à uniformização dos comportamentos. (BAURRIAUD, 2009, p.15).

Nas práticas artísticas que venho desenvolvendo desde os anos 1990, foi ficando cada vez mais visível o desejo de interagir com os espectadores na formação dos trabalhos. Os primeiros lampejos aconteceram em 1997 com a instalação *Bateria Assombrada*, apresentada na Galeria Cañizares, pertencente à Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (UFBA). A proposta consistia num convite ao público para balançar uma

corrente que estava presa à iluminação, e este ato fazia com que as sombras dos objetos que estavam presos na parede se movessem em várias direções na galeria.

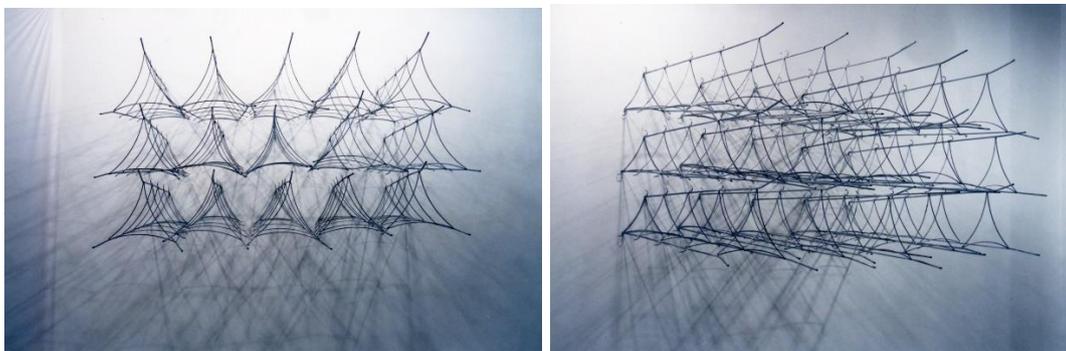


Figura 1 - 2 – Bateria Assombrada – 1997

Em 1999, na instalação ***Óculos de ferro pra Cabeças Duras***, apresentada na minha primeira mostra individual no Instituto Cultural Brasileiro na Alemanha, em Berlim (ICBRA), um conjunto de vinte estruturas de óculos, redimensionadas, ocupava uma grande parede e, na abertura da mostra, a partir da iniciativa não prevista de um espectador, as taças nas quais estava sendo servido o vinho eram lançadas por cada espectador-participante sobre a parede onde o trabalho estava instalado, fazendo um amontoado de cacos de vidro sobre o chão.

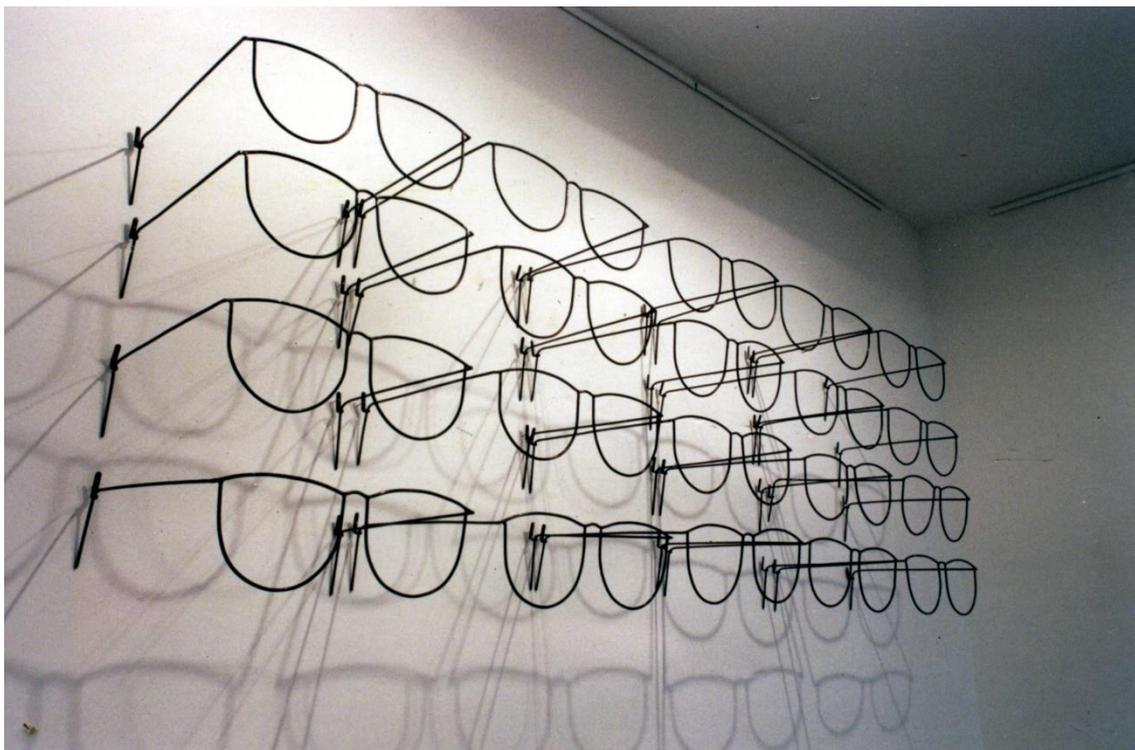


Figura 3 - Óculos de Ferro pra Cabeças Duras - 1999

Daí em diante, me senti cada vez mais instigada por esse convívio experimental, seguido por um desejo absoluto de ultrapassar os espaços institucionalizados e deslocar as ações para espaços inusitados, como ruas de pequenas e grandes cidades, levando essas práticas conviviais a um público muitas vezes sem acesso à arte. Para mim, tornou-se fundamental essas experimentações onde tudo podia ocorrer, visto que a rua como espaço abre brechas para situações variadas o que, geralmente, não acontece em locais privados que são controlados por seguranças e câmeras. Sair desse controle faz com que o sujeito esteja disponível a qualquer acontecimento. Desafiar esses territórios através de ações poéticas tem gerado em mim, enquanto artista, uma série de incertezas a cada vez que me proponho estar nesses lugar como gatilho e participe das ações. As expectativas em torno da recepção do sujeito social de cada local escolhido e dos que se disponibilizam a participar das ações propostas por minhas intervenções, em muitas das experiências que vivi, geraram dúvidas e, também, em algumas situações, o medo veio à tona. Sentir-se vulnerável despertou em mim novas possibilidades de aproximação, quando foi possível provocar rupturas e, através do afeto, os envolvimentos nasciam, fazendo com que essa rede de relacionamentos

Cidades	Intervenções realizadas	Quant.	Total de intervenção por local
Mutuípe	Partindo com Antônio Andando e Dormindo: A Sorte é Cega	1 1	2
Salvador	Partindo com Osvaldo Partindo com Evandro O Homem de Aço e a Mulher de Vidro Andando e Dormindo: A Sorte é Cega A poética do Caminhar: A Sorte é Cega Forma de Bolo Peso Líquido	1 1 1 1 5 1 2	12
Ubaíra	Andando e Dormindo: A Sorte é Cega	1	1
Monte Santo	Andando e Dormindo: A Sorte é Cega Pedra Falsa	1 1	2
São Gabriel	Andando e Dormindo: A Sorte é Cega	1	1

Mapa 2 – Geral das Intervenções

Tudo isto colaborou para compor os meus mapas e cartografias, que se encontram no decorrer do texto e, a partir deles, passo a expor e explorar minhas andanças atuais como uma cartografia de leituras, entre as muitas que consegui fazer.



3 SÉRIE PARTINDO

Compõem esta parte as Intervenções realizadas entre 2013 e 2014 configuradas como **Série Partindo**, pois são circuitos caminhados em duas cidades do interior da Bahia, Mutuípe e Monte Santo, e outros na capital baiana. Nessas intervenções, não fiquei a depender de uma participação ativa do público para que elas acontecessem, pois este público era participante no sentido de apreciar a minha passagem pelas ruas desses locais, ao contrário da série **Jogo e Troca**, que só era possível com participação direta.

SÉRIE PARTINDO	ANO	OBJETOS/ MATERIAIS/ ANIMAIS/	LOCAL	PARTICIPANTES CONVIDADOS	COLABORADORES
Partindo com Antônio	2013	Carrinho de mão, animais infláveis, frutas e flores.	Feira Livre Mutuípe/ BA.	Antônio	Viviane Viriato, Nilson Moura, Maria Do Carmo, Antônio Carlos, Nataly Moura, Maryse Brito
Partindo com Osvaldo	2013	Carrinho de mão, animais infláveis, frutas e flores.	Feira de São Joaquim - I Salvador/BA	Osvaldo	Janie Hohenstein, Dieter Kronzucker, Arthur Scovino, Silvio Scovino
Partindo com Evandro	2014	Carrinho de mão, animais infláveis e frutas.	Feira do Largo 2 de Julho Salvador/ BA	Evandro	Ayrson Heráclito
O homem de aço e a mulher de vidro	2014	Plástico filme e papel alumínio	Rua Carlos Gomes e Largo 2 de julho Salvador/BA	M.B.O, Virginia de Medeiros, Arthur Scovino	Fabio Gatti, Silvio Scovino, Jonathas Medeiros, Eunice Oliveira
Pedra Falsa	2014	Figurino e uma pedra falsa	Subida da Santa Cruz. Monte Santo/ BA.	Fabio Salmeron, Jonathas Medeiros	

Mapa 3 - Série Partindo

3.1 PARTINDO COM ANTÔNIO

Antônio me levou por uma bagatela! O mesmo que ele cobraria para carregar a feira de um cidadão até a casa. E, mesmo assim, como uma mercadoria, lancei-me em seu veículo, não importava para ele cobrar mais caro, ele queria trabalhar e ali seria mais uma corrida em seu carrinho de mão, que é também conhecido popularmente como “galeota.”



Figura 4 – Partindo com Antônio - 2013



Figura 5 – Partindo com Antônio - Detalhes do percurso

Em algum mês de 2013 segui para a cidade de Mutuípe, centro sul da Bahia, para realizar uma oficina de arte na Casa de Cultura local. Como sempre gosto de fazer, convidei os participantes para irmos à feira no sábado. Lá, faríamos uma série de experimentações a partir da experiência poética travada pelo olhar de cada um. Ao chegar no local fui surpreendida por um homem que, em um terreno descampado, ergueu um barbante e pendurou dezenas de animais infláveis, que dançavam com a brisa, e traziam um colorido fantástico aos olhos de quem por ali passasse.

Como colecionadora de objetos, me apropriei de uma linda gata cor-de-rosa, que batizei de Natahally. Saímos abraçadas caminhando pelos corredores da feira. Enquanto o grupo de alunos se espalhava construindo ações com os feirantes, me deparei com uma enorme fila de homens e meninos que se posicionavam entre os braços de seus carros de mão para carregar a feira do povo até a residência. Nesse instante, fui tomada pelo tal *insight* e saí perguntando, a um por um, por quanto me carregariam até um destino próximo. Os preços começaram a ganhar um tom de bolsa de valores, eram sempre bem maiores do que o simbólico R\$ 3,00 cobrado habitualmente. Daí, cheguei junto a um rapaz, que já expressava um olhar curioso, e perguntei: “qual o seu nome, querido?”. Ele, prontamente, disse: “me chamo Antônio”. Conversamos um bocadinho e o seu bafo de cachaça já dominava o ar. Antônio me disse que me levava por R\$ 3,00. Fechamos o negócio e ele se organizou para partirmos. Seu carrinho, bem velho, preservava ainda umas partes brancas e outras com ferrugem, as quais davam muito charme. Ele arrumou um jornal que estava por ali, no chão, e usou com uma almofada para tapar uns buracos para que eu pudesse me acomodar durante o percurso. Saímos em alta velocidade percorrendo a feira de piso irregular, Antônio elaborava manobras arriscadas, e o público gritava “vai virar... Segura!”. Mas, ali, estávamos em um jogo de confiança e alegria.



Figura 6 – Saindo da feira de Mutuípe - Rumo às ruas da cidade



Figura 7 – Rumo ao Centro de Cultura de Mutuípe

Quando alcançamos a rua, o comércio parou para assistir a passagem de Antônio e a mulher que carregava um gato plástico, um pé de alface e um buquê de flores amarelas. Uns diziam, “ela é cega”; outros: “é aleijada”; ou, então: “isso é arte é o povo do centro de cultura”, e as indagações não paravam. Dentro de instantes, chegamos ao nosso destino, a Casa de Cultura de Mutuípe, onde Antônio brecou seu veículo e não demonstrou vontade de ir embora. Vi que ele estava tomado por uma força diferente, que se alicerçava pela experiência poética que estávamos construindo. Convidei-o para entrar e, junto com todos os participantes da oficina, articulamos uma prosa sobre aquela manhã. Antônio e eu só nos deixamos depois de um forte abraço e o carregador de feira me disse: “estou aqui, se precisar eu posso lhe levar”, foi quando nos abraçamos outra vez e choramos.



Figura 8 – Desenho realizado após a intervenção

No retorno para o hotel escrevi e fiz um desenho sobre o acontecimento, compreendi que essa intervenção foi a abertura da minha pesquisa prática referente ao curso de doutorado. Fiquei muito emocionada, pois em momento algum planejei algo tão especial para essa passagem por Mutuípe, mas as ocorrências do acaso fizeram com que essa intervenção nascesse na feira da pequena cidade do Vale do Jiquiriçá, tendo como parceiro um homem simples, destemido e sensível, com quem pude compartilhar momentos de extrema alegria e troca.

Em 2014, essa experiência de circular pelas ruas e feiras em um carrinho de mão, portando produtos da feira e objetos infláveis, é retomada. A convite da produção do Circuito Cultural do 2 de Julho, apresentei essa intervenção no bairro Dois de Julho, em Salvador (BA), onde resido há 16 anos.

3.2 PARTINDO COM EVANDRO

Para esse trajeto, os procedimentos foram um pouco diferentes. Adquiri vários animais infláveis em uma loja de produtos chineses, localizada no mesmo bairro da apresentação, e não foi tão fácil encontrar alguém disponível para me conduzir. Dentre dezenas de feirantes que estão todos os dias no local, bem poucos utilizavam o carrinho de mão. Quando encontrei Evandro, homem moreno, marrento e de olhar atravessado, fui chegando de mansinho e perguntando o preço da manga, porque o seu carrinho estava abastecido desse tipo de fruta e parecia que tão cedo não iria esvaziar. No desenrolar de nossa conversa lancei a minha proposta para que ele me conduzisse, e ele foi logo dizendo que não ia ser possível, visto que pela tarde ele ainda deveria ter muitas mangas para vender. Nessa hora não tive escapatória, me comprometi em comprar todo resto do estoque para que ele se comprometesse a me transportar. Acertamos o valor das frutas e também o valor de seu serviço de carroto pelo bairro. Acordo feito, mais uma história engatada, às 14h40 nos reencontramos para concretizar o acerto e iniciar a intervenção. Evandro tinha pressa, me dizia o tempo todo que ainda ia atravessar o mar pra chegar em sua morada lá nas bandas de Itaparica. Tentei acalmá-lo para que sua ansiedade não atrapalhasse a nossa história.



Figura 9 – Partindo com Evandro – Salvador – BA - 2014



Figura 10 – O trajeto e suas paradas no Largo 2 de Julho



Figura 11 - Os últimos momentos do percurso



Figura 12 – O pagamento e a despedida

Percorremos o largo das flores onde comprei girassóis e, em seguida, passamos por outras ruas onde adquiri frutas e folhas, completando todo roteiro que eu havia planejado. Evandro me deixou de forma muito rápida. Depois que paguei seu serviço, ele exalou pelas ruas estreitas me deixando de herança um enorme saco de mangas, que saí destrubuíndo com o povo da rua. O mais surpreendente é que, nesse mesmo ano, recebi um telefonema de uma produtora alemã me propodo apresentar esse trabalho para documentário de uma TV alemã, a N24, com direção do professor doutor Dieter Kronzucker. Não me passava pela cabeça uma nova edição dessa intervenção, acreditava que ela iria se encerrar na segunda apresentação, mas diante da solicitação, escolhi como território de apresentação a Feira de São Joaquim, pela sua magia e beleza, e para lá seguimos no intento dessa nova construção.

3.3 PARTINDO COM OSVALDO



Figura 13 – Partindo com Osvaldo – Salvador – BA - 2014

Os becos dessa feira, a de São Joaquim, não são estranhos pra mim. Ali, já transitei muitas vezes namorando materiais, conversando com feirantes, comprando, biritando e construindo um grande afeto pelas pessoas e pelo local, o que tornou-me uma frequente visitante.

La vem ele com seu carrinho de mão que é o ganha-pão de cada dia. Portando crachá de identificação “Autônomo 340”, olhei em seus olhos verdes e pensei: “ele irá me conduzir nessa história”. Sujeito tímido, porém de larga simpatia e disponibilidade, sabia de tudo que a gente precisava. A nossa primeira partida foi em direção à uma oficina para inflar os animais dando tridimensionalidade, pois nessa empreitada, levei no meu zoológico ambulante apenas girafas. Depis de tudo pronto, iniciamos um percurso que o próprio Osvaldo se responsabilizou em decidir, pois ele, mais do que ninguém, conhece a feira e

suas vielas; feira onde quase tudo se encontra, a simpatia das pessoas transborda em cada olhar, e em cada riso, o que dispensa até mesmo a prosa.



Figura 14 – A chegada à Feira de São Joaquim e a descoberta de uma oficina para inflar as girafas



Figura 15 – Inflando Girafas 1



Figura 16 – Inflando Girafas 2



Figura 17 – O Início do trajeto



Figura 18 – O Percurso sendo realizado e registrado pela TV Alemã N24



Figura 19 – As paradas para as compras



Figura 20 – A parada para as compras na banca de quiabos



Figura 21 – Comprando alface na banca de Manoel



Figura 22 – Doando uma girafa para o vendedor de jenipapo

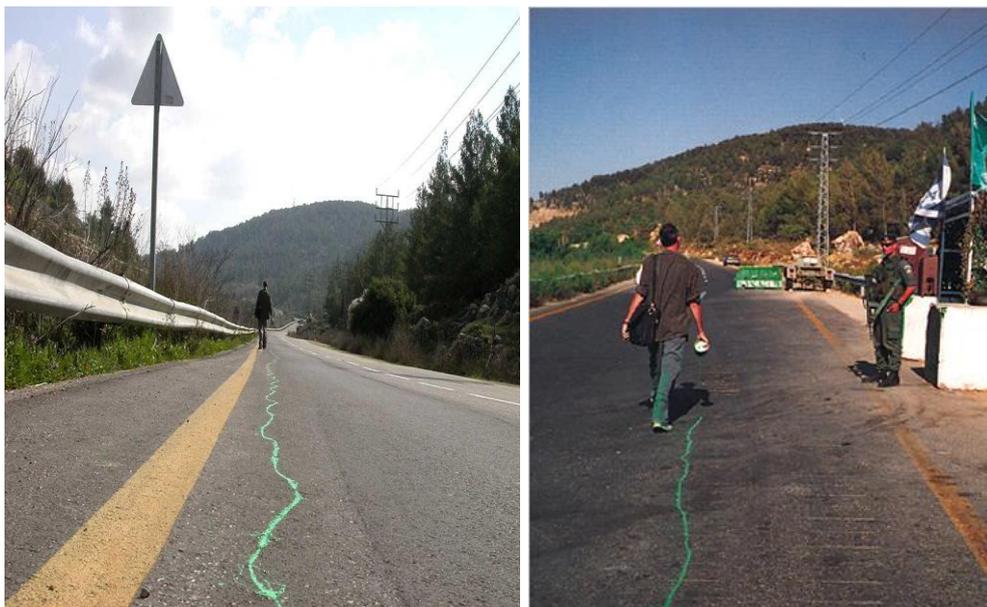
Realizamos um longo percurso onde fui adquirindo variados produtos da feira. Os feirantes ficaram tão entusiasmados, que muitos deles não queriam cobrar por suas mercadorias. Ganhei quiabos, caju, pimentas e até mesmo uma cachacinha. Outros me pediram as girafas para presentear os filhos na volta para casa. Acabei me rendendo aos doces pedidos e distribuindo os animais no final da intervenção.

Essas experiências aqui tratadas me aproximam da acepção do personagem *Flanêrie*, indicado por Charles Baudelaire, um dos principais poetas da modernidade, e pelo artista Francis Alÿs, de origem Belga, mas radicado na Cidade do México. Ambos entendem o ato de caminhar como um mecanismo de coleta para a construção de suas obras. Sendo admiradora da obra de Alÿs, escolhi três dos seus trabalhos que dialogam de algum modo com minhas experiências. A intervenção ***The Collector*** (1990-1992) trata-se de um pequeno objeto *dog-like* com rodas de borracha e corpo magnetizado. Alÿs percorreu as ruas da Cidade do México puxando o objeto por um tipo de cordão e todo material metálico encontrado no trajeto era capturado de forma aleatória. Chegando ao final do percurso, o pequeno cachorro objeto havia recolhido as sobras metálicas da cidade encontradas pelo caminho.



Figura 23 - Francis Alÿs - The Collector – Cidade do México - 1990 /1992

Já na obra *The Green Line*, realizada em junho de 2004, ele atravessa a cidade de Jerusalém carregando uma lata e derramando, por um pequeno orifício, 58 litros de tinta verde em um trajeto de 24 km. “Às vezes, fazer algo poético pode tornar-se político e, às vezes, fazendo algo político pode se tornar poético.” Logo depois um documentário sobre a caminhada foi apresentado a um grupo de pessoas que ele convidou para que reagissem espontaneamente às ações e circunstâncias nas quais foram feitos os trabalhos. Essa ação aconteceu, inicialmente, no verão de 1995, quando realizou uma caminhada na cidade de São Paulo, carregando um balde furado que derramava tinta azul por todo trajeto. Alÿs se perde na cidade e guiou-se pelas marcas que construiu para retornar ao ponto de partida.



Figuras 24 e 25 - Francis Alÿs - The Green Line – 2004

Paradoxo da Praxis 1 (1997) é o registro de uma ação que durou mais de nove horas: sob a rubrica de “às vezes, fazemos algo que não leva a nada”. Alÿs empurrou um bloco de gelo pelas ruas da Cidade do México até que derretesse completamente. Ele diz: “assim, por hora após hora, eu lutei com o bloco retangular essencialmente Minimalista até que, finalmente, foi reduzido a não mais do que um cubo de gelo adequado para um whisky *on the rocks*, tão pequeno que eu poderia chutar casualmente ao longo da rua.”



Figuras 26 e 27 - Francis Alÿs - Paradoxo da Praxis 1 - 1997

Allys afirma que o ato de caminhar é uma atividade criativa, e é por meio dela que ele encontra referências conceituais e matérias para a construção de suas obras. Considero que atitudes e procedimentos semelhantes eu mantive na minha caminhada criativa pela Feira de São Joaquim.

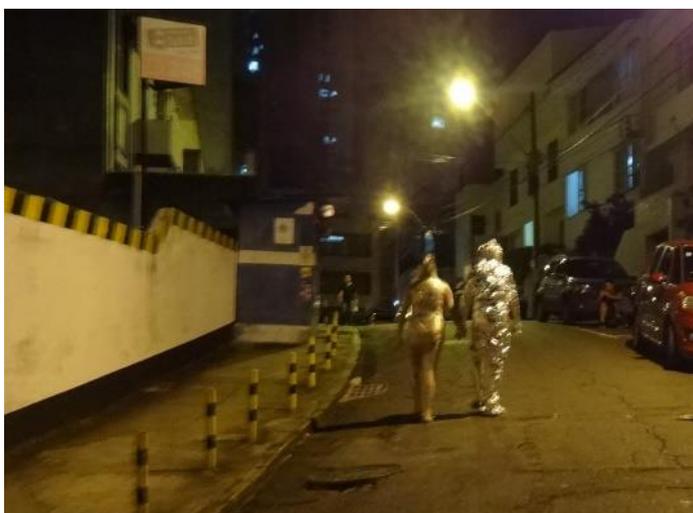
3.4 O HOMEM DE AÇO E A MULHER DE VIDRO



Figura 28 – O Homem de Aço e a Mulher de Vidro – Salvador – BA - 2014

Revisitar as imagens e vídeos pertencentes à essa intervenção refrescou em minha memória momentos que já não eram tão nítidos e que causaram uma paralização e reflexão sobre aquela noite, que em nenhum momento achei que fosse arriscada. Através das imagens, reencontrei tantos amigos na varanda de casa. Eles vieram para compartilhar com esse acontecimento. Virgínia de Medeiros, Jonathas de Medeiros, Fábio Gatti, Arthur Scovino, Sílvio Scovino, Celso Moura, além da minha querida mãe. Estávamos todos em grande

sintonia, afinal, essa intervenção sonhada há tanto tempo seria composta por um grande convidado, ou seja, uma das pessoas que mais amo e que tem a maior importância em minha vida, que é o meu pai. Aos 84 anos, Manoel Bitencourt Oliveira (M.B.O) não recusou o convite, pois apesar de ser um homem de longa estrada, ele enveredou-se no universo da arte junto comigo, saindo sempre do interior distante e vindo ao meu encontro ser o grande assistente, mestre em muitas obras que apresentei. Foi aos 74 anos quando ele se inseriu definitivamente na pintura, conquistando um dos grandes presentes que a vida lhe ofereceu.



Caminho se conhece
andando
Então vez em quando é bom
se perder
Perdido fica perguntando
Vai só procurando
E acha sem saber
Perigo é se encontrar
perdido
Deixar sem ter sido
Não olhar, não ver
Bom mesmo é ter sexto
sentido
Sair distraído espalhar bem-
querer



Chico César

Figuras 29 e 30 – Subindo a Rua Tuiuti – Salvador – BA - 2014

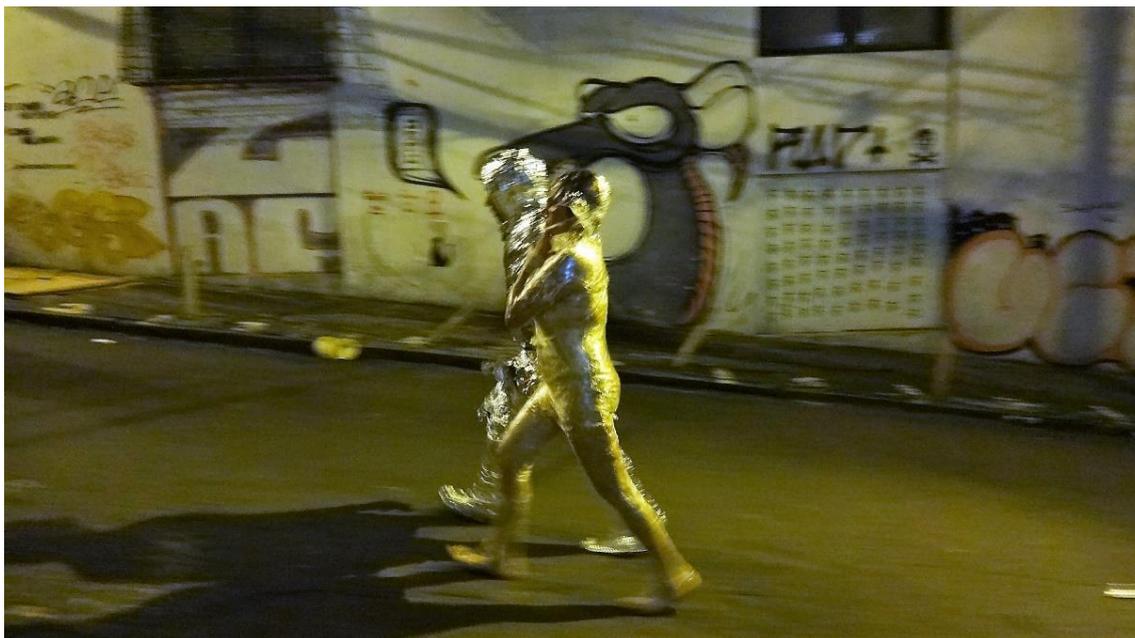


Figura 31 – Desembocando na Avenida Carlos Gomes – Salvador – BA – 2014

Fomos embrulhados com ajuda dos amigos. Ele de papel alumínio; e eu, de plástico filme, material que já venho utilizado desde 1999, quando me envolvi no mesmo para a minha primeira exposição individual, em Berlim, na Alemanha. Quando nos tornamos esculturas de “metal” e “vidro”, segurei a mão de meu pai e partimos para uma caminhada no centro da capital baiana. Nosso roteiro envolveu a rua Tuiuti, onde resido, e seguimos em direção à famosa Av. Carlos Gomes, fazendo um desvio em certa altura e adentrando o largo 2 de Julho. A emoção de estar ao lado dele nessa ação é definitivamente indescritível. Percorremos todo trajeto causado diversas sensações e gestos em quem teve a oportunidade de apreciar nossa passagem: taxistas, pedestres, passageiros de ônibus e tantas outras pessoas que, de algum modo, se comunicaram com a cena.



Figura 32 – Avançando o trajeto no centro da Capital 1 - 2014



Figura 33 – Avançando o trajeto no centro da Capital 2 - 2014



Figura 34 – Cruzando o popular “Beco da Lama” - 2014

Quando estávamos retornando para casa (e esta intervenção foi realizada mais ou menos entre as 9 e as 10 horas da noite) um dos amigos, que estava acompanhando o circuito filmando e fotografando, foi surpreendido por um ladrão que arrebatou subitamente seu aparelho celular e partiu correndo, nos deixando atônitos, impotentes e verdadeiramente sem chão.

Os riscos que corremos quando nos colocamos nesse lugar de vulnerabilidade estiveram presentes em vários momentos dessas intervenções, assim, ainda irei apontar na escrita sobre estas andanças outras ocasiões de medo e também de grandes alegrias.

3.5 PEDRA FALSA

O falso e o verdadeiro, a representação do real e o objeto *kitsch*², acompanham minha produção desde os anos 1990, quando iniciei a participação em mostras coletivas e também individuais. Esse jogo atravessa vários trabalhos, brincando com a ilusão do real imitando objetos e elementos da natureza, utilizando proporções de grande escala e apropriando-me de produtos populares, como por exemplo: animais plásticos infláveis, bibelôs, flores plásticas dentre outras centenas de materiais. Dentro dessa produção, posso citar como exemplos de imitação de elementos pertencentes à natureza, a escultura de título **Jaca-ré** apresentada em 2002, no IX Salão da Bahia, no Museu de Arte Moderna (MAM).

² **KITSCH** – Termo que no sentido moderno, aparece em Munique, por volta de 1860, palavra bem conhecida do alemão do sul: Kitschen, que quer dizer atravancar e, em particular, fazer móveis novos com velhos, é uma expressão bem conhecida; *verkitschen*, quer dizer trapacear, receptar, vender alguma coisa em lugar do que havia sido combinado. Neste sentido, existe um pensamento ético pejorativo uma negação do autêntico.



Figura 35 – Jaca-ré – Museu de Arte Moderna da Bahia - 2002

Há também a intervenção de título *Pedra Falsa*, realizada em 2015, na subida da Santa Cruz, na cidade de Monte Santo, na Bahia. Essas obras jogam com diversos sentidos entre as palavras, os materiais e a representação.

Estou muito longe de saber como fui arrebatada por uma imagem que ainda desconhecia, mas que visitou minha memória chamando-me para uma experiência real onde essa imagem era de fato concreta.



Figura 36 – Subida ao Monte da Santa Cruz – Monte Santo – BA – 2015

Monte Santo, cidade do interior da Bahia, localizada a 352km da capital. Não tinha o conhecimento exato da localização e muito menos da geografia. Sabia da importância histórica no decorrer da guerra de Canudos, e também da importância religiosa para o povo nordestino. Obedeci seu chamado e, em uma visita virtual que durou algumas horas, a cidade e eu combinamos um encontro. Passaram-se uns meses e, finalmente, chegou o dia da viagem. Depois de horas de estrada, a noite já tinha descambado e a lua ajudava o farol do carro a clarear o caminho de barro que foi pego como desvio; ali adiante surgia uma casa ou outra que, em pouco tempo, se transformava na ruazinha de chegada da pequena cidade bucólica - isso por volta das 22h. Já não havia nenhum passante, era um deserto iluminado por postes com luzes de mercúrio e no centro uma praça grande, e quadrada, abrigava a bela igreja matriz e a escultura em madeira do líder religioso Antônio Conselheiro.

Fui em busca das imagens que virtualmente reforçaram meu desejo de estar ali. Ao olhar para cima, avistei a grandiosa Serra do Picuaraçá, bordada por fracos pontos de luzes que sumiam na sinuosidade do desenho das montanhas. Ali estava o caminho da fé, da devoção, percorrido todos os anos por milhares de romeiros, especialmente na Semana Santa e no dia primeiro de novembro, nos festejos da Romaria de Todos os Santos. Tudo começou em outubro de 1775, quando o Capuchinho Frei Apolônio de Todi, que se encontrava na aldeia indígena de Massacará, hoje situada no Município de Euclides da Cunha, foi convidado pelo fazendeiro Francisco da Costa Torres para realizar uma missão de penitência na Fazenda Lagoa da Onça, de sua propriedade, devido à seca na região, e o frei resolveu seguir para “Piquaraçá” onde existia água. O Frei ficou encantado com a serra e impressionado com a semelhança geográfica com o Monte do Calvário, em Jerusalém, daí ele convidou os fiéis que o seguiam para transformar o monte em um “Sacro Monte”, e batizaram com o nome de Monte Santo, marcando seu dorso com os passos da Paixão de Cristo. Imediatamente foi armada uma capelinha de madeira no topo e cruzes de aroeira e cedro foram instaladas por todo percurso: a primeira cruz era dedicada às almas; as sete seguintes, representando as dores de Nossa Senhora; e, as quatorze restantes, lembrando o sofrimento de Jesus na sua caminhada para o calvário em

Jerusalém. Logo depois, as cruzes foram substituídas por capelas de alvenaria e, de lá pra cá, a aura da fé toma conta daquele pedaço de chão que recebe devotos de todas as partes do Brasil e também do exterior, para agradecer aos pedidos alcançados e fazer pedidos a Nossa Senhora do Monte Santo. Como em toda igreja frequentada por romeiros, a sala dos ex-votos encontra-se lotada de fotografias e centenas de objetos deixados pelos passantes como agradecimento pelas graças alcançadas.



Figura 37 – Sala dos Ex-Votos – Igreja da Santa Cruz – Monte Santo – BA - 2015

É nesse percurso de aproximadamente 4 km e 500 m de altitude que fui atiçada por uma memória desconhecida do local, mas ao mesmo tempo pertencente à minha formação religiosa, à minha identificação cultural e às minhas vivências durante a infância, quando viajei diversas vezes com meus familiares para romarias em outras cidades da Bahia, a exemplo de Bom Jesus da Lapa e Milagres de Brotas, para cumprir promessas. Abaixo, apresento algumas imagens dessa época.



Figuras 38 – 39 Das Lembranças que eu guardo na vida 1



Figuras 40 – 42 Das Lembranças que eu guardo na vida 2

“Somente quando a alma e o espírito estão unidos num devaneio é que nos beneficiamos da união da imaginação e da memória. É nessa união que podemos dizer que revivemos o nosso passado”. (BACHELARD, 1988, p. 99).

Assim, afirmo, essas conexões invisíveis que nos visitam trazem à tona o frescor de uma lembrança que nesse caso me fez renascer em Monte Santo como uma romeira solitária transbordada de uma memória muito viva, que

tinha um grande significado para minha família. Subir a serra em uma ação artística seria, para mim, um ato de coragem e fé.

Nas romarias de Monte Santo é de costume que romeiros subam a Serra do Picuaraçá com pedras na cabeça para demonstrar o sacrifício perante a caminhada íngreme e dificultosa. Segundo a lenda, em determinada parte do percurso, onde já existe um amontoado de pedras, o romeiro penitente lança sua pedra nesse monte, caso ela não se encaixe junto às outras e desça rolando serra abaixo, significa um péssimo sinal, ou seja, a pessoa estará fazendo sua última visita ao lugar.



Figura 43 – Pagadora de Promessa rumo ao Monte da Santa Cruz - Monte Santo – BA

Na véspera da minha subida planejada, quando iria fazer o percurso com uma roupa especial e carregar a minha enorme pedra, resolvi caminhar pelo local para conhecer e entender o trajeto e fui tomada por impressionantes sensações que me fizeram pensar em desistir muito antes de chegar à metade do caminho. No início, existe uma facilidade por se encontrar uma pequena parte do trajeto construído por pedras, ladeada por balaústres caiados de branco, e suas elevações eram complementadas por degraus, obra inacabada de Antônio Conselheiro, que deixou o local durante os confrontos da guerra de Canudos. Daí em diante, o percurso se tornava cada vez mais íngreme. Voltei pra a pensão onde estava abrigada e muitas reflexões zanzavam em minha cabeça. Eu estaria fazendo uma chacota com a fé? Se aquele lugar é um espaço de penitência, eu poderia sofrer um acidente por carregar uma enorme pedra “realista” feita de espuma? Ao mesmo tempo, lembrava que as centenas de pernas, braços e tantas outras coisas que estão depositados na sala de

promessas são objetos meramente simbólicos, assim como seria minha pedra de espuma. A intenção de cada um é única e pertence à uma memória particular, que se junta dentro de um espaço de agradecimento transmitindo uma sensação de missão cumprida. Dessa forma, essas questões me levavam a pensar que minha ação seria uma peregrinação e se eu conseguisse chegar até o final daquele trajeto, estaria alcançando uma graça, pois a vida e a arte não se dissociam em meu modo de ver. Os questionamentos me perseguiram fortemente e cheguei ao ponto de desistir por conta do medo. Relato nesse texto, com muita verdade, os sentimentos que pude ter naquele dia. Era um sábado e tudo estava planejado para às 16h. Minha equipe e eu resolvemos dormir depois do almoço, aquele descanso reverberava em mim como uma aflição, cheguei a desejar que perdêssemos o horário para que aquela missão não acontecesse. De repente, fui impulsionada daquela cama, vestindo o figurino longo e vermelho que me acompanharia na expedição, senti uma energia de leveza e as incertezas escorriam pelas valas do esquecimento. Estava pronta para seguir, munida de coragem e levando minha grande pedra que ficaria repousada no topo da montanha na sala dos ex-votos da capela principal.



Figuras 44 - 45 - Pedra Falsa - Início do Percurso - Monte Santo - BA – 2015

Para essa empreitada, convidei dois queridos amigos que viajaram comigo: Fabio Salmerón, que se comprometeu em fazer os registros em vídeo, e Jonathas de Medeiros fazendo as fotografias.

Chegamos ao pé da serra por volta das 15h45. Era uma tarde bonita e o sol ainda estava alto. Como mencionei acima, o princípio da subida tem elevações com degraus, mas em poucos minutos tudo muda, é um percurso difícil com pedregulhos traiçoeiros e pequenas surpresas de curtos caminhos de areia branca, é um jogo entre facilidade e dificuldade. Tomei o rumo, impulsionada por uma força desconhecida que me fazia subir velozmente, tendo momentos que os meus acompanhantes me perderam de vista.



Figuras 46 – 47 - Início do percurso construído por Antônio Conselheiro - 2015



Figura 48 – Alcançando a primeira capela da via-sacra do sertão - 2015

O vento era absoluto e parecia me fazer voar. No caminho estreito de grande altitude, a cidade ia se afastando e cabia na palma da minha mão. Apesar de confeccionada com espuma, a pedra pesava aproximadamente cinco quilos e em todo ritual mantive os braços erguidos para conseguir equilibrá-la sobre a cabeça. Cheguei ao alto da Santa Cruz e fui presenteada pela mais bela imagem que a misericórdia divina poderia me dar naquele final de percurso. A emoção nos dominava, empurrei um grande portão de ferro e adreitei a igreja, que já estava invadida pela penumbra, para repousar a pedra em sua nova morada e agradecer pelo feito alcançado.



Figura 49 – Alto da Serra do Picuaraçá - 2015



Figura 50 – Avistando a cidade que vai se tornando miniatura - 2015



Figura 51– Avistando a cidade que vai se tornando miniatura - 2015



Figura 52– Alcancando mais uma Capela - 2015



Figura 53 – Avistando a cidade de um lado e a zona rural do outro - 2015



Figura 54 – Chegando ao final do percurso - 2015



Figura 55 – A Chegada - Um dos mais incríveis momentos do trajeto - 2015



Figura 56 – A Chegada – Entrando na Igreja da Santa Cruz - 2015

As emoções sentidas nessa intervenção foram inúmeras e o percurso na via sacra do sertão é para ser experimentado e vivido por quem tiver coragem de avançar a serra. Foi uma experiência singular. Tenho certeza que, em dias de romaria, outros sentimentos e sensações são despertados nos fiéis que, com muita devoção, sobem unidos por cânticos, fogos de artifícios, velas acesas e, muitas vezes, descalços para ampliar o sofrimento, tudo isso traz uma outra aura para o local místico atribuído a grandes milagres.



4 SÉRIE JOGO E TROCA

Esta parte é composta por intervenções que realizei no final de 2014 seguindo até 2016 as quais denomino de **Série Jogo e Troca**, pois nas ações a seguir a participação direta do público era decisiva para que o trabalho existisse. Trata-se de propostas conviviais, quando em alguns casos como em **Vendo Lençóis** e **Me Cubra com Lençóis** realizei convites específicos para receber a colaboração e nas outras propostas me coloquei de forma exposta em ruas, feiras e praças, para que através da minha presença, munida de apetrechos, o povo se sentisse entusiasmado e se aproximasse para começarmos uma história.

SÉRIE JOGO E TROCA	ANO	OBJETOS/ MATERIAIS/ ANIMAIS/	LOCAL	PARTICIPANTES CONVIDADOS	COLABORADORES
Andando e Dormindo: A sorte é Cega. Circuito Performático com cinco intervenções.	2014-2015	Figurino, Cartela de rifa ampliada, Porco, Cabra, Bode, Fogão e Megafone	Feiras Livres em Salvador e cidades no interior da Bahia: Ubaíra, Monte Santo, São Gabriel, Mutuípe, Salvador (Feira de São Joaquim)	Milena e Sarha, Cleide e Danilo, Ricardo e Sandro, José e Eduardo, Rosana e André	Alice Browne, M.B.O, Eunice Oliveira, Lorena Patrícia, Zequinha, Fabio Salmeron, Jonathas Medeiros, Pedro, Aécio, Laiiz, Carminha, Cacao, Mayza, Ayla
1 Vendo Lençóis 2 Me cubra com Lençóis	2015 2015	Figurino, jumento e lençóis floridos. Figurino e lençóis floridos.] Ruas e praça central de Lençóis	Ricardo Boa Sorte, D. Dezinha, D. Júlia, D. Marilza, D. Dinelia, D. Waltizia, D. Lívia, D. Rita, D. Lili, D. Michelly, D. Birau, Sr. Luan, D. Chintia, D. Cristina, D. Jacy, Sr. Felipe, Sr. Tony Luiz, Sr. Elvis, D. Ana, Sr. José, D. Lúcia, D. Geovana, D. Alice, D. Thainá, D. Nena, D. Lia, D. Geni, D. Fátima, D. Lio, D. Gessi, D. Roberta, D. Daniela, D. Fernanda, D. Rose, D. Lívia, Sr. Ravier, Sr. Santi, D. Gabi, Sr. Jorge, Sr Dalton, Sr. João Pedro, Sr. Alonso, Sr. Fausto, Sr. Thiago, D. Laiz, Sr. Lucas e Sr. Tuti.	Alfredo, João
A poética do Caminhar: A Sorte é Cega. Circuito Performático com cinco intervenções.	2015	Figurino, Balaios sortidos com alimentos, artigos de cama, mesa e banho.	Feiras e Praças em bairros]de Salvador. Plataforma, praça central. Nordeste de Amaralina, Feira do Nordeste. Liberdade, Feira do Japão. Cajazeiras 10, praça central. Itapuã. Feira de Itapuã.	Jaqueline e Flávio, Miguel e Augusto, Antônia e Rosa, João e Cleidisson, Fernando e Diego	Marcondes Dourado, Fabio Salmeron, Jonathas Medeiros, Antonio e Reinaldo
Fôrma de Bolo	2015	Figurino, bolo em formato de coração.	Rua, Salvador. Porta da Escola de Belas Artes - Av. Araújo Pinho		Fabio Salmeron, Graça Ramos
Peso Líquido	2016	5 pinturas 200x120, carrinho de supermercado, farinha, figurino	Museu de Arte da Bahia (MAB)		Fabio Gatti, Thiago Nery

Mapa 4 - Série Jogo e Troca

Durante minha pesquisa de mestrado na EBA-UFBA ficou visível que o Jogo perpassava todo meu processo criativo com os objetos e as palavras. Além de jogar com o sentido delas, me apropriar e transformar sentidos de objetos cotidianos; os comportamentos, as relações e ações repetidas em jogos de festas e quermesses, religiosas ou profanas, também estavam presentes nos meus trabalhos. Nesse período, conheci a obra *Os Jogos e os Homens* (1958) do sociólogo, crítico literário e ensaísta francês Roger Caillois, onde pude compreender de forma mais aprofundada o jogo e suas definições. Caillois apresenta uma divisão dos jogos em quatro categorias principais: *Agon*, *Alea*, *Mimicry*, *Ilinx*. Mesmo assim, essas designações não abrangem totalmente o universo do jogo. Assim, ele combina os jogos do corpo com os jogos de inteligência, os jogos que se baseiam na força com aqueles que necessitam habilidade e cálculo.

O *Agon*, por exemplo, está ligado aos jogos de competição ou combate, nos quais a igualdade de oportunidade é criada artificialmente. Os adversários se confrontam em condições ideais para vencer, se baseando em algumas qualidades, como rapidez, resistência, vigor, memória, habilidade e engenho. Os jogos desportivos são um bom exemplo dessa categoria, como polo, tênis, futebol, boxe, esgrima, etc. À mesma classe pertencem ainda os jogos de caráter mais cerebral, que é o caso das partidas de xadrez. Assim, o *Agon* apresenta-se como a forma ideal do mérito pessoal e serve para manifestá-lo.

Já a *Alea* é a classificação para todos os jogos em oposição ao *Agon*, pois nessa modalidade se trata mais de vencer o destino do que o próprio adversário. O jogador é totalmente passivo, não podendo interferir na jogada. Suas qualidades e habilidades não intervêm na ação. Nesse tipo de jogos, a sorte é a verdadeira protagonista e os participantes entregam-se verdadeiramente ao destino. Esses jogos estão relacionados à roleta, aos jogos de dados, cara ou coroa, jogos de azar etc.. A *Alea* tem como função abolir as superioridades naturais ou adquiridas dos indivíduos, colocando todos em pé de igualdade absoluta diante da sorte.

A *Mimicry* trata-se da encarnação de um personagem ilusório e na adaptação do respectivo comportamento. Este jogo está ligado à mímica e ao disfarce. O

prazer de ser um outro ou de se fazer passar por outro. A essa categoria estão ligadas as imitações infantis, as máscaras, as fantasias, o teatro e os espetáculos de forma geral.

O *Ilinx* é a busca da vertigem e consiste na tentativa de destruir, por um instante, a estabilidade da percepção e infligir à consciência lúcida uma espécie de voluptuoso pânico. A essa modalidade cabem gritos e giros infantis, o carrossel, o balanço, alguns jogos dos parques de diversão como montanha-russa, roda-gigante, e outros giros; no circo, o globo da morte e, no esporte, o alpinismo.

De acordo com Huizinga, o autor de *Homo Ludens*, quando se refere à presença do jogo como fundamento da cultura, para ele, “a existência do jogo é inegável. É possível negar-se se quiser quase todas as abstrações: a justiça, a beleza, a verdade, o bem, Deus. É possível negar-se a seriedade, mas não o jogo”. (HUIZINGA, 1993, p.6).

Após esse entendimento apontado pelos dois autores, ficou claro, para mim, quais categorias mais se manifestam em meus trabalhos e pude perceber a importância que elas têm nas ações que sigo desenvolvendo. A *Alea* e a *Mimicry* se destacam visivelmente em muitas obras, pois me sinto instigada em convocar o povo para arriscar a sorte em propostas de jogos que não dependem de nenhum esforço, treino prévio ou mesmo inteligência, mas apenas uma entrega participativa, na qual todos concorrem de forma igual e a sorte fará de um dos indivíduos o grande vencedor. Para cada acontecimento desses, me transformo em uma personagem vestindo-me com uma fantasia especial que tem a intenção de me diferenciar do público geral e essas indumentárias só se apartam de mim quando o trabalho é concluído.

Assim sendo, o jogo no amplo sentido da palavra, vem se potencializando cada vez mais nas novas investidas onde a troca com o outro se fortalece como dominância nas intervenções que desenvolvo atualmente. Esse encontro aleatório ou planejado me permite uma abertura diante do espectador, dando lugar à sua imersão nas ações onde juntos nos tornamos operários de uma construção poética. De acordo com Bourriaud (2009),

Essa negociação se realiza numa “transparência” que caracteriza a obra de arte como produto do trabalho humano: de fato ela mostra (ou sugere) seu processo de fabricação e produção, sua posição no jogo das trocas, o lugar – ou a função – que atribui ao espectador, e, por fim, o comportamento criador do artista. (BOURRIAUD, 2009, p. 57).

Diante do que venho propondo, acredito que a arte é um meio possível de traçar outros caminhos, onde se possam viabilizar relações de simplicidade fazendo com que esses modos duros, impostos pelo capitalismo no mundo contemporâneo, possam ser derrubados, mesmo que momentaneamente, pois percebo que é possível elaborar realidades de leveza onde o estar junto não signifique a troca de uma moeda. Bourriaud ainda ressalta que,

Hoje, a comunicação encerra os contatos humanos dentro de espaços de controle que decompõem o vínculo social em elementos distintos. A atividade artística, por sua vez, tenta efetuar ligações modestas, abrir algumas passagens obstruídas, pôr em contato níveis de realidade apartados. [...] pois o que não pode ser comercializado está fadado a desaparecer. (BAURRIAUD, 2009, p.11).

Em acordo com esse pensamento, sabemos que fazemos parte de uma sociedade capitalista, e somos todo tempo induzidos a penetrar nos espaços mercantis, desde “as famosas autoestradas de comunicação”, segundo Baurriaud (2009), a um simples boteco onde pode se encontrar um amigo para um bate papo, estamos sempre intimados a usufruir e pagar um preço por um momento de convívio ou deslocamento.

Para clarear esse aspecto sempre esperado como comercializado, baseado em minha experiência, posso relatar acontecimentos que ocorreram idênticos durante dois projetos, ambos a custo zero, vinculados a essa pesquisa, apresentados no período de 2013 a 2015. O primeiro intitulado *Andando e Dormindo: a Sorte é Cega*, quando fiz um circuito por cinco cidades, rifando em feiras populares animais e eletrodomésticos; e, o segundo, *Na Poética do Caminhar: a Sorte é Cega*, quando percorri cinco bairros populares da cidade de Salvador rifando, também, quando bastava a pessoa assinar o nome, sem pagar nada para concorrer ao sorteio de balaios com diversos artigos, tais como produtos alimentícios, cama, mesa e banho, materiais de limpeza e variados cosméticos. Nos dois casos, o primeiro impacto do público em cada

intervenção era o estranhamento que beirava o medo de participar, pois a oferta de tudo aquilo, sem ter que se pagar nada, podia ser uma grande cilada. Como disse um cidadão se valendo do dito popular, em uma dessas feiras “santo quando vê muita esmola, desconfia.” Dando continuidade ao pensamento de Bourriaud,

A urbanização generalizada que se desenvolveu após o final da Segunda Guerra Mundial permitiu um aumento extraordinário dos intercâmbios sociais e uma maior mobilidade dos indivíduos [...] simultaneamente a uma maior abertura das mentalidades.

O que está desaparecendo sob nossos olhos é apenas essa concepção falsamente aristocrática da disposição das obras de arte, ligada ao sentimento de adquirir um território [...] Agora ela se apresenta como uma duração a ser experimentada, como uma abertura para a discussão ilimitada. (BAURRIAUD, 2009, p.20).

Sabemos que, por muito tempo, a obra de arte assumiu um *status* de luxo e se mantinha muito longe do povão. A morada da arte era o museu, as galerias e as casas dos colecionadores. Esses fatos apontados pelo autor, conseqüentemente, provocaram uma abertura das barreiras e da forma de pensar. Esses pontos relevantes atingiram fortemente os artistas que, descontentados com as forças dominantes, já vinham tecendo novas possibilidades para a arte.

Os movimentos vanguardistas do século XX, como o Dadaísmo (1916), a Internacional Situacionista e o Grupo Fluxus na década de 1960, já tinham como meta combater as formas de arte institucionalizadas, criticar o capitalismo e o consumismo e buscar novos caminhos. A partir desses cruzamentos, hoje, desembocamos em novos horizontes. Desde a década de 1990, vem se firmando diferentes possibilidades para a arte e é cada vez mais comum o número de artistas que tem desenvolvido práticas conviviais em seus processos de criação.

A prática artística agora se encontra na esfera das relações inter-humanas, como provam as experiências em curso desde o começo dos anos 1990. O artista concentra-se cada vez mais decididamente nas relações que seu trabalho irá criar em seu

público ou na invenção de modelos de sociabilidade. (BAURRIAUD, 2009, p.39).

Se a relação entre o espectador e a obra se firma na década de 1990, todavia, ela não é mesmo uma novidade pertencente apenas a esse tempo. Segundo a narrativa de Israel Pedrosa em seu livro *O Universo da Cor* (PEDROSA, 2004),

dizem que Apeles um dos grandes nomes da pintura da Grécia antiga, expunha seus quadros ficando escondido atrás da tela para ouvir a opinião do público. Um belo dia um sapateiro criticou a sandália de uma das personagens do quadro. Logo em seguida o pintor corrigiu. Pouco depois, o sapateiro achou que devia criticar outras partes da obra, mas Apeles, saindo de seu esconderijo, disse a máxima que se tornou célebre. O sapateiro não deve ir além da sandália. (PEDROSA, 2004 p.53).

A interação com a obra de arte existe, como diz o ditado, “desde quando nos entendemos por gente”, sem essa apreciação a obra seria algo aprisionado.

Sobre este tema, Baurriaud (2009), ainda cita o cineasta franco-suíço Jean-Luc-Godard, que também é contra a prática artística fechada e afirma que “uma imagem precisa de dois.” Já Duchamp disse que “são os espectadores que fazem os quadros.” Assim, podemos concluir que toda obra sempre foi relacional, o que muda com o passar do tempo é o papel que ela passa a desempenhar com o espectador, são as novas formas de interação, agora o público tem uma participação mais direta, muitas vezes ele é convocado pelo artista para a realização da própria obra. Como afirma (BOURRIAUD, 2009)

De modo geral, a história da arte pode ser lida como a história dos sucessivos campos relacionais externos, que mudam de acordo com práticas determinadas por sua própria evolução interna: é a história da produção das relações com o mundo, intermediadas por uma classe de objetos e práticas específicas. (BOURRIAUD, 2009, p.39).

Muito além de uma contemplação estética, essa abertura universal fortemente apoiada pelas performances, intervenções, e outras maneiras de sociabilidade se reforçam constantemente e proporcionam instantes de apreciação e participação a um público específico convidado pelo artista ou mesmo promovendo encontros fortuitos aos transeuntes que passarem pelo local da apresentação durante seu desenrolar. Dessas ações, com local e tempo

determinado pelo artista, restam apenas os registros documentais filmográficos e fotográficos que, às vezes, são vendidos como arte.

A artista italiana Vanessa Beecroft (1969) que tem conquistado elogios da crítica, como também gerado polêmicas, muito me interessa por sua forma de produção. Seu trabalho produz encontros existenciais entre modelos e público, aborda questões conceituais e estéticas voltadas para a exploração do narcisismo, o voyeurismo, a política, os distúrbios alimentares, a forma feminina e o olhar feminino.

Ela inclui em suas produções arte, moda, fotografia, filme, desenho, e suas apresentações representam uma pintura viva e efêmera. No processo criativo dessa artista, (que assina com *VB* numerando as experiências), ela estabelece uma convocatória e seleciona em geral dezenas de mulheres com aparência física semelhante que firmam um acordo para compor suas performances. Na maioria das vezes, as modelos se apresentam quase que imóveis, nuas, ou usando acessórios idênticos estabelecidos pela artista, como sapatos, perucas, meia, calça, dentre outros. Vanessa age como uma diretora e orienta suas contratadas durante toda ação, que se desenrola lentamente, às vezes durando até três horas de apresentação, demonstrando visivelmente o cansaço aparente das modelos que só se movem mediante autorização da artista. Vanessa propõe formações de coletividades instantâneas, determinando o espaço e o tempo de duração.



Figura 57 - VB67 – Spasismo - Palermo – Itália - 2008

Muitos desses procedimentos citados acima se aproximam da minha maneira de construir o que venho chamando de intervenções. No meu caso, o público às vezes também é convocado a participar na composição dos trabalhos, seguindo uma orientação prévia. Em outras situações, faço um chamado na hora da ação. Essa forma gera uma expectativa, já que nada foi acordado com os participantes, assim, o tempo de duração acaba sendo determinado pelo número de pessoas que necessito para que o trabalho seja efetivado. O que tenho notado nos últimos circuitos que fiz é uma grande euforia do público para participar na formação da obra. Mesmo desconfiados, sentem-se atraídos pela novidade acontecendo no local, isso se fortalece quando percebem que em minhas intervenções estou ofertando coisas de graça, como: alimentos, roupas, eletrodomésticos, animais, dentre outras, sem ninguém precisar desembolsar um centavo.

Outro artista de cujas obras me aproximo fortemente é o Argentino Rikrit Tiravanija (1961). Filho de um diplomata Tailandês, Tiravanija passou a infância e adolescência viajando por vários países e vivenciando diferentes

culturas. Como um dos importantes nomes da arte relacional, suas ações tem como maior interesse, não a produção de um objeto para apreciação, mas a interação, o convívio e a troca. Em suas apresentações, o artista oferece ao público a oportunidade de compartilhar momentos e para isso já realizou vários eventos quando ele mesmo cozinha alimentos e oferece gratuitamente a quem por ali passar. No Aperto 93, na Bienal de Veneza, por exemplo, ele colocou sobre uma estante de metal um pequeno fogão que se mantinha aceso com uma panela de água fervente e ao seu redor materiais de acampamento e caixas de papelão colocadas de modo aleatório, contendo pacotes de sopa chinesa desidratadas, tudo disponível para que os visitantes pudessem preparar e consumir sem restrições. Assim, esse artista segue promovendo encontros, onde simples refeições tornam-se verdadeiros banquetes. A arte, não é a comida em si, mas a oportunidade proporcionada por ele, onde as pessoas se aglomeram para experimentar momentos de convívio, trocando ideias e se conhecendo. Tiravanija (1961) já propôs uma residência nômade quando fez a réplica de seu apartamento e disponibilizou ao público em algumas exposições, durante um bom tempo. No espaço havia cozinha, quarto e banheiro, abertos por 24h. Os visitantes podiam comer, tomar banho e até viver por um tempo na instalação, fazendo o que quisessem e experimentando os limites da intimidade e da convivência. Essa presença real discute o distanciamento entre as pessoas, que hoje vem sendo proposto pelas novas formas de interação. Sua obra trata cada vez mais o senso de comunidade participativa, tipo de procedimento que vem sendo largamente explorado por artistas do mundo afora, são modelos de sociabilidade que buscam resgatar o contato físico, o olho no olho e o afeto, mesmo que sejam passagens transitórias, mas têm como maior valor o reestabelecimento de uma aproximação entre as pessoas, pois isso vem se perdendo cada vez mais com o passar do tempo.



Figura 58 - Rirkrit Tiravanija "Untitled³, (caravan)". Museu de Arte Contemporânea de Castilla e León – Espanha – 1999



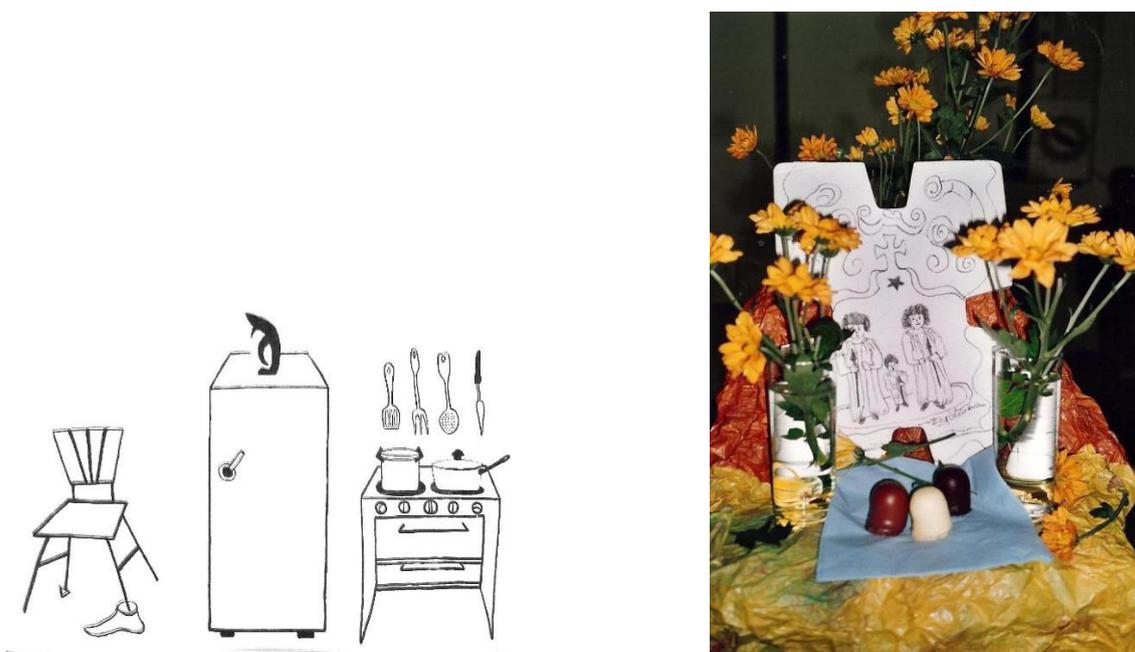
Figura 59 – Detalhe da obra – Encontro Gastronômico tendo como base a Lentilha

³ "Untitled, 1999 (caravana)", de Rirkrit Tiravanija. Realizada no Museo de Arte Contemporáneo de Castilla e León (MUSAC) Espanha – 1999. A atividade fez parte do projeto Conferência Performativa: novos formatos, lugares, práticas e comportamentos artísticos, que investigava diferentes formas de apresentação pública e interação com o público, não só preparar e desfrutar da comida, mas também partilhar experiências, conhecimentos ou afeto.

Em alguns experimentos artísticos, me aproximo de tais comportamentos em diversas propostas. Lembro-me que, em 2004, durante a estadia como artista residente na Künstlerhaus Hamburg e.V, Sommeratelier, Alemanha, vivenciei o espaço da galeria, instalando uma espécie de cozinha onde eu produzia alimentos, fazia refeições e oferecia a quem chegasse. Por fim, realizei uma exibição chamada Von Varzedo in die weite Welt (De Varzedo para o Mundo) na qual ofereci ao público um carurú, tradicional comida baiana, feita com quiabos cortados em pequenos pedaços e azeite de dendê. Recordo-me que, por lá, não foi difícil encontrar os materiais, pois tratando-se de produtos de origem africana, a quantidade de lojas desse continente era grande.



Figuras 61 - 62 Abertura da individual na Künstlerhaus Hamburg - GE- 2004



Figuras 63 - 64 - Von Varzedo in die weite Welt – Detalhes da mostra - Künstlerhaus Hamburg - e.V – Sommeratelier- Alemanha – 2004

Na obra ***Vendo a Venda***, apresentada em 2009, no Museu de Arte Moderna da Bahia, onde permaneci na instalação durante todo período, nos horários de funcionamento do museu, me propus a distribuir coisas diariamente para as pessoas que visitassem o trabalho. Dentro do projeto havia um fogão, uma geladeira e dezenas de produtos que podiam ser consumidos na hora. Cada dia eu produzia um tipo de alimento que era servido ao público, dentre eles: farofa de sardinha, abafa-banca, geladinho, café, arroz com sardinha e farofa, suco; sem contar com variados tipos de bebidas alcoolicas; infusões de cachaça com variados tipos de folhas, jurubeba, martini, catuaba, genebra, alcatrão, dentre outras. No final da mostra, todos os produtos expostos foram distribuídos para os moradores da comunidade da Gamboa, localizada nas proximidades do museu.



Figura 65 - Vendo a Venda - Museu de Arte Moderna da Bahia - 2009



Figuras 66 - 67 - Vendo a Venda – Organizando os alimentos para distribuição



Figuras 68 - 70 - Vendo a Venda - Museu de Arte Moderna da Bahia – Distribuição de alimentos com a Comunidade da Gamboa de Baixo - 2009

O Desejo de doar coisas sempre se fez presente em minhas idealizações. Qual o valor da arte? Os questionamentos rondavam minha cabeça após cada exposição, momentos de contemplação quando o público andava de um lado pro outro, olhava as coisas com cara de surpresa, admiração ou mesmo de pavor. Por volta de 2002 resolvi virar o jogo e colocar em ação essa ideia de compartilhamento na qual as pessoas pudessem levar algo para si. Em uma mostra individual realizada na Galeria ACBEU em Salvador, sabendo que não era fácil comercializar trabalhos e muito menos instalações, desenvolvi um projeto onde os visitantes levariam pra casa parte da obra por apenas R\$ 1,00. A instalação ***Farinha do Mesmo Saco***, na qual eu fazia parte da obra, sentada em uma mesa portando uma cuia de queijo, como faziam os pedintes nas principais esquinas da minha terra natal, Santo Antônio de Jesus, me aticava a comercializar, a baixo custo, um bocadinho de farinha em um pequeno saco de

pano e angariar algum dinheiro em forma de esmola. Essa ação, que teve boa repercussão, mesmo envolvendo um valor monetário simbólico, abriu portas para novas vontades e daí em diante as propostas interativas não dependiam mais do dinheiro para que o público adquirisse parte do trabalho. Esse público tornou-se fundamental na construção de cada ação. Sem essa participação, as propostas não aconteceriam. A satisfação recíproca passou a valer muito mais do que a comercialização e, atualmente, essa troca com o espectador tornou-se um dos princípios construtores das minhas ações, como é possível identificar em diversas intervenções recentes. Hoje em dia, como afirma Bourriaud,

A obra de arte não é mais aberta a um público universal nem oferecida ao consumo numa temporalidade “monumental”; ela se desenrola no tempo do acontecimento para um público *chamado* pelo artista. Em suma, a obra sucinta encontra pontos casuais e fornece pontos de encontro, gerando sua própria temporalidade. (BOURRIAUD, 2009, p.41).

Muito além de uma contemplação estética, essa abertura universal fortemente apoiada pelas performances, intervenções, e outras maneiras de sociabilidade se reforçam constantemente e proporcionam instantes de apreciação e participação a um público específico, convidado pelo artista, ou mesmo promovendo encontros fortuitos aos transeuntes que passarem pelo local da apresentação durante seu desenrolar.

4.1 ANDANDO E DORMINDO: A SORTE É CEGA

Andando e dormindo nas estradas mergulhei
Fui tomada por amor nas cidades que passei
Cinco feiras adentrei com a arte de jogar
Era prêmio de graça pro povo desconfiar

Munida de figurino e cartelas de jogar
Fui levada pelo destino com a intenção de premiar
Nas feiras que passei com megafone a gritar
Não tinha um que não viesse espiar

Em Ubaíra, lá no Vale do Jiquiriçá
Em festa de São João um porco eu fui rifar
Era tanto rebuliço na hora de jogar
Mas a menina Vanessa que teve a sorte de ganhar

Fui parar em Monte Santo terra cheia de encanto
Cheguei na feira todo mundo a desconfiar
Comprei um bode preto e comecei a jogar
Os adultos meio de lado assuntavam sem creditar
Um menino bem pequeno se atrevia a assinar
Era o filho do delegado que acabava de ganhar

Seguindo para São Gabriel a jogada arrojou
Na mão de seu Elias um bode eu comprei
Batizei de Tirinha e de amor por ele até chorei
Era tanta euforia naquele canto da Bahia
Mas foi Índio do Brasil o grande ganhador
Naquela manhã de sol onde todo mundo sonhou

Assim a rifa seguia nas cidades da Bahia
Um fogão aprumado levei pra Mutuípe



O povo se juntou pra na sorte apostar
O nome de Clarissa uma moça assinou
Foi a danada de Dineia que pra casa o prêmio levou

Em quinze de novembro rifei na capital
Na feira de São Joaquim o jogo já era normal
Só tinha homem e mulher nem menina nem menino
O povo agitado começava a gritar
Mas foi seu Manoel o primeiro a assinar
E na hora do sorteio o danado acabava de ganhar

Que a sorte é cega eu volto a afirmar
Era tanta alegria que não dava pra parar
Tantas amizades nesses cantos que tenho vontade de voltar
Só mesmo a arte pra me tirar desse lugar.

A arte de rever faz a gente reviver o passado. Para continuar essa escrita, renovo a alma e os olhos com as lembranças frescas arquivadas em fotos e vídeos, que seguem alimentando a construção desse texto e me enchendo de alegria ao assistir os feitos durante o período de 2013 a 2016.

O jogo, princípio dominante em toda minha construção poética, se assenta de modo especial nas apresentações que realizei no ano de 2009, quando estava concluindo o mestrado em Artes Visuais na EBA-UFBA. Nesse tempo, ficou claro, para mim, como era importante elaborar um trabalho conclusivo embasado pelas experiências de troca com o outro, como já vinha fazendo em outras propostas, e foi nesse contexto que construí sentidos diversos de jogo para uma proposição de convívio no espaço público como também no espaço institucionalizado. No caso do espaço público, apresentei a obra de título **A Sorte é Cega** no centro da cidade de Salvador, capital da Bahia, na Praça da Piedade; e, para o espaço institucionalizado, desenvolvi propostas que foram apresentadas na Galeria Cañizares, da Escola de Belas Artes-UFBA.



Figura 71 – A Sorte é Cega – Praça da Piedade – Salvador – BA - 2009



Figuras 72 - 73 - A Sorte é Cega - Galeria Cañizares – EBA/UFBA Salvador – BA – 2009

Após três anos, elaborei um proposta de projeto para o edital setorial de artes visuais promovido pelo governo do Estado da Bahia. O meu desejo era o de dar continuidade a esse trabalho. Apresentei como objetivo percorrer quatro cidades no interior do estado realizando intervenções artísticas nas feiras livres

de cada município, e a realização de uma apresentação na feira de São Joaquim na capital baiana.

O projeto foi aprovado abrindo portas para novas possibilidades de deslocamento, intervenção e interação.

Através do jogo popular, conhecido como rifa, apropriei-me das pequenas cartelas de *Raid das Moças* e redimensionei-as, como fiz na Praça da Piedade, citada acima.

Jogar é renunciar ao trabalho, à persistência, à poupança e aguardar a jogada feliz, que, num ápice, proporciona aquilo que uma extenuante vida de labor e privações não concede, se não tiver sorte ou não se recorrer à especulação, que por sua vez depende da sorte. (CAILLOIS, 1958, p.138).

Com o intuito de intervir no cotidiano dessas cidades, propondo uma experiência lúdica na qual os participantes se entregariam a arte de jogar sem esforços de treinamento, mas apenas dominados pela sorte, parti em 2014 começando a jornada de viagens, dando início às intervenções, especialmente no mês de junho, período das festas juninas que são de grande importância para a cultura popular nordestina.

Segui com uma equipe para o Vale do Jiquiriçá onde realizei a primeira apresentação na feira municipal de Ubaíra, cidade localizada a 270 km da capital. Renovar esse trabalho mostrou-me sua potencialidade, reforçando cada vez mais o desejo de estar junto, sobretudo em locais inusitados onde o acesso à arte é raro. O estranhamento da minha chegada foi visível em cada olhar ali presente. Produzida especialmente para a ocasião, misturei-me ao povo, distribuindo um panfleto convidativo além de fazer o chamado pelo megafone. Em poucos minutos, consegui angariar uma multidão curiosa formada por ciganos, feirantes compradores e quem por ali passasse que acabava se rendendo a arte de jogar. Pelo fato de meus pais residirem nessa cidade, a aproximação do público fluiu com mais confiança, pois no boca a boca dizia-se: “*é a filha de seu Manoel e dona Nice*”. Ser filha de conhecidos mudava tudo, mesmo assim, era estranho fazer aquela proposta na qual todos podiam concorrer sem nada pagar e o único vencedor levaria para casa um

prêmio de valor, que nesse caso foi um porco a quem dei o nome de *Chocolate*. Em menos de cinquenta minutos o jogo se desenrolou tendo como grande vencedora a pequena Vanessa, que muito emocionada se derretia em sorrisos e lágrimas. A multidão aplaudia a garota e perguntava aflita que hora ou dia teria outro jogo. Após a vencedora tomar posse de seu prêmio, os ciganos, que são líderes em barganha, já estavam oferecendo uma bagatela pelo estimado porquinho, iniciando assim, uma nova jogada entre a premiada e os participantes.



Figuras 74 - 75 – Instrumentos de divulgação – panfleto e megafone - 2009

Envergando um figurino propositadamente exagerado, a ratificar sua condição de elemento exógeno naquele ambiente, Ieda Oliveira chega nos mercados de rua com a sua enorme cartela do *Raid das Moças*, o prêmio a tiracolo (um fogão, um bode, um porco), um megafone em punho e uma conclamação para que todos venham participar.

A distinção que se estabelece de imediato entre a artista e a população, em princípio, ressabiada ante a oportunidade de concorrer sem nada pagar, é erodida pela cumplicidade que se insinua tão logo a primeira pessoa escreva seu nome em um dos campos apelidados por nomes de mulheres - Alzira, Carmelita, Diva, Eclidéia, Guimar, Judite, Yolanda, entre outros. Em menos de uma hora, aquele *happening* cumprirá sua função de engendrar um escambo concreto, pois haverá um vencedor a sair da feira com seu quinhão, e simbólico, posto que a artista se alia a, e se reconhece em, todos aqueles

atingidos pela performance, expandindo os ramais de alteridade. (VERAS⁴, 2015).



Figura 76 - Primeira apresentação na Feira Municipal de Ubaíra – BA – 2015

⁴ **VERAS, Luciana** – Vive e trabalha em Recife – PE, é jornalista, especialista em Estudos Contemporâneos e repórter especial da revista Continente. O referido texto foi escrito para o catálogo da mostra final do projeto *Andando e Dormindo: A Sorte é Cega-Circuito Performático*, Realizada em maio de 2015 no Goethe Institut de Salvador Bahia.



Figura 79 – Vanessa, a grande vencedora - Ubaíra – BA – 2015



Figura 80 – Chocolate – prêmio da rifa - Ubaíra – BA - 2015

Na segunda expedição, fomos para a cidade de Monte Santo, localizada a 352 km de Salvador. Nessa experiência em território onde não conhecíamos ninguém, despertamos uma tremenda desconfiança na população, passamos alguns dias na cidade, nos familiarizando com o local e tentando estabelecer

vínculos afetivos com a comunidade, esse empenho não foi tão significativo, pois a vivência com a feira só seria possível no dia do seu acontecimento. Estava tudo pronto para a nova empreitada, consegui articular com o Senhor Pedro a compra de um bode, animal tradicional da região, para o sorteio da rifa que aconteceria no sábado em plena efervescência da feira. Aluguei um carro de som e um moto taxi carroça para transitarmos pelas ruas anunciando o acontecimento. Vali-me de todas as possibilidades de comunicação para elaborar uma doce aproximação com o povo daquela terra.



Figuras 81 - 82 – Divulgando a rifa na cidade de Monte Santo – BA – 2015



Figura 83 – Divulgando a rifa na cidade de Monte Santo – BA – 2015

Era um dia de sol a pino e a feira impunha sua grandeza com o povo do sertão; gente séria, cabreira, mas que “pagava pra ver” o fim daquela história. Anunciei o início do jogo e as pessoas iam se aproximado, contorcendo o rosto, declarando claramente a desconfiança e a certeza de que aquilo podia ser uma marmelada. A gritaria e um zum-zum-zum da feira se misturavam a carros de som que anunciavam promoções nas lojas da cidade e aos imponentes chamados do meu megafone.



Figura 84 – Iniciando o jogo – Monte Santo – BA – 2015



Figura 85 – A expectativa do povo

As crianças que perambulavam por ali eram as únicas que se entusiasmavam com meu convite e chegavam com alegria e desejo; os adultos pareciam se esconder uns atrás dos outros e sussurravam: “vai tu, vou nada”, “tu é doido, é esparro”, e a cartela de rifa lentamente se preenchia. As mulheres, ainda amedrontadas, se arriscavam e poucos homens se lançaram na empreitada de sorte que, para a maioria, deveria ser mesmo de azar. Cartela preenchida e a expectativa pairava na cara retorcida de cada personagem que ali estava. Com muita animação, gritei através do megafone que estávamos a alguns segundos de saber quem levaria o belo bode que batizei por nome **Nanquim**. Convidei a todos para uma contagem regressiva e quando puxei o papel que escondia o nome secreto, o pequeno Igor, filho do delegado, foi o grande premiado. Uma vibração estrondosa tomou conta daquele instante e o pequeno vencedor corria de um lado para o outro sendo abraçado por seus amiguinhos que ali permaneciam. Todos estavam atônitos com o acontecimento e com aquele sotaque local, especial, diziam: “Oxe, moço, num é que foi verdade... O fi do delegado teve sorte, ganhou o bicho... Eu num tinha fé, não”.



Figura 86 – Fim do jogo e hora do sorteio - Monte Santo – BA - 2015



Figura 87– Fim do jogo e hora do sorteio - Monte Santo – BA - 2015

Os vizinhos foram correndo noticiar e buscar o delegado. Não demorou muito ele chegou com um jeito faceiro e uma cara “invocada”. Peguei em suas mãos e me apresentei. O seu nome era Railton Messias, muito imponente, portando

uma enorme fivela metálica em seu cinto e, orgulhoso, disse com um sotaque formidável: “ele fugiu de casa pra ficar zanzando na rua, ia tomar uma surra quando voltasse, mas agora escapou... Eu tô contente porque ele teve a sorte de ganhar o bode, obrigada a vocês do programa”.

Como nos coloca Brougère: “Quer a lamentarmos, quer nos resignemos ou aceitamos com entusiasmo, a mídia desempenha nas sociedades ocidentais um papel considerável, tanto entre os adultos quanto entre as crianças” (BROUGÈRE, 2010, p.53). Quando seu Railton Messias diz: “obrigada a vocês do programa” nos reafirma a forte influência que a televisão vem exercendo na sociedade, sendo um dos principais meios de comunicação desde sua criação no século XX. A princípio era um artigo de luxo que pertencia às famílias abastadas, mas com o passar dos tempos foi possível que quase todas as casas possuíssem esse aparelho encantador. Na casa dos meus pais por exemplo, só tivemos acesso por volta de 1976, era uma televisão da marca *Telefunken* em preto e branco, mas que logo ganhou uma tela nas cores do arco-íris, que trazia um colorido estonteante para as imagens. Lembro que fiquei tão impressionada que estava decidida a pegar o martelo e quebrar o vidro da TV, para que as pessoas entrassem na sala lá de casa. O plano só não foi executado porque, ingenuamente, contei a painho que as pessoas do programa do Chacrinha iam entrar na nossa casa.

Os programas de auditório da época, como o Cassino do Chacrinha, e várias modalidades apresentadas por Sílvio Santos, que ainda hoje se mantem firme e forte, faziam a minha alegria e de milhares de pessoas nos dia de sábado e domingo, possuindo formatos que contavam com a apresentação de vários quadros, incluindo os jogos de interatividade, os programas com jurados, dentre outros. Hoje em dia, esse tipo de programa de entretenimento tem mudado muito; notamos que a maioria tem um cunho sensacionalista e, muitas vezes, apelam para situações bizarras onde os candidatos devem se submeter para concorrer a um prêmio. Como continua afirmando Brougère: “Numa sociedade que fragmenta os contextos culturais, a televisão oferece uma referência comum, um suporte de comunicação” (BROUGÈRE, 2010, p.58). Nessas propostas que apresentei nas feiras públicas, pude levar uma novidade

que contagiou centenas de pessoas por onde passei e as referências dos programas de auditório estavam imersas em cada detalhe que foi pensado, para que esse encantamento acontecesse atraindo multidões no espaço público.



Figura 88 - Seu Ramilton - Pai de Igor, o vencedor do jogo - Monte Santo - BA - 2015

A terceira intervenção aconteceu na cidade de São Gabriel, que fica a 494 km de Salvador. Seguimos rumo ao destino e, por lá, ficamos cerca de cinco dias fazendo a conexão necessária para o acontecimento. Escolhi como base a cidade de Irecê, que fica nas proximidades. A feira de São Gabriel acontece aos domingos e, apesar de ser uma pequena cidade, o movimento cultural por lá é muito forte. Nessa experiência, pude contar com o apoio local, visto que tenho alguns amigos que residem na localidade. Isso foi um ponto facilitador para que as coisas fluíssem de modo acelerado. Após alguns passeios pela região pude fazer amizade com moradores e descobrir quem poderia me vender um bodinho para a rifa. No sábado à noite fui até a zona rural para conhecer seu Elias, um grande criador e negociante de bodes “naquelas banda” (sic), cuja casa, cercada por dezenas de árvores, apresentava um clima sombrio onde a melancolia atravessava a sala verde de piso vermelho que dava acesso ao quintal e seu rebanho. Ali no fundo da casa tudo mudava, seu Elias era a alegria do rebanho, que atendia ao seu chamado e recebia seus carinhos. Ele, muito orgulhoso, me apresentou um pequeno bode tão lindo e tão doce que me remeteu a delicadeza dos gatos que tanto amo. Peguei-o no colo e beijei-o com muito afeto. Ali estava o pequeno, a quem dei o nome de **Tirinha**, por observar a beleza de sua pele que tinha uma estampa simétrica e branca com apenas uma bela linha preta passando por toda coluna vertebral.



Figuras 89 - 90 – Tirinha e eu – São Gabriel – BA – 2015



Figura 91 – O Povo se aproxima - São Gabriel – BA – 2015



Figura 92 – Iniciando a jogada - São Gabriel – BA – 2015



Figura 93 – Índio do Brasil – O premiado - São Gabriel – BA – 2015

No dia seguinte, como combinamos, ele levou Tirinha para a feira e começamos a organizar a nova jogada. Terra de gente sorridente e entregue à novidade, a euforia tomava conta do local que escolhi e a energia festiva se propagava nos quatro cantos da feira. Vesti meu figurino atrás dos carros estacionados e me lancei no meio do povo. Tudo foi muito rápido e intenso, dei uma grande volta convocando à multidão e em poucos instantes uma aglomeração se formava com vontade de ganhar. Dessa vez o prêmio foi para o candidato que se denominava *Índio do Brasil*. Era um homem com energia de um menino brincalhão, ele vibrava e cantava como uma criança feliz por ter sido o grande vencedor, exaltado dizia: “aaaaleluiaaa eu acreditei...”. Prometeu, diante de todos que ali estavam, que

cuidaria de Tirinha por toda vida e ainda afirmava que era um homem da arte e por isso aquele animalzinho seria seu novo bicho de estimação.

Em primeiro de novembro o jogo dominou a feira municipal da cidade de Mutuípe, distante 250km da capital. Para essa ocasião, pude contar com o apoio de muitos conhecidos e amigos da redondeza que se juntaram a mim com o propósito de ajudar no que fosse preciso. Essa grandeza afetiva me fortalece como artista e transborda em energia de amor e arte com todo povo que se aproxima nessa união temporária e verdadeira. Para essa cidade levei como prêmio um belo fogão. A feira ia se aprumando com o raiar do sol e, enquanto os feirantes montavam suas barracas, pude circular pelo local definindo onde instalaria a grande cartela de rifa *Raid das Moças*. Por volta das 9h40 dei início à intervenção, instalei a super cartela na fachada de um box que não estava em funcionamento, contratei panfleteiros para divulgar e me juntei a eles munida com o meu precioso instrumento de comunicação: o megafone. Em cada cidade dessas, duas pessoas do local eram contratadas para compor a intervenção, elas ficavam vestidas de figurino preto, posicionadas uma de cada lado da cartela de rifa, como se fossem os guardiões do jogo.

Tudo estava harmonicamente perfeito para o grande evento, as pessoas se aproximavam com alegria e expressavam fé na jogada. Todos queriam ter o direito de participar e não acreditavam que estavam concorrendo a um fogão novinho sem nada pagar. Uma moça se posicionou em frente ao jogo e resistia em assinar, de tanto seu amigo adular, ela resolveu se arriscar e para surpresa de todos, foi a grande vencedora.



Figura 94 – O Jogo e a Feira de Mutuípe – BA – 2015



Figura 95 – A expectativa do povo - 2015



Figura 96 – O anúncio do nome premiado

Lucinéia estava tomada pela emoção, e relatou: “nunca ganhei nada em rifa, o fogão lá de casa dei a pai, ele já é velhinho e estava precisando muito, eu tava juntando um dinheirinho pra comprar um nas festas de fim de ano mas, agora, eu só agradeço a Deus por essa graça, estou muito feliz, sou de Três Lagoas.” Agradei a participação e, para encerrar nosso encontro, falei: “Lucinéia, já diz o ditado: ‘quem não arrisca, não petisca’”.

A alegria desses vencedores é a minha grande felicidade, pois o nosso encontro efêmero deixa uma marca de momentos de convivência guardados com afeto nas memórias envolvidas em cada experiência.



Figura 97 – A Emoção de Lucinéia, a vencedora – Mutuípe – BA – 2015



Figura 98 – Momentos de emoção desmedida



Figura 99 – Lucinéia junto ao prêmio, posando para foto ao meu lado

O fechamento desse projeto foi realizado em Salvador, na grande Feira de São Joaquim. Era 15 de novembro, um dia de feriado, mas arrisquei a sorte e encontrei a feira cheia. Equipada com outro fogão fui chegando e sendo recebida por largos sorrisos de dezenas de feirantes que se divertiam tomando pinga e jogando dominó. Juntei-me a eles e ali mesmo coloquei meu figurino, assentei a cartela de rifa na frente da loja *Casa Rainha do Mar*, que se encontrava fechada, e logo providenciei uma pinga para animar a festa. Ali, as rifas não causam estranhamento, pois são prática comum e têm como uma das

principais envolvidas uma simpática garota conhecida como Xuxa, que logo fez grande amizade comigo se envolvendo completamente na intervenção.

O jogo começou com todo fervor e a fila não parava de crescer, em poucos minutos a cartela já estava quase toda preenchida e se estabelecia uma confusão danada porque muita gente queria furar a fila para não perder a oportunidade de concorrer, outros se atreviam a assinar duas vezes e todo mundo gritava denunciando o tal candidato.



Figura 100 – Abertura do jogo na Feira de São Joaquim – Salvador – BA – 2015

Era hora do sorteio e a feira ia à loucura, todos que assinaram a sorte afirmavam que iam ganhar e a gritaria ganhava impulso. Convoquei-os para a tradicional contagem regressiva e o brilho nos olhos de cada candidato refletia a esperança de ser vencedor.



Figura 101 – A Descoberta do nome secreto - Feira de São Joaquim – Salvador – BA – 2015



Figura 102 – Seu Manoel – O premiado - Feira de São Joaquim – Salvador – BA – 2015

Seu Manoel, que trabalha vendendo vegetais, foi o segundo a assinar a rifa e, nesse jogo, foi o grande ganhador. A euforia foi tão grande, que ele ergueu o

fogão, derrubando todas as peças que faziam parte do eletrodoméstico. Em meio a muitos aplausos, ele agradecia e esbanjava um belo sorriso composto por muitos dentes de ouro. Nesse momento de tanta emoção, fiz meus agradecimentos e encerrei esse grande circuito que reverberou em mim toda alegria e afeto na construção de um projeto no qual tive como grandes parceiros todas as pessoas que se envolveram de diferentes maneiras e que, através desses encontros, constituímos laços duradouros e efêmeros.

Em maio de 2015, finalizando o projeto, realizei uma mostra individual no Goethe Institut da Bahia, apresentando os resultados das intervenções, através de vídeo e exposição das cartelas de rifas utilizadas em cada cidade. (ver Anexo A)

4.2 VENDO LENÇÓIS

No início de março de 2015 já estava certo que seguiria para uma encantada cidade no centro do Estado da Bahia, na região da Chapada Diamantina, para participar da Mostra Osso Latino-americana de Performances Urbanas – MOLA. Parti no dia quatro desse mês, de manhã bem cedo, com malas abarrotadas de tranqueiras e, ao meu lado, estava Honório, um macaco de pelúcia que vive comigo há alguns anos e estaria dando início à sua trajetória performática fora de casa. Finalmente, chegamos a Lençóis. Dizem que a origem do seu nome vem dos lajedos por onde o rio passa espumando, serra abaixo, parecendo um lençol bordado ou rendado. Essa beleza pode ser observada principalmente por cima da Serra do Sincorá, formada por uma cadeia de montanhas que constitui um importante sítio geológico, paleontológico e ecológico nessa região.

Ao chegar à cidade, arreei as malas em um quarto de hotel, um belo casarão antigo que outrora fora residência de um poderoso senhor “daquelas bandas”. Abaixo do meu quarto-estava o porão trancado a sete chaves; ali era a senzala onde ele mantinha seus escravos. O jardineiro Josué protegia aquele vão a mandado de seu patrão atual, membro da antiga família e resistia em abrir a porta cinzenta, ressecada e descascada pelo tempo, para um mergulho do meu olhar, naquela história escura, retida num canto úmido e empoeirado. Assim,

seguia o poeta das flores todas as manhãs me acordando com a canção entoada pela vassoura de piaçava dançando nos estreitos caminhos de cimento do vasto jardim.

As verdadeiras casas da lembrança, as casas onde os nossos sonhos nos conduzem, as casas ricas de um fiel onirismo, rejeitam qualquer descrição. Descreve-la seria *mandar visitas*. Do presente pode-se talvez dizer tudo; mas do passado! A casa primordial deve guardar sua penumbra. Ela pertence à literatura em profundidade, isto é, à poesia, e não à literatura eloquente, que tem necessidade do romance dos outros para analisar a intimidade. (BACHELARD, 1993, p.32).

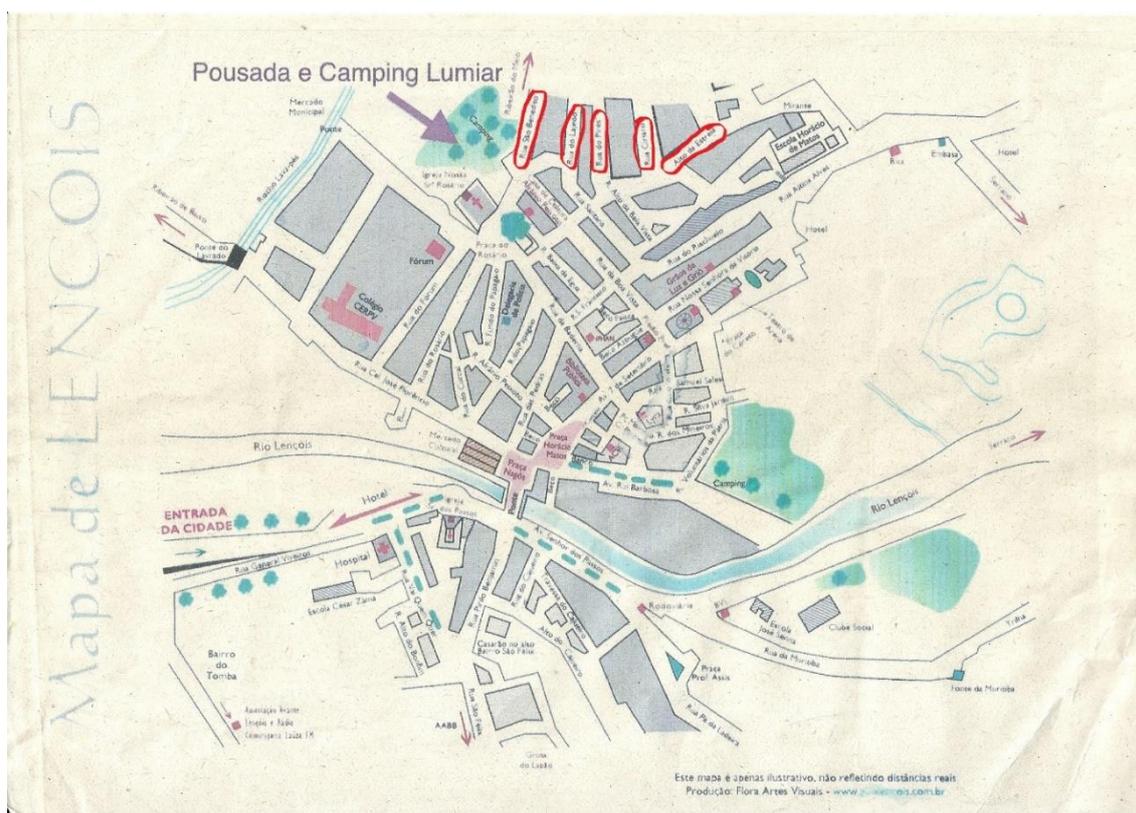
A curiosidade foi adormecendo lentamente e, por outro lado, reascendendo em mim as lembranças do passado, a infância no recôncavo baiano, quando minha família e eu seguíamos viagem para a fazenda Congonhas pertencente ao meu avô. Ao atravessar a Fazenda Riacho Seco, e seguir alguns quilômetros por um tabuleiro, avistava-se ao longe um grande sobrado localizado no alto da serra, a cor da casa se confundia com as nuvens e as dezenas de janelas e portas verde oliva, já estavam esmaecidas pelo tempo. Um porão escuro também reservava um passado oculto, onde eu nunca tinha resposta para minhas perguntas, era tudo um grande mistério. Naquela fazenda as crianças podiam brincar em todos os cantos, incluindo a casa de farinha, mas o porão vivia trancado com barras de ferro e muitos bregueços encostados na porta anunciando o impedimento. A arquitetura colonial e os antigos arvoredos eram testemunhas daquele passado que pairava naquela atmosfera sedutora.

Os dias amanheciam e ali estava eu transitando pelas ruazinhas estreitas de calçamento irregular, fazendo com que meus passos se lançassem em um jogo de equilíbrio, enquanto meus olhos se envaideciam com tanta beleza e meu corpo se derretia com o calor oferecido pelo sol. Estava em um namoro com a cidade e seus cantos, pois a partir dessa experiência de perambulação, nasceram dois projetos que foram desenvolvidos nos últimos dias de nossa temporada naquele lugar.

O caminhar, mesmo não sendo a construção física de um espaço implica uma transformação do lugar e dos seus significados. A presença física do homem num espaço não mapeado – e o variar das percepções que daí ele recebe ao

atravessa-lo – é uma forma de transformação da paisagem que, embora não deixe sinais tangíveis, modifica culturalmente o significado do espaço e, conseqüentemente, o espaço em si, transformando-o em lugar. O caminhar produz lugares. (CARRERI, 2013, p.51).

Nesse vai e vem, me deparei com o Alto das Estrela, uma comunidade localizada logo atrás da minha hospedaria e fora do eixo turístico. Pensei: aqui é o lugar que me toca de forma diferente; aqui quero submergir por horas, conhecendo as pessoas e entrando um pouco em seus mundos, trocando dedos de prosa e chegando a um lugar onde o outro possa pertencer a esse jogo de afeto que quero estabelecer através do encontro, em cada porta onde minhas mãos irão tocar.



Mapa 5 - Mapa da cidade de Lençóis, sinalizando o Alto das Estrelas

O espaço apresenta-se como um sujeito ativo e pulsante, um produtor autônomo de afetos e de relações. É um organismo vivente, com um caráter próprio, um interlocutor que tem repentes de humor e que pode ser frequentado para instaurar um intercâmbio recíproco. (CARRERI, 2013, p.78-80).

Um menino franzino de olhinhos rasgados e meia dúzia de fiapos de cabelo no queixo se aproxima de mim e entrega-se. Era um presente dos deuses; ele seria o meu guia, o meu anjo, com leveza e muita felicidade percorreu por vários dias todas as ruas daquela comunidade me levando de casa em casa e me apresentando àquelas pessoas. Ricardo, ou Boa Sorte, como também gosta de ser chamado, estava em um estado tão grande de entusiasmo que decorou as minhas palavras nas primeiras casas que visitamos e quase já não me deixava mais falar, ele já sabia de tudo e me representava tão bem que o elegi meu diretor.

Durante quatro dias, percorremos a Rua do Pires, a Rua do Lajedo e a antiga Rua dos Negros, hoje nomeada Rua São Benedito. Fui recebida por cerca de cento e dezenove famílias que abriram suas portas e permitiam a minha entrada em seu universo particular. A conversa se desenrolava e eu ia expandindo o meu desejo de em parceria com eles realizar aquelas ideias propostas.

No sendeiro de uma dessas ruas, em uma passagem estreita, estava um muro alto vestido de trepadeiras, também conhecida por mimo do céu; subi a escada e uma estrela, vestida de cetim, cor azul, sorriso largo e chapéu com laçarotes, me convidou para entrar. Sua casa era ampla e muito simples; paredes cor-de-rosa e em um canto o seu sofá azul. Ali repousei meu corpo para ouvir aquela artista, cientista e tantos outros “istas” que era Dona Lilí. Ela sabia de quase tudo; tinha um discurso cheio de garras, levantava e interpretava sua fala, e até babava com a empolgação de uma cachoeira que derrama sua água em potência máxima para refrescar o leite. Passamos quase duas horas, entre conversas, prato de farofa com pimenta e café bem quente feito por uma de suas netas, que eram muitas. As outras ficavam admiradas assistindo dos cantos da sala o show que a vó fazia, enquanto ouvia-se bem distante bebês chorarem e rirem nos outros cômodos da casa.

Ali não era um lugar comum. Estava muito claro. Foi visível desde a entrada: a passagem por aquela casa renderia planos precisos e preciosos por parte de Dona Lili. Boa Sorte e eu nos despedimos e fomos em frente. Tudo parecia ter

se encerrado com um adeus e até breve. Seguimos o caminho, visitando outras moradas, cada casa com sua alma, encantamento para meus olhos que assuntava cada detalhe com muito cuidado e atenção, pois, a casa diz muito do dono! Segundo Bachelard (1993, p.23), “a casa nos fornecerá simultaneamente imagens dispersas e um corpo de imagens”.

Ao sair de cada endereço estava certa que aquela família participaria, ou não, do projeto idealizado para os dias seguintes. Cada morador que se comprometeu, ganhou, na fachada de sua casa, um adesivo vermelho em forma de triângulo, figura geométrica formado por três segmentos, o triângulo faz alusão às tríades: início, meio e fim; corpo, alma e espírito. Esse símbolo seria uma espécie de guia, mapeando o trajeto da primeira ação performática intitulada *Vendo Lençóis*.

Como em muitos dos seus trabalhos com a imagem-palavra a artista brinca com a recepção do fruidor, pois aqui, desde o título, misturam-se procedimentos, categorias e ações, como nos verbos ver, vender e vedar... O que se vê então está à venda? Está vendido ou vedado? O que não se vê é também vendido ou vedado? Se é vendido, quem vende? Quem compra? Se é vedado, quem, ou o que impede esse ver? (RANGEL⁵, 2009).



Figura 103 – Visitando Dona Júlia – Lençóis – BA – 2015

⁵ RANGEL, Sonia é orientadora desta tese vive e trabalha em Salvador – BA. Doutora em artes cênicas pela Universidade Federal da Bahia. O referido parágrafo faz parte do texto escrito para a minha exposição individual de título, **Vendo a Venda** Realizada em outubro de 2009 no Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM) Salvador Bahia – Brasil.



Figura 104 – Visitando Dona Ana – Lençóis – BA - 2015



Figura 105 – Dona Rita



Figura 106 – Dona Edineia



Figura 107 – Dona Birau



Figura 108 – Dona Cristina



Figura 109 - Toni



Figura 110 – Jaciara



Figura 111 – Felipe e Catiene



Figura 112– Valtizia e Nivea



Figura 113 – Dona Cintia



Figura 114 – Dona Nena e Lia



Figura 115 – Dona Gení

Como uma mascate, parti trajando um figurino especial desenhando a cada passo as ruas do Alto das Estrelas com um belo jumentinho que batizei de **Juventino**. Ele levava uma placa de papelão onde estava escrito “Vendo Lençóis” e dois caçuás ou panacuns, se assim preferir chamar, abarrotados com 45 lençóis floridos. Uma espécie de jardim ambulante que passaria nos quarenta e cinco endereços destinados a receberem uma unidade daquelas. Estava eu com 45 anos e os lençóis cumpriria o papel simbólico de representar cada ano de minha vida.



Figura 116 – Abertura - Vendo Lençóis – Rumo às ruas - Lençóis – BA - 2015



Figuras 117 - 118 – Seguindo para o Alto das Estrelas - Lençóis – BA – 2015

Todo trajeto durou cerca de duas horas. A ação se encerrou na boca da noite na Rua dos Negros, onde Dona Nena, Dona Gení e Dona Lia receberam as últimas unidades dos lençóis. O jardim de panos estava plantado! Realizei um jogo de confiança, afetos e laços que se firmaram para cada um de nós, me fazendo enxergar as relações entre espaço e tempo e o desenrolar de uma negociação entre artista e público que desembocaria em uma segunda empreitada para o dia seguinte, onde todos os participantes se comprometeram em estarem presentes às 17 horas na principal praça da cidade, chamada Horácio de Matos, para uma nova ação.



Figura 119 – Iniciando a distribuição dos lençóis – Lençóis - BA -2015



Figura 120 – As portas se abrindo



Figura 121 - Rua do Lajedo



Figuras 122 – 123 – Ô, de Casa! Aos moradores da Rua do Lajedo



Figuras 124 – 125 – Partindo para outro caminho



Figura 126 – Caminhando com Ricardinho Marques



Figuras 127 - 128 – Seguindo com a distribuição



Figura 129 – Percorrendo um trecho onde não houve distribuição



Figura 130 - Dando continuidade ao percurso



Figura 131 – O encantamento das crianças



Figura 132 – Ruazinhas tranquilas e moradora que se aproxima querendo saber do que se trata



Figura 133 – Panacuns esvaziando



Figura 134 – Entregando o Lençol a Dona Lilí – Um encontro que rendeu

4.3 ME CUBRA COM LENÇÓIS

De acordo com nosso acerto, lá estava eu entregue ao jogo da sorte, esperando que aquelas pessoas aparecessem munidas com seus lençóis. Junto comigo estava o macaco de pelúcia Honório. Repousamos o corpo no vasto e original calçamento de pedras miúdas e arredondadas, conhecidas popularmente como cabeça-de-negro ou pé-de-moleque pela semelhança que têm com o doce de amendoim de mesmo nome. Escolhi deitar na espinha central que norteia o desenho do chão, amparada por várias espinhas em diagonal, que funciona como canaleta de escoamento da água pluvial ao centro.

Naquele horário, às 17h, uma sombra imensa cobria toda praça. O sol já estava se deitando também. Fui recebida pelo chão, com uma quentura surpreendente e, apesar de ser muito difícil descrever a sensação, foi um dos momentos mais incríveis que já vivi. Meu corpo sobre o chão e o céu como teto. Existiram naquele instante inúmeras manifestações invadindo minha mente e coração, como se fosse uma morte e um renascimento. Fiquei por

alguns minutos contemplando sobre os olhos a imensidão azul lastrada de nuvens dançantes e, não demorou muito para sentir uma presença se aproximando e jogando o primeiro lençol sobre meu corpo.



Figura 135 – Abertura - Me Cubra com Lençóis - Lençóis - BA – 2015



Figura 136 – Primeiras pessoas chegando 1 - Lençóis - BA – 2015



Figura 137 – Primeiras pessoas chegando 2 - Lençóis - BA – 2015



Figura 138 – Intervenção em processo – Lençóis- BA – 2015

Atenta a todo movimento, foi possível ver muitas senhoras surgindo das ruazinhas estreitas que fazem conexão com a praça principal. Elas chegavam

lentamente com olhos brilhantes, entusiasmadas trazendo embaixo do braço o lençol. Ali acontecia uma aproximação muito profunda: meu olhar se cruzava com o olhar de cada um que me cobria, e seus nomes acendiam como faróis em minha mente. Em muitos momentos desaguei. Estava esperando quarenta e cinco pessoas para que esse compartilhamento fosse concluído. Em determinado tempo, meu corpo estava tomado por um calor absoluto, movimente-i criando novas formas para a camada de tecido que me cobria, e pensei que ali já estariam todos os lençóis e seus afetos.

*P. Zizinha, P. Julia, P. Moulza, P. Walteria, P. Ivona
 P. Lúcia, Michele, P. Buzau, Luam, Chintia, Gutema
 Felipe, Tony Luis, Jan, Jeana, P. Ana, Sr. José e Denise
 Jucia, Geovana, Alice, Tainá, P. Nema, P. Liza, Gami, Fatima
 Elvira, Martim, Fajm, P. Nova Tereza (R.N) (R.P) (R.L)*

Figura 139 – Assinatura dos nomes de alguns participantes - Lençóis - BA – 2015



Figura 140 – A participação intensa da mulher de roupa quadriculada que apareceu de forma inusitada - Lençóis - BA – 2015



Figura 141 – O envolvimento intenso 1



Figura 142 – O envolvimento intenso 2



Figura 143 – Entregue ao que ocorresse



Figura 144 – Momentos de muita emoção



Figura 145 – A Praça vai lotando

Crianças, adultos e cachorros rodeavam aquele território, e uma expectativa rondava a cabeça de cada um ali presente a respeito do que iria acontecer quando eu resolvesse levantar. Por volta das 17h40, os olhares estavam atentos. Deixei Honório no chão, deslizei levemente no calçamento de pedras, saindo de debaixo da grossa camada de lençóis e me posicionando em pé em frente ao amontoado de tecidos floridos. Naquele momento, percebi verdadeiramente o que passava à minha volta: muitas pessoas estavam sentadas nos passeios e a noite mansamente ia chegando. Inclinei meu corpo até o chão e em suaves movimentos fui pegando cada lençol e erguendo-o, esse ato era um convite para que seus donos viessem receber aquele pedaço de pano e levasse-o de volta para casa. Ora, para aquelas pessoas que participaram, isso foi uma surpresa, ficaram desconsertadas, mas, sem usarmos nenhuma palavra, apenas gestos, todos foram se aproximando e adquirindo de volta parte da obra que construímos juntos.



Figura 146 – Levantando para devolver os lençóis aos participantes - Lençóis - BA – 2015



Figura 147 – Devolução dos lençóis em processo - Lençóis - BA – 2015

Tudo parecia ter chegado ao fim quando, de repente, fui surpreendida por um abraço, um par de olhos marejados e a uma voz trêmula que dizia: “Já acabou? Eu estava me arrumando. Bordei esse vestido, enfeitei-me com esse manto rosa, comprei flores pro meu chapéu e tive até que mandar ajustar essa roupa pra vir lhe ver! Ô, meu Deus!”. Era Dona Lilí, aquela mulher tão vibrante e tão artista que mencionei acima. Não titubei, me recoloquei sobre o chão para que ela realizasse o seu maior desejo naquele fim de tarde.



Figura 148 – A inusitada aparição de Dona Lilí - Lençóis - BA – 2015



Figura 149 – Dona Lilí se expande na praça - Lençóis - BA – 2015



Figura 150 - Um jogo que se deslanchou por muitos minutos



Figura 151- Um encantamento especial



Figura 152 - Cobre, descobre, cobre



Figura 153 - Recita poesias, poeta diamante



Figura 154 – Deitadas podemos sonhar e contemplar a chegada da noite - Lençóis - BA – 2015

Dona Lilí se expandiu, dançou com seu lençol, me cobria e descobria muitas vezes, girava em um estado de êxtase até se deitar do meu lado. A praça delirava. Aplausos vinham de todos os lados. Nos levantamos e, entre muitas lágrimas e sorrisos, nos despedimos de todas aquelas pessoas que guardarão esse registo na memória.

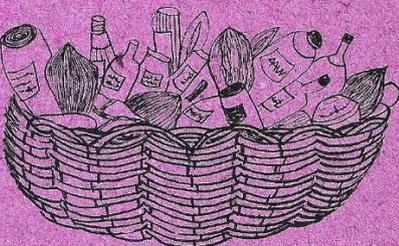
4.4 A POÉTICA DO CAMINHAR: A SORTE É CEGA

Depois de escrever sobre os trabalhos anteriores, parei uma semana para reiniciar a escrita. Durante esses dias de pausa, senti ansiedade, falta de concentração, sintomas que considero normais em qualquer criatura. Hoje, fui movida por emoções variadas e estou retomando de onde parei, sigo com as experiências que atravessei na construção desses projetos que são norteados pela caminhada. Trago, então, o texto que escrevi para o catálogo desta intervenção.

HOJE
AQUI NA FEIRA

PERFORMANCE DA ARTISTA VISUAL
IEDA OLIVEIRA

SERÁ RIFADO
UM LINDO PRÊMIO A CUSTO ZERO
PARTICIPE!



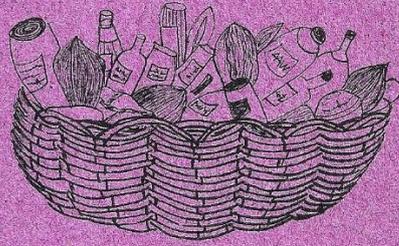
Apoio:  MultiGraf
Gráfica e Editora

Realização: **ARTE EM TODA PARTE**  SALVADOR
FEIRA DE ARTES

HOJE
AQUI NA PRAÇA

PERFORMANCE DA ARTISTA VISUAL
IEDA OLIVEIRA

SERÁ RIFADO
UM LINDO PRÊMIO A CUSTO ZERO
PARTICIPE!



Apoio:  MultiGraf
Gráfica e Editora

Realização: **ARTE EM TODA PARTE**  SALVADOR
FEIRA DE ARTES

Figuras 155 -156 - Panfletos de divulgação em Feiras e Praças

Na poesia do caminhar
Com balaios embrulhados
A suburbana adentrei
Fui parar em Plataforma pro jogo começar
A noite era de festa na pracinha daquele lugar

No Nordeste de Amaralina era domingo de sol
Subindo e descendo rampa a rifa anunciei
De fundo se ouvia ganhei, ganhei, ganhei
Era Daniel o sortudo da vez

Na segunda peguei a Kombi pra Liberdade
Na rua estreita acontecia a feira do Japão
Dona Júlia com olhar sereno a rifa assinou
Premiada com os balaios sortidos
Pra casa tudo levou

Na quinta seguinte, segui pra Cajazeiras 10
A praça vazia invadi com coragem
Convoquei o povo com os mesmos gritos da Liberdade
O nome premiado Dona Lúcia assinou
De tanta alegria, com lágrimas, o chão da praça ela molhou

O último jogo foi lá em Itapuã
Segui com os balaios na quinta de manhã
Na feirinha desfilei com megafone a chamar
Quem levou tudo pra casa foi uma sortuda que passava por lá

O jogo só acaba quando termina
A alegria se espalha e que a sorte é cega muita gente enxergou
Desde o tempo de menina vivo a arte de jogar
Agora com arte, levo jogo pra todo lugar



As rifas e seu retorno acontece em 2014, quando submeti um projeto para o edital Arte por Toda Parte, promovido pela Fundação Gregório de Matos, vinculada à Secretaria de Cultura do município de Salvador, no qual propus realizar as intervenções através do jogo, em cinco bairros populares da cidade. A princípio, pensei que esse projeto já teria chegado ao fim, mas depois de circular pelo interior da Bahia fazendo essas intervenções nas feiras, enxerguei novas possibilidades reforçando em mim o desejo de trazer essa experiência para a capital, especialmente para entender como se estabelecia essa relação em territórios diferentes e, ao mesmo tempo, analisar o comportamento, o cotidiano, os valores e os costumes locais de cada lugar.

Tendo o projeto aprovado, iniciei as intervenções no mês de julho de 2015 e, em uma única semana, percorri os cinco bairros eleitos, realizando o trabalho.

Abaixo, um recorte da Cidade de Salvador, na qual sinalizo os bairros de realização das intervenções.



Mapa 6 – Bairros onde realizei A Poética do Caminhar

Iniciei pelo bairro de **Plataforma**, localizado no subúrbio ferroviário da capital. Por não ter uma feira no local, elegi a Praça São Brás, que é a principal praça do bairro, para realização da proposta. A intervenção aconteceu num final de tarde de sábado, momento em que as famílias vão passear no local.



Figura 157 – Abertura da intervenção no Bairro de Plataforma - Salvador - 2015

Munida de prêmios, megafone e outros apetrechos, me instalei em um pequeno espaço para iniciar as ações. Saquei o megafone e comecei o chamado, minha voz se perdia em meio aos estrondos de um alto-falante comandado por um pastor que também disputava comigo a atração do povo. Mas quando o negócio é jogo, e de graça, posso dizer que ganhei essa concorrência. As pessoas foram chegando de forma sorradeira, sondando o que estava acontecendo.



Figura 158 – A aproximação do povo - Bairro de Plataforma - Salvador - 2015

Percebi que, em pouco tempo, uma aglomeração se formava em minha frente. Os olhos daquele público se salientavam quando me ouviam anunciar que o vencedor levaria pra casa todos os prêmios a custo zero, pois para cada bairro preparei três balaios especiais: um bem grande, abarrotado de variados tipos de alimentos, cerca de duzentos e trinta itens; outro médio, repleto de artigos de cama, mesa e banho; e o menor, contendo materiais de limpeza e produtos de beleza e higiene pessoal. As mulheres dominavam essa jogada, fizeram uma fila que ia entortando, dando lugar para uma ligeira bagunça, facilitando que uma pessoa passasse na frente da outra e não perdesse a oportunidade, o que causava uma confusão danada e a gritaria imperava. Uma das únicas crianças, que foi fortemente atijada pela mãe para assinar um bilhete, foi a grande vencedora. Bruna fez a alegria da família que saiu com um gingado diferente, carregando sobre a cabeça os balaios e suas aquisições.



Figura 159 – Hora do sorteio – Plataforma – Salvador – BA-2015



Figura 160 – Chuva de papel picado para Bruna



Figuras 161 - 162 – Bruna – A grande vencedora - Plataforma – Salvador – BA- 2015

Cada experiência se afirma mostrando-me como vale a pena propor deslocamentos em lugares tão diferentes, vivenciando momentos, criando vínculos, mesmo que em tempos bem curtos, mas que são capazes de estreitar laços de grandes recordações, tanto para mim, como para quem pode de certa forma compartilhar da experiência.

“A exploração da cidade e a contínua descoberta de realidades a ser reveladas são possíveis em qualquer lugar [...]” (CARERI, 2013, p.77). Em busca dessas revelações pertencentes à essa nova história, segui no domingo seguinte, bem cedo, para o famoso bairro do **Nordeste de Amaralina**. Lá acontece, todos os domingos, a feira mais importante da comunidade. Subimos o morro e os feirantes já estavam posicionados com suas mercadorias. Desci da Kombi, transporte que me conduziu durante todo esse circuito, e fui mansamente

chegando, distribuindo panfletos e anunciando com o megafone o que estava por vir.



Figuras 163 - 164 – Divulgação no Nordeste de Amaralina – Salvador - BA - 2015

O Nordeste de Amaralina é um bairro de grande população, também muito famoso pelo tráfico de drogas e violência. Apesar de estarmos na capital, a minha presença, principalmente pelo fato de usar uma vestimenta especial para o evento, causou estranhamento e curiosidade nos passantes. O forró estava dominando a feira, e um homem conhecido no local como Rasta se disponibilizou a ajudar no que fosse preciso. Ele tentava organizar o povo em fila, mas estava quase se tornando impossível. Eu, nesse momento, bradava loucamente e expressava muita alegria por estar ali. Um clima tenso já havia se instalado, os conhecidos “homens do pedaço” chegaram impondo as ordens “aqui só assina vovozinha e criança”, e o fura fila começou acontecer.



Figura 165 – Abrindo o jogo – Nordeste de Amaralina – Salvador - BA-2015



Figura 166 – A multidão se aproxima – Salvador - BA-2015



Figura 167 – As Crianças se empolgam – Salvador - BA-2015

Perante a desordem visível, só me restou abraçar esse rapaz que se dizia “o dono do pedaço” e pedir que o próprio me ajudasse. Com muitos risos, nos abraçamos e estabelecemos uma conexão de paz, para que aquele momento lúdico não fosse quebrado por nada. Tudo se desenrolou normalmente e todos puderam desfrutar da proposta, que teve como grande vencedor um rapaz chamado Daniel. Ele ficou tão agradecido e me disse que a única coisa que ele pode comprar para alimentar a família era uma placa de ovos que carregava delicadamente nas mãos. Abastecido de prêmios variados, Daniel arrumou um carrinho de mão e partiu na leveza de um pássaro saltitando pelos becos do Nordeste.



Figura 168 – Daniel - O Grande premiado - Nordeste de Amaralina – Salvador – BA - 2015

O tempo entre uma intervenção e outra era um suspiro e um sonho. Na segunda, bem cedo, parti para o bairro da Liberdade, um dos mais populosos da cidade. A efervescência do comércio e o trânsito confuso aparentava uma desordem local, mas é nesse ritmo que seguem os dias por ali. Segui andando pela principal avenida do bairro e adentrei uma das transversais, onde se localiza a famosa Feira do Japão. Em uma ruazinha estreita, lotada de barracas e muito barulho, encontrei um rapaz chamado José, que seria o meu

produtor local, ou seja, permitiria a minha intervenção naquele território demarcado pelos comerciantes. Ele apontou o lugar onde eu deveria ficar e foi resolvendo quem seriam as pessoas dali que podiam trabalhar comigo. “Nessa feira não se pode vacilar, a segurança é feita por Deus”, grita uma mulher que vendia frutas. Tudo instalado, descemos feira abaixo, distribuindo panfletos e convidando o povo para iniciar as ações.



Figura 169 - Abertura do jogo – Feira do Japão – Liberdade - Salvador – BA – 2015



Figura 170 – A multidão se aproxima – Salvador - BA - 2015



Figura 171 – Hora do sorteio - Feira do Japão – Liberdade – Salvador - BA - 2015

Espremida entre a calçada e a multidão que se formou em poucos instantes, anunciei a abertura do jogo e ofereci a caneta para o primeiro candidato assinar a tela. Uma fabulosa animação se espalhava naquele pedaço de feira onde os jogadores afirmavam que iam ganhar de qualquer modo. Uma senhora de semblante muito calmo e residente em um bairro próximo, passava pelo local, retornando de um posto de saúde, e resolveu parar para “fazer uma fezinha”. Dona Júlia estava realmente no seu dia de sorte, foi a grande vencedora e teve que ser imediatamente amparada por nossa equipe, pois pelo fato de ser uma senhora com aparência frágil, logo foi abordada por homens exaltados que estavam com a intenção de surrupiar seus prêmios. Decidi que a levaríamos até sua residência para cuidar de sua proteção junto às aquisições.



Figura 172 - Dona Júlia - Grande vencedora - Feira do Japão – Liberdade – Salvador - BA - 2015



Figura 173 - Parabenizando a premiada



Figura 174 – Na casa de Dona Júlia

Para a penúltima intervenção, escolhi o bairro de Cajazeiras 10. Cheguei à uma pequena praça, conhecida como largo principal, e instalei o trabalho. Uma feirinha modesta começava a se formar bem pertinho do local que eu havia

escolhido. Cheguei a pensar que não teria público para essa intervenção, era um largo rotatório, onde as pessoas passavam apressadas e fluía um trânsito intenso. Mandando o desânimo ir embora, comecei uma andança pelos quatro cantos daquele espaço, convoquei dois garotos para fazerem parte da intervenção juntamente comigo, panfletamos um pouco e logo dei início à chamada de abertura.



Figura 175 – A Chegada à praça principal de Cajazeiras 10 – Salvador - BA – 2015



Figura 176 – A Empolgação da multidão - Cajazeiras 10 – Salvador - BA - 2015



Figura 177 – O momento do sorteio - Cajazeiras 10 – Salvador - BA – 2015

Fiquei impressionada, mais uma vez, com o poder do jogo. As pessoas chegavam em grupos, mesmo sem saber que era de graça, mas estavam dispostos a concorrer. Quando ficava evidente que nada precisavam pagar, e que os prêmios eram sedutores, a praça tremia e a gritaria se potencializava. Dona Lúcia, uma senhora muito simples, que tomava conta de uma barraca, resolve assinar o nome Yêda, e tornou-se a premiada mais comemorada pela plateia. As pessoas carregavam ela, enquanto suas lágrimas escorriam, e gritavam firmemente: “ela merece, ela merece, ela merece”. Uma energia vibrante pairava naquele espaço, quando de repente descobri que a vencedora não tinha como levar seus prêmios até sua residência, localizada em Cajazeiras 8. Mais uma vez, tomei a atitude de levarmos até sua casa.



Figura 178 – Divulgado o nome secreto - Cajazeiras 10 – Salvador - BA – 2015



Figura 179 – Dona Lúcia, a grande vencedora - Cajazeiras 10 – Salvador - BA – 2015

Partimos felizes, minha equipe formada por cinco pessoas, e Dona Lúcia que tagarelava comigo no fundo da Kombi e, ao mesmo tempo, orientava o motorista no labirinto de becos até o seu destino. Eram ruelas tranquilas, com casas muito simples intercaladas por becos estreitíssimos, descemos do carro e todos felizes filmavam e fotografavam a chegada da grande vencedora em seu barraco. Tudo estava indo muito bem, até que um dos integrantes que fotografava, fala com um desconhecido e o vídeo maker espantado fala apavorado comigo, dizendo: “guarda esse telefone agora!”. Assustada, olhei para os lados e avistei cinco homens, diria adolescentes, todos fortemente armados com escopetas apontadas para nós. Nossa única salvação seria Dona Júlia informá-los que erámos do bem e que nada ia acontecer com eles, mas ela ainda estava dominada pela emoção e não conseguia ouvir nosso pedido. Olhei para os homens, sorri cumprimentando-os e disse: “viemos trazer uns prêmios que Dona Júlia ganhou”, quando ela se manifestou afirmativamente e liberando a nossa saída imediata daquele território dominado pela lei do crime.



Figura 180 – Chegando à casa de Dona Lúcia - Cajazeiras 8 – Salvador - BA – 2015

Nesse beco sem saída, o carro derrapava os pneus na areia e a tremura das pernas do motorista Ronaldo atrapalhava nossa libertação daquele momento medonho que nos deixou pálidos e tremendamente assustados. Passamos muito perto do fim: essa foi a conclusão que tiramos depois dessa experiência naquela manhã de 17 de junho de 2015.

Depois de um dia tenebroso, nasce o lindo sol do dia 18 e sigo finalmente para a última intervenção na feira popular de **Itapuã**. Diferente de todas as passagens, tratava-se de uma feira com infraestrutura diferenciada, localizada em um terreno cercado, com uma espécie de secretaria e tudo funcionando em uma calma como a brisa de Itapuã.



Figura 181 – Chegando na Feira de Itapuã – Salvador – BA – 2015



Figura 182 – Sol a pino e minha expectativa para a chegada do povo – Salvador – BA – 2015



Figura 183 – A Aproximação do povo – Itapuã - Salvador - BA – 2015

A minha chegada, por ter sido antecipadamente programada com a direção da feira, foi muito tranquila. Um distinto senhor que vendia roupas ofereceu sua barraca para que eu pudesse instalar os preparativos do jogo. Em seguida, percorri todos os boxes divulgando o acontecimento. Por se tratar de um espaço diferenciado em relação ao movimento frenético dos outros locais eleitos, cheguei à conclusão que não tivesse público suficiente para se interessar em participar da proposta. Passaram-se cerca de trinta minutos, e seguindo a mesma organização da feira, uma fila se formava e seus componentes discutiam a escolha do nome que iriam assinar, abrimos os trabalhos com uma animação comandada por 90% de mulheres que compunham a fila.



Figura 184 – O Momento do sorteio – Itapuã – Salvador - BA – 2015



Figura 185 – Elziane – A vencedora do jogo – Itapuã - Salvador - BA – 2015



Figura 186 – Elziane e Eu – Itapuã - Salvador - BA – 2015

No meio da gritaria, repentinamente, surge uma candidata que se enquadra na fileira, era uma elegante senhora que morava pelas bandas de Vilas do Atlântico e resolveu passar por ali para fazer umas comprinhas. Elziane foi certa, assinou o nome de Clarisse e levou todos os prêmios para casa. Timidamente, afirmava que não imaginava ganhar e dizia, “bem que se diz que a sorte é cega”.

Esses relatos considero de profunda importância, pois mostram ao leitor uma história real, vivida por mim, quando vivo a arte como experiência e troca, levando para locais inusitados uma proposta de construção poética para ser edificada com o público que se fizer presente em minhas passagens efêmeras.

Em julho de 2015, finalizando o projeto, realizei uma mostra individual no Museu Eugênio Teixeira Leal, apresentando os resultados das intervenções, através de vídeo e exposição das cartelas de rifas utilizadas em cada bairro. (ver Anexo B)

4.5 FORMA DE BOLO

Forma de Bolo aconteceu em 2015, na Avenida Araújo Pinho, onde fica localizada a EBA/UFBA. Essa intervenção foi idealizada pra a conclusão da disciplina Laboratório de Investigação Bidimensional, ministrada pela professora Graça Ramos, cuja mostra final teve como tema **Corações sem Tórax**. Segue-se um poema que escrevi para o catálogo:

Tomando bolo na vida

A arte maior é jogar
Mesmo com o coração em ferida
Vale a pena arriscar

Levo no peito a forma
Lanço-me na rua a esperar
O passante que se arrisca
Ao meu coração cortar

Assim segui a tarde
Com o sol a brilhar
Tive a sorte nesse jogo
E na arte de criar



Quem do meu peito experimentou
Sentiu o gosto do amor
Tudo acabou ou começou
Quando o bolo terminou

Escolhi a rua como espaço justamente para dialogar com um público externo e não limitar a experiência apenas com os alunos e funcionários da escola. Para essa proposição, deitei-me em uma mesa e coloquei sobre o peito um tradicional bolo de ovos, feito em forma com formato de coração e uma faca foi enfiada no meio, sugerindo um convite ao público, daí em diante cabia aos passantes cortarem o bolo e degustarem o sabor e a experiência inusitada de se deparar com aquela situação em pleno movimento da avenida. A princípio, percebi o receio das pessoas em interagir; uns tinham medo; outros, achavam que era apenas para ser visto e teve quem pensasse que o bolo podia ter veneno. Apesar de tantos questionamentos, bastou a primeira pessoa cortar uma fatia e comer e o movimento se desencadeou fazendo com que alguns participantes se servissem pela segunda vez.



Figuras 187 - 189 - Abertura - Forma de Bolo - Av Araújo Pinho – Canela – Salvador – BA – 2015



Figuras 190 - 192 – Interação do primeiro participante - Salvador – BA – 2015



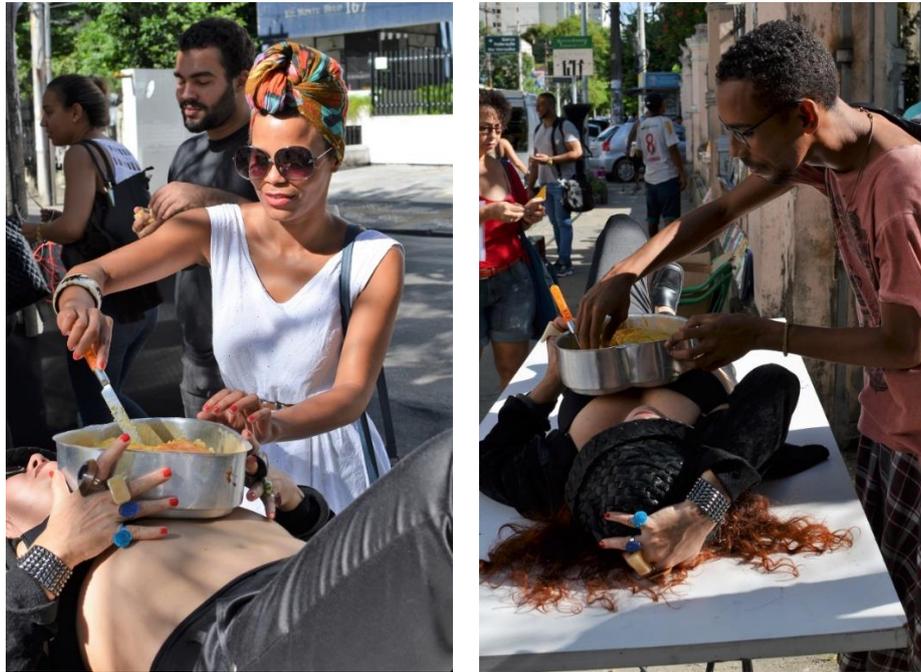
Figuras 193 - 194 – Intervenção em processo de interação – Salvador – 2015



Figuras 195 - 196 – O povo saboreia o bolo – Salvador – BA – 2015



Figuras 197 - 198 – Intervenção em processo de compartilhamento



Figuras 199 - 200 - A forma vai esvaziando - Salvador – BA – 2015



Figuras 201 - 203 – Intervenção sendo finalizada – Salvador – 2015



Figuras 204 - 206 – Últimos participantes – Salvador – BA – 2015

Tudo durou aproximadamente quarenta minutos, quando senti o peito leve, percebi que o bolo tinha chegado ao fim, levantei e segui em direção ao interior da escola, concluindo a ação.

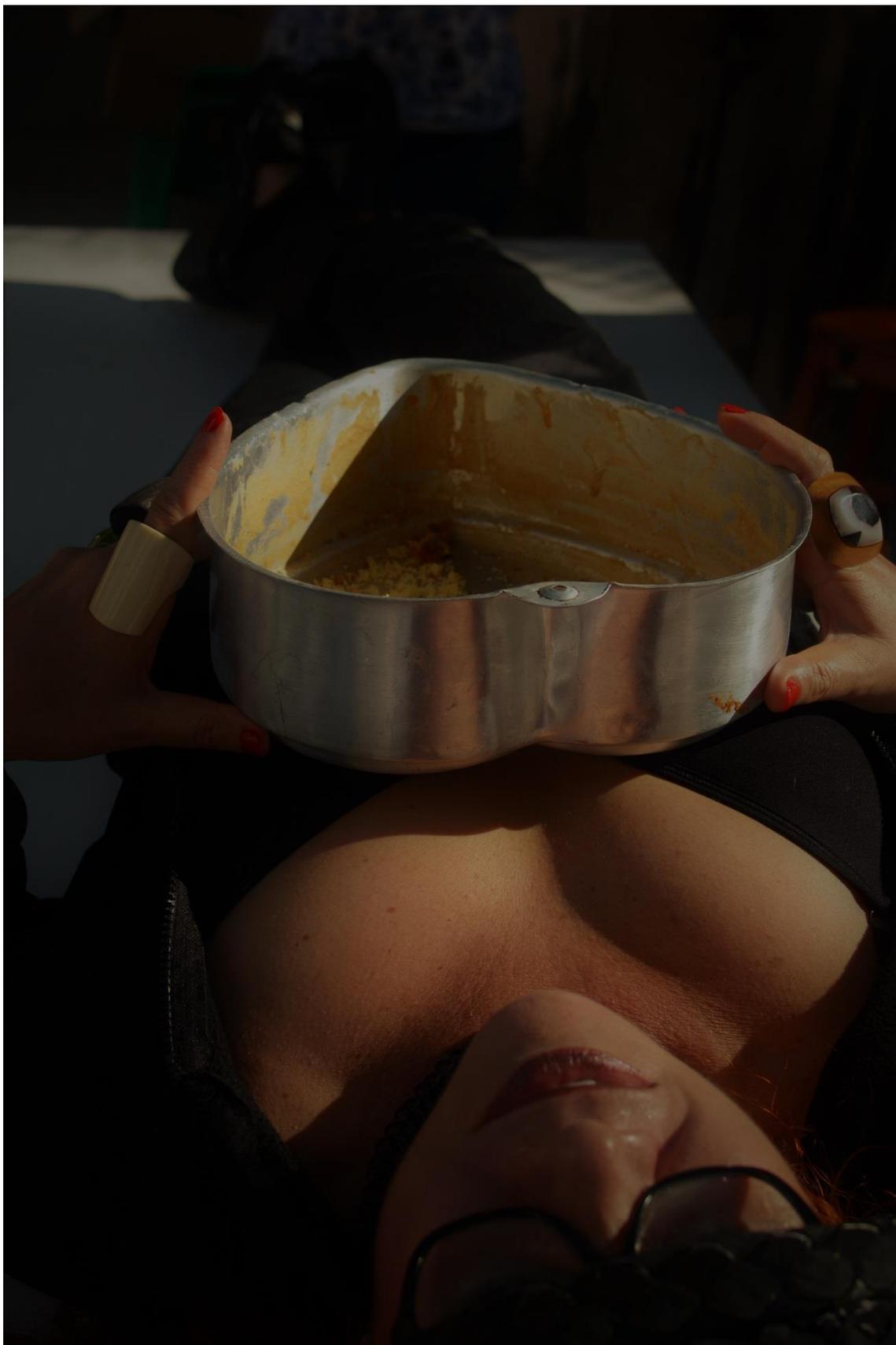


Figura 207 – Forma vazia – Salvador - 2015

4.6 PESO LÍQUIDO

Ao ser convidada, em 2009, para participar da mostra “Saccharum BA”, termo que compreende vários aspectos da cana-de-açúcar no Brasil e, especialmente, na Bahia, passaram-se pela minha cabeça dezenas de proposições para finalmente me fazer enxergar as reminiscências da minha história no recôncavo baiano, onde vivi a infância trabalhando em um grande ponto comercial pertencente aos meus pais. Ali na Venda era muito comum as pessoas me encontrarem sentada em um pequeno tamborete, ensacando açúcar, farinha, feijão e milho para serem vendidos a retalho. Os sacos plásticos para embalagem desses cereais sempre me agradavam pela beleza e delicadeza dos desenhos azuis impressos. As imagens eram sempre da figura feminina empurrando um carrinho de supermercado, os produtos que eu mais gostava de ensacar eram os brancos, nesse caso, o açúcar e a farinha, especialmente pelo destaque que as impressão dos saquinhos plásticos ganhavam.

Hoje em dia se torna cada vez mais raro encontrar esse tipo de embalagem, que ainda sobrevive de forma muito encurtada em pequenos mercados e feiras populares. Em busca pelos preciosos saquinhos, visitei um local que revende esse tipo de material e consegui, na época, adquirir cinco tipos com diferentes impressões. Apropriei-me e redimensionei-os através da projeção, transformando em cinco pinturas na técnica acrílica sobre tela, mas uma inquietação me atormentava, pois o meu desejo era fazer algo onde eu pudesse criar uma interação real e direta com o público. Daí, resolvi partir para o tridimensional, me transformando em uma figura semelhante àquelas que são timbradas nos sacos e, junto com um carro de supermercado, me posicionei em frente às pinturas para distribuir açúcar para as pessoas que por ali passassem.



Figura 208 - Peso Líquido - Museu de Arte Moderna da Bahia – Salvador – BA – 2009



Figura 209 - Peso Líquido – Distribuição do açúcar 1 – Salvador – BA - 2009



Figura 210 - Peso Líquido – Distribuição do açúcar 2 – Salvador – BA - 2009

Em 2016, volto a apresentar esse trabalho no Museu de Arte da Bahia, na mostra A Produção da Mulher na Contemporaneidade. Nessa oportunidade, na noite de inauguração, distribui para o público farinha de mandioca, que é um dos componentes essenciais na alimentação da população brasileira, especialmente na região Norte e Nordeste do país.

Diante dessas experiências, fortaleço o meu pensamento como artista, acredito que a vida como um todo me faz sujeito, meio e produto desta prática artística, quando posso estabelecer relações entre as pessoas e o mundo, intermediando todo e qualquer objeto como poesia.



Figura 211 - Peso Líquido – Abertura da Mostra: A Produção da Mulher na Contemporaneidade – Museu de Arte da Bahia - Salvador – BA – 2016



Figura 212 - Distribuição da Farinha 1 – Museu de Arte da Bahia - Salvador – BA – 2016



Figura 213 - Distribuição da Farinha 2 – Museu de Arte da Bahia - Salvador – BA – 2016



Figuras 214 – 215 - Distribuição da Farinha 3 – Museu de Arte da Bahia - Salvador – BA – 2016



5 RAI0 – UM MODO DE HABITAR A CASA ATELIER

Todo ver é sempre sonhar
Todo sonhar é sempre ver
Sonia Rangel (2005)

Nessa parte, a ideia não é tratar do tema da casa pela via da evolução da arquitetura ou da violência urbana, mas, acima de tudo, de forma poética, falar da casa como espaço de intimidade, memórias, afeto e acolhimento dentro do grande mundo. Antes de chegarmos à RAI0, Residência Artística Ieda Oliveira, projeto que se processa pelo meu modo de habitar a casa-atelier, retomarei as evocações mais distantes que me vieram das várias casas que habitei e que me habitam, pois através dessas memórias viventes me reencontro com o passado que sempre será referência poética em minha vida. Segundo Bachelard, “pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos.” (BACHELARD, 1993, p.25).

Nada falta na casa onde mora o amor, essa casa começa no corpo e se expande no espaço físico, onde se vive. As lembranças distantes pelo tempo, mas pertencentes ao frescor da memória, que se realça nas madrugadas, quando os sonhos se encarregam de me transportar para uma experiência real, permitida enquanto durmo, já me servem para visitar as casas do passado e acordar onde vivo e cultivo memórias afetivas tanto em recordações guardadas no coração, como em recordações palpáveis nas diversas bugigangas que carrego pela vida. Para o filósofo francês Bachelard, que traduz com tanta beleza essas passagens, quando trata do tema da casa, e dos valores do habitar,

Nunca somos verdadeiros historiadores; somos sempre um pouco poetas, e nossa emoção talvez não expresse mais que a poesia perdida. [...] É exatamente porque as lembranças das antigas moradas são revividas como devaneios que as moradas do passado são imperecíveis dentro de nós. Mas, no próprio devaneio diurno a lembrança das solidões estreitas, simples, comprimidas, são para nós experiências do espaço reconfortante, de um espaço que não deseja estender-se, mas gostaria sobretudo de ser possuído mais uma vez. (BACHELARD, 1993, p. 26-29).

Então, antes de detalhar o projeto RAIO, vou apresentar um breve histórico da infância e de uma travessia entre os anos de 1980/1990, período que foi marcado por importantes passagens em minha vida, as quais aqui quero mostrar.

Compreendo que o resultado do meu trabalho fundido à casa que hoje habito - aqui denominado como projeto RAIO - e a formação da minha personalidade estão fortemente vinculados com as vivências anteriores, que me fizeram elaborar um pensamento mais profundo sobre o que desenvolvo, confirmando para mim que vida e arte não se dissociam. Pois nesses *lugares* onde vivi, pude construir memórias afetivas tão intensas, que agora, aqui deságuam.

Sabe-se que a expressão *lugar* tem vastos significados na atualidade, que vai além do conceito de localidade, ou seja, percebe-se o *lugar*, como o espaço das relações de afetividade construída pelos indivíduos. Para o etnólogo francês Marc Augé, além do lugar, existem os Não-Lugares, ele nos afirma que,

Se um lugar pode ser definido como, identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar. [...] A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos. (AUGÉ, 1994, p. 73).

O não-lugar, segundo Augé, são locais onde as pessoas coexistem, está relacionado como passagens transitórias, como auto estradas, clubes, hospitais, maternidades, estações rodoviárias e ferroviárias, hotéis, trens, aviões, ônibus, dentre tantos outros onde permanecemos temporariamente, ou seja, são passagens efêmeras, onde não se cria um vínculo afetivo.

No meu modo de pensar, acredito, sim, que é possível se criar afeto por um território de passagem, em um *não-lugar*, mesmo que tenhamos uma curta permanência, podemos registrar uma memória possível de ser guardada por toda vida. Viver experiências de lugar em um “não-lugar”. Nas diversas intervenções que realizei em praças, ruas e em outros locais, posso afirmar que muitos dos territórios de passagem são guardados com largo afeto em

minha memória, pois a força e a potência de significados que ali estabeleci, com o outro, jamais será apagada.

Apenas pontuei aqui o entendimento da ideia de *lugar* com a qual opero, e mostrar, talvez, o inverso do conceito de “não-lugar” fundado por Augé, pois a intenção aqui, ao falar de lugares, foi pelo critério da importância tanto afetiva como poética, lugares que me construíram, como ainda me constroem como ser, sejam eles lugares de passagens duradouras ou transitórias.

5.1 A CASA DA INFÂNCIA

Habitar oniricamente a casa natal é mais que habitá-la pela lembrança; é viver na casa desaparecida tal como ali sonhamos um dia. (BACHELARD, 1989, p.35).

Minha chegada no grande mundo ou seja a “Casa Universal”, aconteceu em um data especial 09/09/1969 às 6h na maternidade Luís Argolo, em Santo Antônio de Jesus, de lá fui levada para o distrito de Varzedo, localizado nas redondezas da cidade natal. Nesse *lugar*, nasceram meus primeiros dentes e dei os meus primeiros passos. “A vida começa bem, começa fechada, protegida, agasalhada no regaço da casa.” (BACHELARD, 1993, p.263).

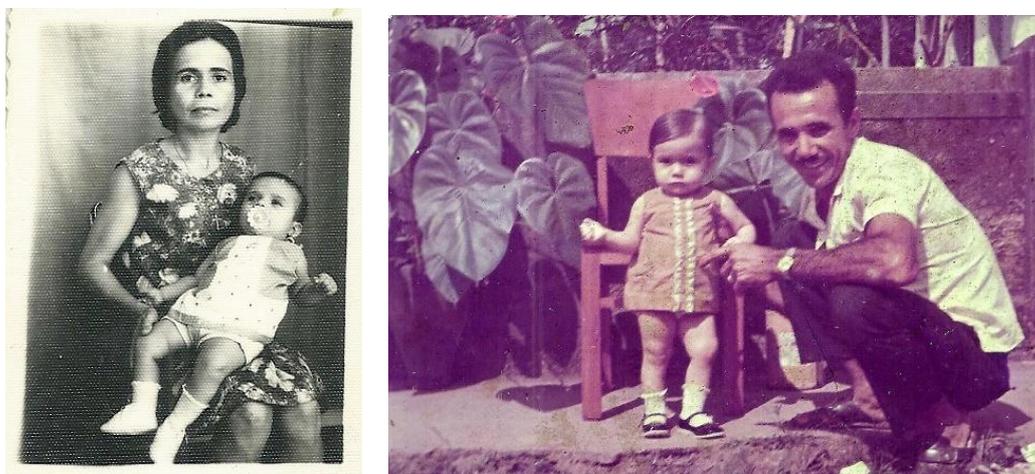


Figura 216 – 217- Pai e mãe, ouro de mina – Caetano Veloso – Imagens de 1969

Afirmo que lá estão as minhas raízes, amigos de infância e poucas casas da época ainda se mantem erguidas. Meu primeiro lugar nessa pequena vila eram meus pais, com o passar do tempo a casa foi se revelando e seus espaços ganharam novos sentidos, pude perambular pelos seus vãos de paredes esmaecidas em tons verde-água, apreciar a beleza das telhas que se transformava com o passar do tempo, conhecer cada detalhe do quintal que tanto me fascinava. Depois fui conquistando as ruazinhas, a igreja e a zona rural circundante. Hoje, posso dizer, que já passei por muitos locais, mas sou movida pelo afeto e uma paixão profunda pelas memórias que Varzedo semeou em mim.

A memória é um campo de ruínas psicológicas um amontoado de recordações [...] Há devaneios de infância que surgem com o brilho de um fogo. O poeta reencontra a infância contando-a como um verbo de fogo [...] O passado aparece na dupla potência do espírito que se lembra e da alma que se alimenta de sua felicidade. (BACHELARD, 1988, p. 94-99).

Não posso falar de nenhuma outra casa sem primeiro abrir as portas e janelas da minha casa da infância e seu entorno. Nela, estão as lembranças mais emocionantes e a saudade maior que me acompanha firmemente. “Ao sonhar com a infância, regressamos à morada dos devaneios, que nos abriram o mundo.” (BACHELARD, 1988 p. 97). A casa número 21, na Praça 8 de Dezembro, na pequena vila de Varzedo, no recôncavo baiano, localizada a 200km da capital.



Figura 218 - A Casa da infância - nesta época já era de propriedade do Sr^o Gregório – foi a minha última visita antes de sua demolição, na qual pude fazer esse registro, onde apareço na amável janela do meu quarto - 2005



Figura 219 - Um reencontro, invadido por lágrimas - 2009

Por ironia do destino, após quatro anos, retorno a Varzedo a convite da prefeitura para fazer uma intervenção artística na semana de cultura e, ao chegar, uma amiga de infância me recepciona na descida do ônibus e diz: “*Você não vai gostar de ver como está a sua casa.*” Acelerei os passos e me reencontrei com essa imagem acima, que feriu meu coração. Apenas a fachada se mantinha erguida, funcionando como tapume enquanto por dentro tudo já estava destruído. Entendi que de algum modo, a vida me conduziu a esse retorno, para um encontro que reforçou em mim o sentimento afetivo que existe por esse lugar. Ainda seguindo Bachelard: “Tudo o que devo dizer da casa da minha infância é justamente o que preciso para me colocar em situação de onirismo, para me situar no limiar de um devaneio em que vou *repousar* no meu passado.” (BACHELARD, 1989, p.32).

Naquele imenso mundo, cresci e apreciei o passar lento do tempo. Era uma casa de cinco quartos, duas grandes salas, dispensa, cozinha, banheiro e um corredor gigante se encarregava de dividir os vãos. Seu piso de cimento vermelho, mais brilhante que espelho, refletia minha imagem de sonhadora. Como uma menina cuidadosa, eu lavava essa casa toda sexta feira, apreciava a água que descia corredor afora, chegando aos três batentes da porta principal, nos quais eu enxergava uma cachoeira e me deitava para beber aquela água que escorria, provando para mim mesma que a limpeza estava perfeita, mas meus pais não sabiam dessa astúcia. Todos os espaços eram equipados com móveis antigos, que eu me encarregava de deixar lustroso, com um belo polimento de óleo de peroba. Apaixonado por antiguidades, painho, além de mobiliar nossa residência, também trabalhava como antiquário. Anexo à casa, existiam três grandes cômodos, conectados por duas passagens, uma pelo quarto da cama patente⁶ e outra pela cozinha. O primeiro cômodo, voltado para a rua, era o ponto comercial, a nossa venda, na qual de

⁶ A **cama patente** de 1915 se tornou um marco na história do *design* do mobiliário brasileiro. Foi projetada por Celso Martínez Carrera (1883-1955), espanhol da Galiza radicado em São Paulo, que emigrara para o Brasil em 1906 e trabalhara na marcenaria da Companhia Estrada de Ferro Araraquara, antes de abrir sua própria oficina. Construída com madeiras torneadas, suas formas eram muito simples, suas linhas puras e leves. Era composta por um conjunto básico de três partes, cabeceira, suporte para o pé e estrado, primando por seu conceito funcional e eficiente, o que permitiu sua industrialização a preços populares.

quase tudo se encontrava, na região painho era conhecido como “Mané da Loja” pois sempre soube trabalhar com variedades, atendendo a vila e a zona rural, cumprindo com o papel de agradar a clientela. Muitas vezes fui atendente no balcão servindo doses de cachaça “na boca da noite”, quando os trabalhadores rurais largavam suas enxadas e iam à quitanda tomar seu goró. Nessa época, fui influenciada pelo universo fragmentado e fascinante dos objetos, e também seduzida pelos acúmulos que cercavam meu olhar.

Como artista venho inventariando imagens arquivadas destas vivências, que é testemunha de toda uma vida e junção de minhas experiências e sonhos. Foi ao lado do rolo de fumo de corda, sentada no tamborete com os fardos de papel pardo e o lápis vermelho quadrado de carpina, na venda de Mané da Loja, onde comecei a desenhar. Pois, para mim, o que importava era que cada pessoa que comprasse alguma coisa levasse um embrulho nos papéis pardos desenhados.

Essa venda deu origem ao projeto que realizei em 2009, no Museu de Arte Moderna da Bahia, ver figuras (65 -70 p. 68 - 69) intitulado Vendo A Venda. O segundo cômodo pertencia ao depósito de urnas funerárias, acompanhado de uma carpintaria, onde meu pai construía caixões, e eu sempre estava lhe ajudando no ofício. Minha preferência era a hora de colocar os emblemas prateados que enfeitavam as urnas, forradas em geral de tecido roxo com estampa dourada. E, no terceiro cômodo, existia uma fábrica de colchões de capim, era um dos lugares que eu mais gostava, um salão de adobe com chão de terra batida, cheiro fresco das flores do quintal e no centro uma grande mesa a qual era chamada de “tarimba” nas paredes, dezenas de modelos de cabeceiras de camas antigas eram penduradas. Em um dos cantos existia um fogão à lenha e, do outro lado, uma enorme ruma de capim para enchimento dos colchões com forro de chitão, que eram costurados por mainha. Lembrome que, aos sábados, era certa a presença de Lena do capim, uma mulher de cor preta, com poucos dentes, batom púrpura borrado e peruca malamanhada, que chegava montada em um animal e nos panacuns trazia os fardos do tal capim. Ela sempre preferia a metade do pagamento em cachaça. Esse capim tão fino e cheiroso, possuía variadas utilidades: além de virar enchimento para os belos colchões servia para minhas gatas se aninharem para parir e as

galinhas chocavam seus ovos para dar vida a dezenas de pintinhos. Tudo isso era um universo de sonho que eu experimentava diariamente, e o meu encantamento era infinito. O quintal, que podia ser considerado uma grande roça, era uma fartura de frutas variadas, legumes e diversos tipos de folhas para temperos e chás. Nesse mundo verde eu construía habitações para as dezenas de bonecas, daquelas de plástico bem comum, realizava cozinhados embaixo da imensa parreira, fazia plantações, subia em árvore, emendava varas para tentar furar o céu, tomava banho de chuva escondida e, de uma escada que dava acesso a um tanque que achava alto e gigante, eu avistava o mundo. Falar dessa casa é, para mim, falar do meu trabalho, pois enxergo a presença dessa memória em todas as obras que já realizei e nos projetos que vão seguir.

Apresento a seguir raras lembranças dessa época, registradas em fotografia. Minha tia Zene adquiriu uma máquina Kodak e se encarregava de tirar fotos nos aniversários e em momentos de encontros na casa de vovô. Passar um fotógrafo por lá era coisa rara, só mesmo em festas do padroeiro ou em festas de 7 de setembro.



Figura 220 - Foto tirada aos 9 meses, por um foto pintor, passageiro pela região - 1969



Figura 221 - No colo de vovó, como os três primos Adilson, Tania e Francisquinho - 1969



Figuras 222 – 223 - A festa da primeira comunhão – dezembro de 1978



Figura 224 - Aniversário de 12 anos - 1982 Figura 225 – Vovô e eu - 1982

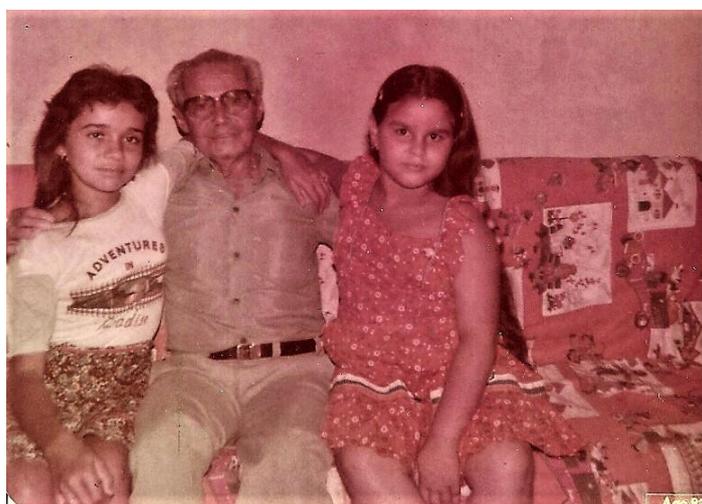


Figura 226 - Um encontro com vovô na casa de tia Zene - Vovô, prima Lêda e eu 1983



Figuras 227 – 228 - A festinha de 15 anos – Painho, mainha e eu - 1985

Como nos afirma Barthes (1999, p.86): “Quando se define a foto como uma imagem imóvel, isso não quer dizer apenas que os personagens que ela representa não se mexam, isso quer dizer que eles não saem: estão anestesiados e fincados, como borboletas.” Essas imagens raras guardam uma memória que traz à tona minha infância e adolescência.

Para contribuir ainda com este capítulo, convoquei três amigas, amizades construídas ao longo do tempo entre Varzedo e Santo Antônio de Jesus, que colaboraram com lembranças magníficas que nos envolveram em diferentes períodos e lugares.

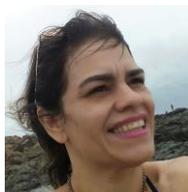
Depoimento de Elke Ferreira⁷



Eu conheço leda desde criança e posso dizer que o seu gosto sobre as coisas peculiares vem de berço. Por isso, em vez de falar da sua casa atual, eu acredito que posso contribuir com os aspectos da casa que contribuiu na formação da sua personalidade artística. Nós morávamos em uma vila pequena chamada Varzedo, no interior da Bahia, e a casa onde ela morava conta sozinha diversas histórias, pois abrigava no mesmo espaço uma moradia comum, um comércio (a famosa “Venda”) e uma funerária. A casa era bem grande, detalhadamente decorada para os padrões do interior e chamava atenção pela quantidade de cômodos e pela extensão do seu corredor central. Talvez o excesso de espaço e a pouca variedade de atividades disponíveis para uma criança na época tenham contribuído para que ela criasse um universo só seu naquele lugar, onde ela via diversão em se esconder dentro dos caixões para dar susto em quem passava e até mesmo em se trancar dentro da geladeira para ser procurada pelos pais naquele espaço enorme – e quase morrer esperando que eles a achassem. Parece difícil criar uma relação direta entre a menina da vila e a mulher do mundo que ela se tornou, mas os grandes espaços entre os cômodos e a variedade de informações com as quais ela cresceu podem ser, direta ou indiretamente, uma referência para a fonte da sua vasta imaginação.

⁷ Elke Ferreira é Administradora, minha prima, convivemos os incríveis momentos da infância entre a Vila de Varzedo e a roça onde ela morava com sua bisavó.

Depoimento de Leda Regina⁸



Uma só casa e dois mundos completamente diferentes. Lembro-me de geralmente entrar pelo lado da casa onde funcionava uma venda e lá tinha uma geladeira mega antiga. Pois a dita cuja me dava arrepios, minha prima leda em suas traquinadas ficou presa nela e quase morreu. Eu com 5 ou 6 anos não queria nem tocar na maldita. Logo atrás dessa venda via meu tio Manuel em sua segunda função, ele era comerciante e fabricava também caixões. Então ali estava presente um mundo sobrenatural. Eu imaginava que haviam espíritos circulando por ali. Mais arrepios. O universo meio mágico da casa de minha prima em Varzedo.

Mas magia de verdade era o outro lado da casa. Era ampla, mais clara, com um quintal que para mim era gigantesco e atraía pela sua macieira, galinhas, pés de laranja, flores cultivadas por minha querida tia Nice.

Tudo muito limpinho, aconchegante e feliz. Amava ver o quarto de leda, havia colorido, muita organização e as fofolotes, cada bonequinha mais linda do que a outra.

⁸ Leda Regina é Professora, minha prima, mais nova que eu sete anos. Vivia em Varzedo e participava efetivamente desse universo.

Depoimento de Rosania Andrade⁹



Suspense, raiva, descobertas, medo, empoderamento, alegria, rica amizade, travessuras e adolescência delineando corpos e mentes. Enfim, a realidade confrontava o meu imaginário na casa de Lêda, que localizava-se em frente à Igreja Matriz, administrada pelo Pe. Gilberto Vaz Sampaio, um padre amigo das nossas

famílias e temido por nós.

A casa tinha algo peculiar, um cheiro de extrema limpeza e marcas de organização. O chão encerado lembrava um espelho com nuances deixados pela enceradeira que era utilizada com vigor. A parte da frente havia uma sala de visitas, um espaço requintado com móveis bem conservados e pouco utilizados, inclusive pela família já que o acesso à casa era feito normalmente pela funerária. Um corredor com chão vermelho, que era mágico. Em um dos quartos havia uma penteadeira e fotos de Leda e do irmão, Fernando, que morreu após o nascimento. Era algo estranho ao mesmo tempo diferente, a contemplação da foto daquele bebê.

Quando entrávamos pela funerária havia uma salinha pequena com uma geladeira do século passado. E nela pude saber, através dos pais, que Leda quando menor brincando de esconde-esconde entrou na geladeira e fechou a porta...quase morrendo sufocada

Não posso esquecer de falar que o meu medo por espíritos e pessoas mortas era extremo. Certo dia Leda escondeu-se em um caixão lilás e quando eu passava em frente a um depósito que dava acesso à residência, fez ruídos gerando em mim gritos, muito pânico e desejo de ir embora. Ela e o seu pai divertiam-se, pois não compreendiam como eu era capaz de ser tão tola e ter tamanho medo. Assim, por mais que me preparasse para conter o impulso a criatividade de Leda, superava o meu autocontrole. Quando um dia, eu estava sentada à beira da cama, quase desmaiei ao sentir uma mão gélida pegar em minha perna por debaixo da cama. CHOREI MUITO.

A cozinha era o lugar especial, ali conversávamos, sabíamos as fofocas sobre as pessoas da vila, além de ser o palco de muitas cenas teatrais onde seu Manoel, dona Nice e a própria

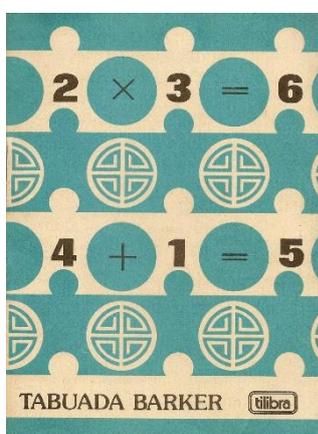
Leda reviviam situações do cotidiano envolvendo eles próprios, parentes ou pessoas da comunidade. Nessas horas a comédia instaurava o desejo de ali permanecer e retornar àquela casa tão logo fosse convidada. Bons tempos, felizes lembranças.

⁹ Rosania Andrade é Pedagoga e Psicopedagoga, nos conhecemos no colégio interno em 1981 e compartilhamos a vida durante muitos anos inclusive na capital baiana.

Esta é uma forma de reaproximação com a qual estabeleço e reafirmo os aspectos relacionais em meu modo de criar, pois acredito que as parcerias nos fortalecem e reavivam vínculos.

5.2 A IMERSÃO NO MUNDO DAS COISAS GIGANTES

Em 1980, eu já havia completado a quarta série primária, ingressei na escola aos cinco anos, já sabendo a tabuada e o ABC. Na vila, não tinha escola de primeiro grau e muito menos transporte fácil para outras cidades. Meus pais, diante de uma vida de simplicidade fizeram tudo para que eu tivesse oportunidade de estudar.



Figuras 229 – 230 - Meus primeiros livros a tabuada e o ABC

Até que ainda no período das férias, chega um advogado, lá de Santo Antônio de Jesus, conhecido como Dr^o Robério, que foi comprar antiguidades na loja de painho. Conversa vai, conversa vem, ele perguntou pelos meus estudos. Logo, painho disse que eu já havia concluído a 4^a série e que ele estava na esperança que surgisse um colégio em Varzedo, pois nessa época as coisas eram bem mais difíceis. Logo, o Doutor falou que existia um Colégio Interno da Congregação Mercedária em Santo Antônio de Jesus, no qual meus pais podiam me colocar e ficarem sossegados, pois era um lugar de qualidade. Lembro-me bem dessa conversa na cabeceira do quintal em baixo do pé de seriguela. Ele estava falando do Colégio Santo Antônio, um dos melhores da cidade, que atendia a população santoantoniense e possuía também em suas dependências o internato, onde dezenas de meninas e moças da zona rural e

de outras cidades recorriam em busca de uma boa educação. Eu, com apenas nove anos, e filha única, criada com muito mimo, nem imaginava que estava bem perto de sair de debaixo das asas dos meus amores, e de certo modo me apartar do meu mundo encantado, deixar o meu quarto e os meus gatos.

Na semana seguinte, após essa conversa, painho vai à cidade e volta dizendo: “Fia, Nice, vem cá, arrumei uma vaga pra a fia no Colégio Santo Antônio, é um Colégio de freira, muito bom, é uma coisa de gabarito. As aulas começam em fevereiro. Vamos cuidar de arrumar o enxoval de leda, porque ela precisa se desenvolver.” Mainha se desmanchava em lágrimas, mas sabia que era o melhor. Em poucos dias começou a bordar meu nome em ponto de cruz, em tudo que eu ia levar na valise cor de vinho. No final de fevereiro de 1980, em uma segunda feira bem cedo, pegamos a Kombi azul de Djalma, que fazia linha de Varzedo para Santo Antônio, e parti para o mundo. Meu querido avô materno se encarregou de arcar com todas as despesas que fossem necessárias para o meu “desenvolvimento”.

A imensidão do colégio me assustou, muitas freiras prá lá e prá cá, vestidas em seus hábitos brancos, lançavam um olhar atravessado, um sorriso seco de canto de boca e sumiam corredor afora. Logo me levaram ao destino: uma larga porta verde oliva se abriu e me deparei com dezenas de mesas em um refeitório gigante rodeado de imagens de santos e muitas flores. O chão de ladrilho hidráulico vermelho brilhava como um espelho, fazendo com que eu me reencontrasse com a lembrança da minha casa natal.

Subi com mainha até o dormitório e espantada perguntei: tem quantas camas aqui? Alguém falou: “Umás oitenta, noventa!”

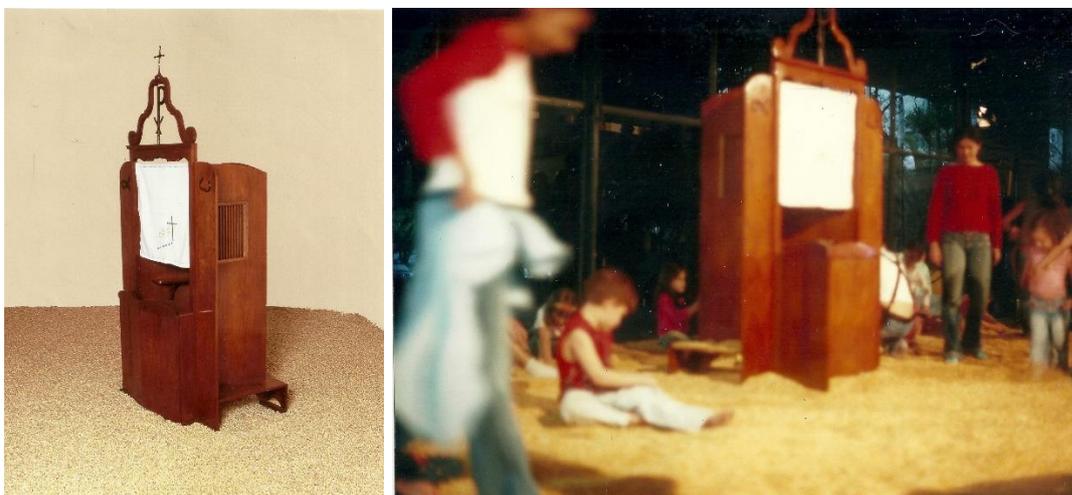
Olhei, olhei, olhei e fui em direção à minha caminha. A hora da despedida foi triste. Eu falei *Bença painho, Bença mainha* e ouvi *Deus te abençoe minha fia, se comporte, sexta-feira a gente vem te ver.*



Figura 231 – Identidade Estudantil – Colégio Santo Antônio de Jesus - 1980

Essa nova porta que se abriu, foi sem dúvida um período de aprendizado que transformaria minha vida em muitos aspectos. Cheguei nesse lugar, posso dizer, ainda criança, fiz de certo modo um ruptura com minha família, fui imersa em um universo de compartilhamento absoluto, os meus pertences se resumiam apenas em uma cama, que se perdia nas enormes fileiras ordenadas milimetricamente no primeiro piso daquele prédio, uma valise, poucas roupas e um balde plástico azul, meus objetos de afeto que sempre cultivei ficaram para trás, não tinha espaço para exibi-los, mas, também, não queria mantê-los trancafiados. Eu não podia compreender essa mudança de forma tão fácil, mas ao mesmo tempo, eu fui tomada por um encantamento fantástico que esse novo mundo me oferecia. Encontrei, ali, cinco garotas com idade semelhante à minha, elas se tornaram as minha irmãs e eu sempre liderava esse grupo que era conhecido com “as pirralhas.” Claudia e Patrícia, duas irmãs da cidade de Ilhéus, Eliene e Eleni, outra dupla de irmãs de uma zona rural pertinho de Varzedo, e Valdeci, que seria minha grande aliada. As regras não eram poucas, todo mundo tinha escala de trabalho, e o horário para tudo era o senhor de todas nós, mas mesmo assim a nossa diversão era garantida. Criei um grupo de dança no qual eu fazia a coreografia, praticava cortes de cabelo nas minhas amigas em baixo do pé de sapoti e ideias me dominavam o tempo todo. O internato, ao contrário do que muita gente pensa, não era apenas um lugar para trancafiar moças “desastradas” que os pais estavam tendo dificuldade de criar, mas acima de tudo era um local que daria oportunidade para as famílias colocarem suas filhas em um lugar seguro que também oferecia um ensino de qualidade.

Apesar do deslumbramento com a imensidão cheia de jardins, quadras esportivas, dezenas de banheiros, ou seja, tudo redimensionado para atender cerca de cem internos, além do espaço comum aos não internos. Eu demorei um pouco para me situar, passei mais de um ano “mijando” na cama todas as noites, tinha medo de levantar para ir ao banheiro. Todo esse processo fantástico foi me transformando cada vez mais em uma observadora que discordava de muitas regras impostas, e isso fez com que eu passasse muitas noites de castigo, sentada em uma escada, ouvindo as lindas canções do Padre Zezinho e escrevendo em um papel pautado a seguinte frase “Devo obedecer às regras do Instituto Santa Lúcia”. Para contrariar essa escrita que quase não tinha fim eu sempre colocava no meio das frases, frases contraventoras “Não devo obedecer às regras do Instituto Santa Lúcia”. O castigo virou arte. Em 2005, apresentei na 25ª Bienal Internacional de São Paulo, a obra **Peca-dor**, que consistiu na apropriação do confessionário da igreja da paróquia de Varzedo posicionado em cima de duas toneladas de milho e na parte interna tocava constantemente a música *Os Pecados Capitais* de autoria do Padre Zezinho. Segue letra e link, abaixo.



Figuras 232 – 233 - Peca-dor – 25ª Bienal internacional de São Paulo - 2005

<p>Não deixe o coração se escravizar Nas garras da soberba Da avareza, da luxúria E da ira e da gula E da inveja e da preguiça Não deixe o coração se extraviar No labirinto dos pecados capitais</p> <p>A soberba faz o homem ficar bobo Totalmente ele acredita ser o tal Não divide opinião, não tolera oposição A soberba é um pecado capital</p> <p>O avarento leva sempre a mão fechada Sua vida se resume num cifrão Vive louco por dinheiro Põe um preço em cada irmão A avareza é o limiar da solidão</p> <p>A luxúria tira o brilho de uma vida E destrói a singeleza do amor Da mulher faz objeto Faz do homem pecador A luxúria faz peteca do amor</p>	<p>Muita gente não controla o sentimento Qualquer coisa os tira fora do normal Vão gritando, vão batendo e agredindo seus irmãos Pois a ira tira o uso da razão</p> <p>O guloso nunca vê além da mesa Seu senhor é seu enorme o paladar Sai da mesa, vai pra mesa Não consegue mais parar Come tanto que até sente mal estar</p> <p>O invejoso é um sujeito incompetente Que não pode ver ninguém fazer o bem Sempre arranja um defeitinho E um "contudo" e um "mas, porém" Sente medo dos talentos que não tem</p> <p>A preguiça faz do homem um vadio E o transforma num sujeito sem valor Sai da cama, vai para rede Sai da rede vai dormir A preguiça faz o homem regredir</p>
---	--

Fonte: <https://www.vagalume.com.br/padre-zezinho/os-pecados-capitais.html>

As minhas traquinagens eram bobas, mas diante do regime severo, eram consideradas graves, pois todas as vezes que meus pais iam me visitar, se tivessem o azar de encontrarem com a madre geral, já era certo que partiriam dali com a cabeça quente, porque as queixas eram muitas. O boletim, como era chamado, tinha nota vermelha de ponta a ponta, decidi ocupar meu tempo cuidando de um filhote de gato que encontrei na cafua, batizei-o de Fredinho e me dediquei a ele. Lembro-me bem da última sexta feira letiva de 1980, quando painho foi me buscar, e fomos chamados para uma sala onde ele foi noticiado que eu havia ficado em treze recuperações e que estava criando um gato. Sabiamente, o meu rei disse: “Ela não vai fazer as provas de recuperação, Madre, vou preferir que ela repita o ano. Acerto feito, peguei a valise e a caixinha com Fredinho e segui para a minha casa.

A seguir algumas fotografias compõem a memória deste tempo.



Figura 234 – Chegando em Varzedo e apresentando meu gato Fredinho a prima Leda Férias - 1980



Figura 235 - Desfile comemorativo do aniversário da cidade - 1980



Figuras 236 - 237 - Amigos do Colégio Santo Antônio de Jesus - 1 - 1984



Figuras 238 – 239 - Amigos do Colégio Santo Antônio de Jesus - 2 - 1984



Figura 240 - O impecável jardim da Irmã Benedita - 1984



Figura 241 - Miss Colégio Santo Antônio -1985



Figura 242 - O desfile de 7 de setembro - 1985

Abaixo, seguem dois depoimentos de amigas construídas na época do Colégio Santo Antônio.

Depoimento de Tania Virginia¹⁰

São muitos os momentos inesquecíveis que vivemos naquele imenso LAR, com grandes laços, eternas amizades. Cada qual trazia consigo uma mala de muitos sentimentos, sonhos, choros, frustrações, risos, medos e lembranças; assim era nossa vida.

Lembro-me nitidamente, de quando sentávamos na janela do dormitório para você, Ieda Oliveira, contar as lindas histórias de Poly, que era uma garota que sonhávamos ser, com seus belos aniversários, suas viagens de férias espetaculares, os banhos de piscina, suas belas roupas, lindos cabelos. Era a Polyana menina, sonho de todas nós. Daquela janela para o mundo, com imenso amor. E hoje, por onde andam nossas Polyanas?

¹⁰ Tania Virginia é Professora, tornou-se uma amiga, nos conhecemos durante a infância e adolescência

Depoimento Maristela Vilas Boas¹¹

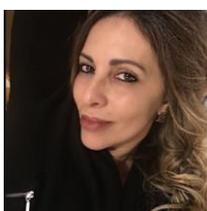
Vou começar essa incrível lembrança com esse poema, cujo autor, desconhecido.

Pode ser que um dia deixemos de nos falar...
Mas, enquanto houver amizade,
Faremos as pazes de novo.

Pode ser que um dia o tempo passe...
Mas, se a amizade permanecer,
Um de outro se há de lembrar.

Pode ser que um dia nos afastemos...
Mas, se formos amigos de verdade,
A amizade nos reaproximará.
Pode ser que um dia não mais existamos...
Mas, se ainda sobrar amizade,
Nasceremos de novo, um para o outro.

Pode ser que um dia tudo acabe..
Mas, com a amizade construiremos tudo novamente,
Cada vez de forma diferente.
Sendo único e inesquecível cada momento
Que juntos viveremos e nos lembraremos para sempre.



Em fevereiro de 1983, fomos colegas pela primeira vez, na sétima série, no colégio Santo Antônio de Jesus na cidade de Santo Antônio de Jesus-Ba.

Você, aluna em regime de internato e eu aluna externa. Isso não foi obstáculo para que construíssemos uma amizade. Havia tanta afinidade que logo conquistamos a confiança das

irmãs que administravam o internato e permitiam que você fosse pra minha casa. Não sei como conseguimos esta “proeza”

Éramos consideradas “diferentes”, “sem juízo”, “malucas” mas cheias de graça! A sua irreverência e criatividade eram evidentes. Sempre sincera e pronta para um bom conselho. Preconceito era uma palavra desconhecida e quanto mais proibido mais a gente questionava.

Com você tive acesso a um vocabulário único que só os fortes entendem! *“Pequetonce, coisinha do pantano, bizarrice, na pose, é a base...”*

Meu primeiro “gole” foi um licor delicioso de jenipapo, feito pela rainha D. Nice. La estávamos eu e você, embaixo da escada que

¹¹ Maristela Vilas-Boas, é Gestora de RH, fomos colegas de turma durante seis anos e nos tornamos grandes amigas.

E, assim, segui a vida... Morei seis anos no internato, quando aos 16 anos fui expulsa. Nesse mesmo colégio, aos 17 anos, conclui o 3º ano de magistério. Mais uma etapa chegava ao fim e o ponto final parecia estar perto. Não havia, na época, mais opções em Santo Antônio, para prosseguir estudando e partir para a capital era coisa de quem tinha 'panos pra manga'.

Retornei para Varzedo e lá fiquei durante dois anos, experimentando o vazio, numa propriedade rural, visível pela janela do meu quarto, pertencente ao fazendeiro conhecido como "Antõe Preboy" como era popularmente chamado.



Figura 243 - Imagem recente de Varzedo, ao fundo localiza-se a pastagem de "Antõe Preboy" - 2009

Definitivamente, voltar a Varzedo neste momento, por várias razões, se tornou uma experiência complicada e decepcionante me impondo um limite ao qual eu não conseguia suportar, entendia que não podia parar ali. Uma inquietação começou a me fustigar e a arte já morava em mim fazia tempo!

O destino para o meu desejo era a capital, nessa época meu avô já havia falecido. Ir para Salvador como? Era quase impossível. Assim, apareceu Delzo, primo de mainha, bem compenetrado, com seus cabelos colados de brilhantina vestindo uma camisa de "catar quiabo" de azul bem vivo. Nesse dia Delzo comentou que o prefeito de Santo Antônio tinha criado a Casa do Estudante em Salvador, então pensei: É a minha chance!

Na mesma semana, o Prefeito Dr. Renato Machado, que Deus o tenha, ia fazer uma reunião em Varzedo e era a oportunidade de lhe fazer um apelo para conseguir uma vaga para mim. Ele conhecia nossa família e era muito amigo de meu avô. E quando meu pai lhe estendeu as mãos, cheias de calo, e lhe fez o pedido para que me arranjasse uma vaga nesta residência estudantil, ele disse: “Perfeitamente, Manoel, sua menina terá a vaga garantida na RESAJ!” (Residência Estudantil de Santo Antônio de Jesus). Logo eu disse: “Posso levar uma amiga, doutor?”. E ele, firmemente, atendeu o meu pedido.

Apesar do medo da cidade grande, fiquei contente com a notícia! Pois a minha grande amiga, Roseli, viria comigo, “com uma mão na viola e outra no pandeiro”, chegamos à capital em março de 1990.

CORPO CIDADE

Outra espécie de amor
Quer visitar-lhe

Está lentamente construindo
Escada e porta
Por onde ele entrará soberano

Por enquanto
Só pode lhe acenar de longe

Este ela sabe
que será para sempre

Torres acesas
Luz fundida de tempo
Cidadela-cidade-cidadã
Indestrutíveis

Suavemente conversará
ao pé de um fogo

E do outro lado

O interlocutor será o mundo

Sonia Rangel (2005)

5.3 A CHEGADA NA TERRA DE MÃO BRANCA, CECEU E ZÉ GRILO

Tinha um medo dando da capital, pois o programa da rádio sociedade AM de título “A sociedade contra o crime” com uma dramaturgia assustadora apresentada por três personagens os quais os nomes intitulam essa parte me faziam perceber todos os dias, bem perto do horário do almoço, que a coisa aqui não era brincadeira.

Para Rondelli, citada por Camargo (2010, p.35) “Os meios de comunicação funcionam como “macrotestemunha social”, interferindo no fato violento dramatizando e exagerando em sua cobertura; o que levaria a uma visibilidade também exagerada da violência pelo público.” Portanto, essa espetacularização do crime vem nos intimidando cada dia mais. Naquela época, quando as coisas aconteciam em uma proporção menor, ou não tínhamos tantos meios de comunicação como hoje, o rádio era um dos veículos que dominava, e a televisão já fazia parte da casa de algumas famílias. No momento atual, somos arrebatados por notícias de todos os lados, e as barbáries do mundo nos chegam rapidamente. A internet expandiu as possibilidades, e basta se ter acesso para ficar por dentro do que ocorre em toda parte.

Se as narrativas da Rádio Sociedade, já naquele tempo, nos deixavam de pernas bambas, no mundo de hoje estamos cada vez mais vulneráveis a violência que nos avassala por todos os lados. Então, desde aquele tempo calcei os sapatos de ferro para seguir viagem, obedecendo ao desejo de ir em frente, em busca dos sonhos. Isto foi mais forte.

Chegamos a Salvador e fomos direto para a Rua Direita da Piedade, n.17 onde o antigo sobrado já estava lotado de sonhadores. Fui logo à Escola de Belas Artes, pois nem fazia ideia de como faria para estudar ali. Fiz um ano de curso preparatório para o vestibular e passei em duas Universidades, na Católica e na Federal. Para garantir a vaga na primeira, a matrícula tinha que ser efetuada imediatamente, e me lembro bem que painho vendeu um jegue chamado Landufo com essa finalidade, mas estudar em escola particular ia ser bem difícil!

Numa madrugada de grande expectativa, começou a ser divulgado através do rádio o resultado da UFBA, nome por nome era falado, e a cada instante, o tabuado da velha casa estremecia com a felicidade de alguém, e assim chegou a minha vez, em cima de um beliche, eu e minha amiga Roseli, ríamos e chorávamos. Nessa noite ninguém mais dormiu!



Figura 244 – Amigos da RESAJ na escada que dava acesso ao dormitório feminino -1991

A seguir, um depoimento da amiga Magaly Menezes, com a qual convivi alguns anos na RESAJ.

Depoimento de Magaly Menezes¹²



Você tem uma visão de afeto da residência, eu a única sensação de afeto que tenho, era o nosso quarto. Eu não convivía no resto da casa porque trabalhava e estudava, só de noite, encontrava com vocês no quarto. Você, Carminha, Roseli e Morgana, eram momento que a gente ria muito contando os nossos casos as nossas histórias.

A casa foi fundada por uma acordo político que eu fiz com o finado prefeito Renato Machado. Tínhamos fundado o PCDB, eu era candidata a vereadora e ficamos de apoiar-lo, caso eleito prefeito, um dos compromisso era fundar a casa para os estudantes carentes, como nós e isso aconteceu, a RESAJ surgiu, devido a minha candidatura em 1988. Para mim, isso tem uma importância muito grande. Importância Social, proporcionando ajuda a muitas pessoas que por lá passaram. Um lugar de encontros e amigos que fizemos.

Mais era uma lugar que eu também sentia tristeza, porque muitas vezes a gente abria a geladeira e já tinham comido nossa comida toda, mas tenho momento impagáveis, a gente naquele quarto dando risada dos seus casos.

¹² Magaly Menezes é professora, construímos uma amizade, durante o período que vivemos juntas na RESAJ e muitas vezes nossa casa se resumia a um quarto dividido para cinco pessoas.

Segundo Bachelard “Narraríamos toda nossa vida se fizéssemos a narrativa de todas as portas que já fechamos, que já abrimos, de todas as portas que gostaríamos de reabrir.” (BACHELARD, 1989, p. 226). Como foi dito no início desse capítulo, apenas iria pontuar algumas passagens importantes na minha travessia, nem deu para narrar metade das portas abertas e fechadas.

Agora, em 2017, completam exatamente 27 anos que vivo na capital baiana. Muitas coisas aconteceram nesse desenrolar de tempo, inclusive mudanças de endereço. Com o fechamento da RESAJ, morei em diversos endereços até marcar o atual território com as referências de minha identidade onde há dezessete anos estou habitando. Espaço que se tornou parte de mim, o meu atual endereço na Rua Tuiuti, no centro de Salvador. Aqui, pude estabelecer uma relação particular e afetiva com a casa, onde me sinto plena em um universo transbordante de objetos adquiridos e produzidos ao longo dessa trajetória e com os gatos que são meus companheiros em toda existência.

5.4 Ô, DE CASA!

A casa se insere em minha vida como um templo onde cultivo histórias, objetos e produz encontro, agregando pessoas através de pequenos eventos promovidos ao longo de todos os anos. No entendimento da professora de arquitetura e paisagismo da Universidade da Califórnia, Clare C. Marcus citada por Camargo (2010, p.46), afirma: “Nossa casa funciona como um veículo de comunicação, um display, para informar aos nossos vizinhos, convidados, e até a nós mesmos, quem e como somos, que posição ocupamos na sociedade, nossos valores, etc.” Preparar o espaço onde habito, recepcionar amigos e conhecidos tem se tornado cada vez mais um prazer em minha vida, pois acredito que esse modo de aproximação fortalece as amizades e a troca de saberes e estabelece a construção de novos laços afetivos entre esses passeantes. Como nos coloca Erica Camargo,

Seja uma ou outra a forma como olhamos para a casa como localidade física inserida no mundo em que habitamos, ela tanto deverá ser o refúgio de que precisamos para viver nossa vida física e interior em paz e segurança, como também o lugar através do qual estabelecemos vínculos e meios de atuarmos nesse mundo. (CAMARGO, 2010, p. 55).

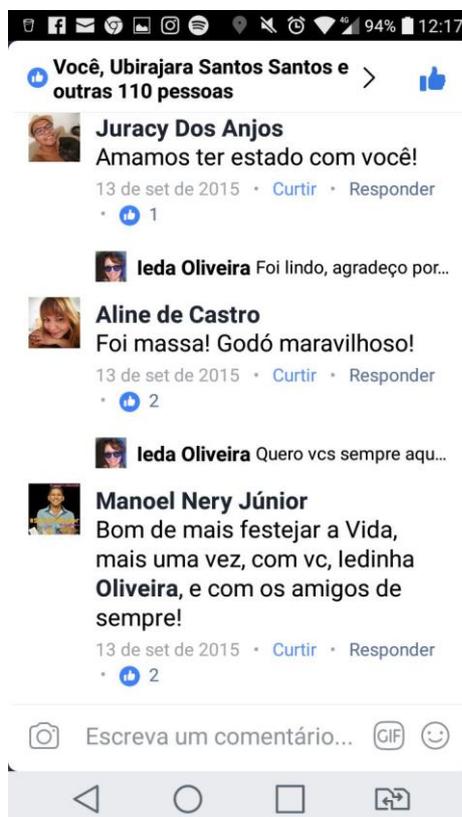
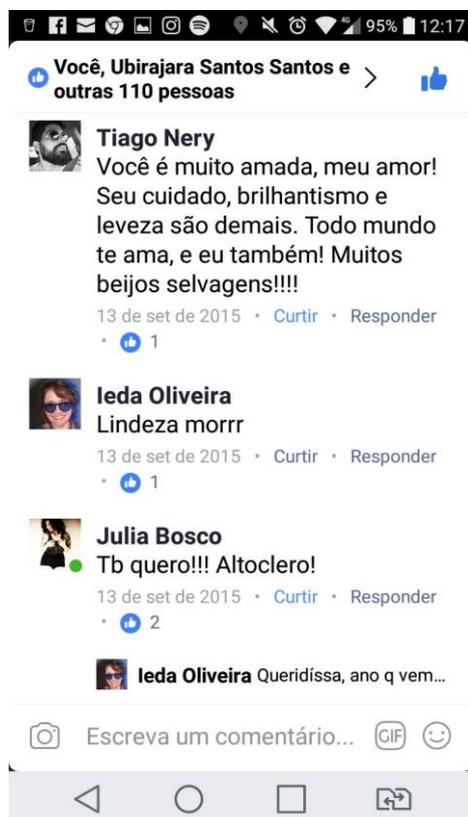
Em comunhão com esse pensamento, fica cada vez mais visível para mim, a partir das vivências nesses últimos anos, que a casa vem tornando-se um espaço a ser desenvolvido diariamente. Considero os cuidados e detalhes de extrema importância poética para seu funcionamento, pois compreendo que cada objeto também tem a sua morada e sua vida.

Essa faísca da casa-obra se ascendeu como um raio quando percebi o desejo de muitos artistas residentes em outros países, com os quais pude conviver em intercâmbios pelo mundo afora, mencionarem que tinham vontade de conhecer o Brasil. Logo pensei que seria possível imediatamente viabilizar essa possibilidade, abrindo meu espaço “privado” à artistas e amigos do meu lugar, Salvador.

O conceito de espaço público e privado, de certo modo, vem sendo desconstruído na contemporaneidade, o que tentamos acreditar que é reservado apenas a nossa vivência torna-se expandido universalmente a partir do momento que publicamos uma imagem da casa ou da nossa vida nas redes sociais e optamos pelo status de “público”. Conhecemos os gostos e o habitar de muita gente, apenas visualizando suas imagens do dia a dia, disponíveis nos meios digitais. Em minhas contas de *facebook* e *instagram*, por exemplo, mantenho um perfil público no qual qualquer usuário pode visualizar as imagens publicadas. Abaixo, mostro alguns exemplos de momentos festivos realizados na casa obra, que foram compartilhados em meu perfil na conta do facebook.



Figuras 245 – 246 - Imagens da casa em momentos festivos, publicadas em meu perfil no facebook – 2016



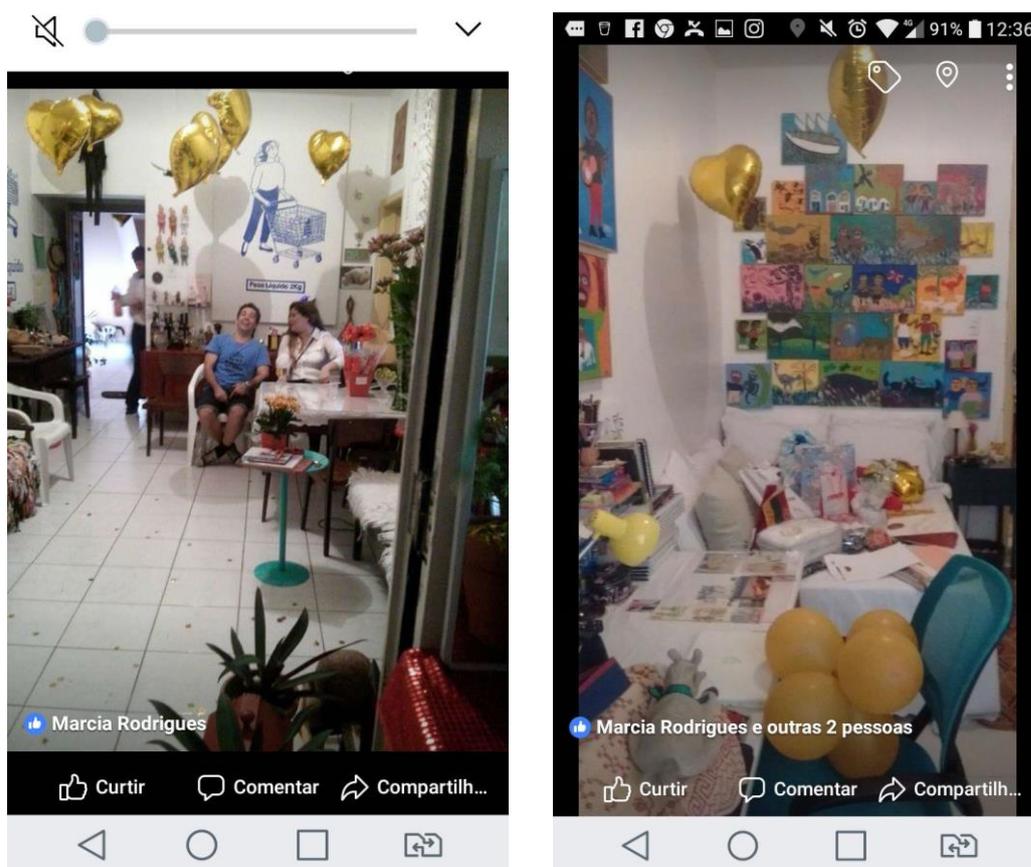
Figuras 247– 248 – Comentários do público, sobre a festa, 1 - 2016



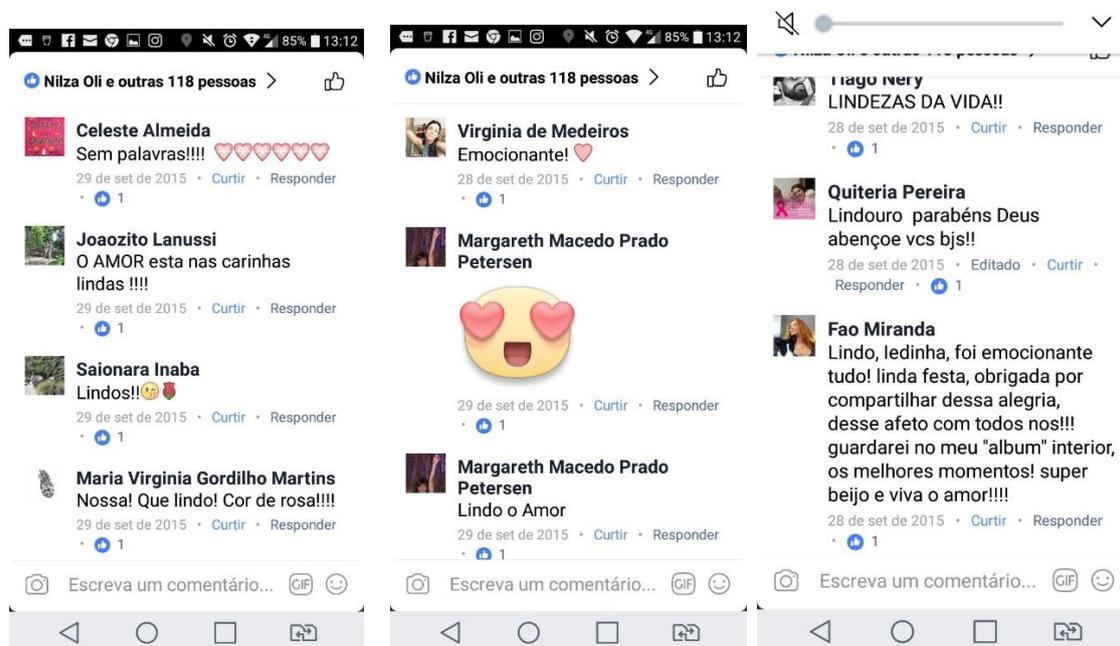
Figuras 249– 250 – Comentários do público, sobre a festa, 2 - 2016



Figuras 251 – 252 – Bodas de Ouro do Rei e da Rainha - 2015



Figuras 253– 254 – A casa e a festa de Bodas de Ouro - 2015



Figuras 255– 257 – Os comentários sobre a festa – 2015

Como explicita Katia Canton, “A partir de 1991 com a proliferação de revistas e de mídias como Caras, Gente e Quem e de programas televisivos como Big Brother e A Fazenda, entre outros, há mais imagens em que a intimidade é colocada em público.” (CANTON, 2009, p. 42)

Como menciono acima, essa propagação no momento atual, vai além de revistas e programas televisivos, são dezenas de meios onde se pode “fuçar” a vida dos outros e até fazer uso indevido da imagem alheia, esse tipo de comportamento vem gerando polêmicas e processos judiciais já corriqueiros. Portanto, ao dizer “Ô, de casa!”, estou me comunicando, abrindo as portas tanto da casa atelier, quanto da casa virtual.

5.5 RESIDÊNCIA ARTÍSTICA: PRIMEIRO INSIGHT E DESDOBRAMENTOS

Nessa parte, irei relatar como aconteceu o batizado oficial da minha casa, a qual primeiramente eu intitulava de castelo e agora passa a chamar-se RAIO. Aqui, achei pertinente abrir as portas e deixar que seus visitantes habituais possam falar sobre suas experiências quando imersos no meu habitar, pois compreendo que um olhar externo será de maior contribuição para o desenrolar desse momento especial. Nessa casa, tudo é motivo para um encontro festivo, aqui realizamos momentos afetivos e registramos o valor da amizade. Festas anuais acontecem, para comemorar a vida, seja o dia do meu aniversário, batizado e aniversários dos gatos, chegada ou despedida de um amigo que mora em outro estado ou país e especialmente a grande comemoração das bodas de ouro do Rei e da Rainha, meus pais.

O surgimento da sigla, RAIO – Residência Artística Ieda Oliveira, ocorreu na segunda quinzena de julho de 2016, dentro de um ônibus da empresa Camurujipe, quando eu seguia viagem com o estimado amigo Tiago Nery, para a Cidade de Ubaíra, situada no Vale do Jiquiriçá. Já fazia mais de um mês que o querido bonitão passava os finais de semana em minha casa, a qual eu denominava também de Castelo. Nos encontrávamos todas as sextas e como um sonho bom, nos derretíamos em risadas, histórias, comidas, bebidas e o que ocorresse; obedecendo o desejo de estar juntos, convidei-o para essa

viagem. Conversa vai, conversa vem, apreciando a paisagem que se deslocava rapidamente com o movimento do “buzú” ele me disse, em tom jocoso, que estaria fazendo uma residência artística em minha casa e que essa residência estava se estendendo para a casa dos meus pais dando início a uma “Bolsa Sanduíche” (alusão ao tipo de intercâmbio que acontece com estudantes de pós graduação). Nesse momento pensei, qual seria o nome ideal para minha residência, como uma luz que se ascende, percebi que não precisava de esforço para descobrir, as iniciais que compõem o título, dariam origem a um nome perfeito e significativo. (RAIO). Depois das colocações de Tiago, logo tive o *insight* e disse: farei então uma “Bolsa Sanduíche” para te presentear. Demos muitas risadas e comecei a elaborar o plano para execução desse acontecimento de “intercâmbio” e “deslocamento” do meu convidado, já como uma forma de intervenção. Como nos coloca Pareyson

Quando há o insight, o artista sente que não está mais só consigo mesmo: está em companhia da obra que, apenas concebida, ainda está por fazer, e exige ser feita a seu modo. O insight é relativamente independente e cabe ao artista procurar mantê-lo e fixá-lo, pois todo processo artístico há de precisamente consistir em definir e determinar o insight nessa sua independência até fazer dele uma obra viva com vida própria. (PAREYSON, 1993, p.79)

Tudo dentro dos conformes, fiz as compras dos materiais necessários para confeccionar o objeto, o qual ofereceria ao meu amigo em momento especial, selando sua permanência como “artista residente” na RAIO e festejando seu intercâmbio no Vale do Jiquiriçá, onde vivem familiares da mãe dele, também.



Figuras 258 – 260 – Momento Bolsa Sandúiche - 2016



Figura 261 – Momento Bolsa Sandúiche - 2016

Depoimento de Tiago Nery¹³



É surpreendente ser concubino afetivo da favorita do rei em seu castelo no centro da velha São Salvador. Tensionado através da tela da varanda, de onde se mira a Baía de Todos os Santos esparramada, num molejo de amor requebrado, refletindo prata nos azulejos dos casarões da Ladeira dos Aflitos, me perco com Ieda Oliveira, a mulher linda, a mulher terrível, quem me recebe sempre com penteados verticais, vozes amplificadas, idioma próprio e histórias que guiam meu corpo moreno, descamisado e quente, através de labirintos iluminados por fitas de neon, objetos posicionados em suas moradas e pequenos leões dourados a se esfregar, bailando corpinhos macios e perfumados, numa dança de amor e sedução. Rendo-me, então, como se fosse eu mesmo uma taça de vinho tinto que desce pela boca ensopando cada mucosa quente de um corpo tépido e ávido por torpor. Não me surpreende que esse espaço de rendição imoderada ao prazer, de ode ao amor e à vida, se chame RAIO; é lá onde sou recebido com choques elétricos, que matam de amor para continuar vivendo, de onde alço voo num pássaro de aço somente para ter para onde e, principalmente, para quem voltar.



Imagens da RAIO em noites festivas 1

¹³ Tiago Nery é Jornalista, nos conhecemos em 2012 e nos tornamos grandes amigos, ele é um presente especial que a vida me deu.

Depoimento de Wylliams Martins¹⁴



A obra de Ieda Oliveira perpassa por diversas técnicas e linguagens transmitindo uma visualidade cultural dentro do espaço de sua Residência Artística, que é a sua própria casa. Suas instalações, objetos, desenhos, pinturas e registros de intervenções evocam uma complexa singularidade ao se relacionarem entre si. É um *mix* de percepções que, ao passear pelos espaços da sua habitação, se observa uma profundidade de planos primários, transformando, pois, numa experiência subjetiva da sua própria vida artística. Há também, no meio dos trabalhos, objetos-brinquedos que imitam uma realidade de uma imagem despedaçada em seu aspecto visível, transfigurando os corpos, nos mostrando tendências de conflitos que falam de perdas, ruínas, dotadas de vazios.



Imagens da RAIO em noites festivas 2

¹⁴ Willyams Martins é Artista Visual e meu amigo de estrada desde 2001 fomos vizinhos de apartamento no Bairro do Canela e atualmente somos vizinhos de rua.

Depoimento de Nicolau Oliveira¹⁵



Data . . .

residência que há muitas decorações
de toda Oliveira visito sempre
mim sinto Bem em Ver as coisas
diferentes ela Tem uma criatividade
criada Por ela Pequenas coisas
que se tornam grandes
objetos decorativos lindos que
enlancam. cheio de novidades e de
carinho com seus lindos gatinhos
e raro encontrar uma residência
que e diferente de outras



Imagens da RAIO em noites festivas 3

¹⁵ Nicolau Oliveira é Caseiro e Jardineiro, é um grande amigo que a vida me presenteou recentemente.

Depoimento de Fabio Gatti¹⁶

As palavras abandonam-nos,
há alturas em que as palavras nos abandonam.
Winnie, Beckett. Dias Felizes.



Não exatamente as palavras abandonaram esta casa-corpo, pois elas sobrevivem na música constante do toca-discos ou, às vezes, nos canais musicados internet a dentro. Contudo, as melodias são palavreadas em imagens proferidas de acordo com o dia, horário, humor e acontecimentos. Há, ao contrário, um excesso de imagens. Um excesso tão forte e tão intenso que sua vibração, no primeiro contato, paralisa. E, logo depois, faz morada em quem decide aproximar-se. As paredes são vestidas da cabeça aos pés; algumas vezes elas até trocam suas roupas, seguindo os passos de sua cuidadora/curadora; dona e proprietária da porra toda, como dizem. Sem palavras, essa casa-corpo me convida, sempre, a adentra-la com novos olhos e vivê-la na sua particular intensidade de casa e no seu singular otimismo de corpo. Construções coincidentes, a casa casa-se com o corpo e o corpo ‘encorpora-se’ da casa. Ambos são espaços físicos finitos, mas as imagens deles/neles explodem para além do horizonte tangível; elas reverberam em quem lá chega e alcançam o mundo pelo outro. Talvez as palavras tenham abandonado a mim nessa tentativa injusta de vocabularizar a existência dessa casa-corpo, quando não há nome capaz de abarcar seu Ser. Tateando meu pensamento racional, vagueio no absurdo da transcrição de uma presença visual cuja potência é irreduzível a um conjunto de letras. Todavia, arriscaria supor haver um substantivo, de corpo preciso e tenaz, sobre tudo o que desta casa habita hoje em mim, incondicionalmente: amor.



Imagens da RAIO em noites festivas 4

¹⁶ Fabio Gatti é Artista Visual, nos conhecemos em 2007 na época do mestrado, nos tornamos grandes amigos e cultivamos uma alegria imensa por esse encontro especial.

Depoimento de Oscar Brasileiro¹⁷



Quando Ieda me convidou para escrever alguma coisa sobre suas moradias, eu pensei: “Não vai ser tão fácil”, pois minha atuação não é a escrita e sim o desenho e a pintura. Mas, em se tratando da atual casa de Ieda, na Rua Tuiuti, posso afirmar que não é uma casa normal, é a casa de uma artista que está sempre em criação, ou seja, ela vive numa exposição montada, no meio de obras e instalações permanentes, que sempre foi a marca do seu trabalho.

Ao entrarmos, vemos copos e cintos pendurados pela parede, esqueletos de cadeiras de ferro pendurados no teto, uma cama feita com borracha escolar ponteira, chinelos de aço imantados em cima de uma pista de aço inox, se eu continuar descrevendo os trabalhos dessa artista, por certo uma das mais criativas da nossa turma de artes plásticas do ano de 1997, não vou parar tão cedo, pois trabalho é o que não falta. Não posso de modo algum deixar de citar uma instalação viva e permanente que lá existe, trata-se de seus gatos que são seus irmãos e seus filhos. A casa do Tuiuti traduz bem o que é a residência de uma artista e, digo mais, todo artista deveria viver em uma casa como a de Ieda.



Imagens da RAIO em noites festivas 5

¹⁷ Oscar Brasileiro é Artista Visual, nos conhecemos na Escola de Belas Artes em 1991, cultivamos um grande amizade há 26 anos.

Depoimento de Dinalva Santos¹⁸

Quando vi a casa de Ieda a primeira vez, achei uma casa diferente, muito iluminada, bem alegre e feliz. Cheia de curiosidades e um lugar inusitado. Ieda é uma pessoa muito carinhosa, contente, carismática. Uma pessoa agradável, cheia de amor pra dar. Com o tempo convivendo com ela eu entendi porque aquela casa é tão especial.



Imagens da RAIO em noites festivas 6

¹⁸ Dinalva Santos (Nalvinha) é Diarista e já compartilhou muitos dias comigo aqui na RAIO, nos tornamos amigas.

Depoimento de Mirela Correia¹⁹

A primeira impressão que eu tive quando estive pela primeira vez na casa de Ieda foi a de me transmutar pra um universo paralelo: um lugar altamente provocador, único, instigante, criativo e lúdico. Percebi que aquela casa era uma tradução extensiva dela, da personalidade original, sensível, inquieta e que ali estava impresso um olhar muito particular, mas que mesmo sendo da artista, fez com que eu me identificasse e fosse meu também. Todos os detalhes, as cores, as luzes, a incrível organização diante de várias minúcias me interessaram de imediato e de sobremaneira. Assim que cheguei na sala e vi os copos na parede, e as imagens da Exposição *Peso líquido*, me encantei (se pudesse ficaria ali um bom tempo, pra digerir aquelas informações com toda a calma). Percorrendo os outros ambientes eu vi os gatos e os seus mistérios, o banheiro mais aconchegante do mundo, a cozinha mágica, e em toda a residência o espírito do interior da Bahia se afirmava fortemente. Eram as memórias da infância e de todo o sentimento recebido por seus pais, e o afeto por sua terra, eternizados ali, naquele labirinto de amor, e com vista pro mar. A certeza incontestável sobre a casa de Ieda é que encontrei um lugar onde eu posso voar.



Imagens da RAIO em noites festivas 7

¹⁹ Mirela Correia é Advogada, nos conhecemos em 2012, através de um grande amigo em comum, Marcondes Dourado, a partir daí nos tornamos amigas e ela uma efetiva frequentadora dos eventos da RAIO.

Depoimento de Virginia de Medeiros²⁰



Vontade de falar do café preto no coador; do pão na chapa; do banho de balde; das toalhas com cheiro de alfazema; da cama feita me esperando como uma espécie de altar; dos gatos mimosos de dengo; das roupas no varal, compradas na Feira de Ubaíra, secando contentes ao vento; das sacas de milhos cheias de risos em São Joaquim; da cerveja gelada no Dois de Julho e as histórias de paixões embriagadas; de nossas viagens, aventuras e descobertas juvenis em Berlim, Roma, Paris, Amsterdã; das nossas aulas na EBA aonde tudo começou; de você montando o “Studio Butterly” comigo, um porto seguro; da nossa amizade e da intimidade que nos compõe. Me perco em sentimentos vastos de horizontes singelos, busco palavras simples como a luz no entardecer que tinge de pequenas surpresas cósmicas a terra batida de um quintal de casa do interior. Falar se Seu Manuel e Dona Nice, do Rei e da Rainha, e desse castelo de sonhos que é a RAIO... como começar? leda é síntese de memória que faz a totalidade do passado coexistir consigo e com cada presente que passa. leda é alegria na alegria, amor no amor, cuidado no cuidado, amizade na amizade, confiança na confiança, arte na arte. Tudo que lhe atravessa se desdobra, não há reserva para imaginação na RAIO. É da matéria fabulosa da vida cotidiana que ela constrói sua obra. RAIO é fonte de expansão infinita, porque assim é leda. RAIO é uma casa extraordinária feita de sonhos, lembranças e milagres.



Imagens da RAIO em noites festivas 8

²⁰ Virginia de Medeiros é Artista Visual, nos conhecemos em 1991 na Escola de Belas Artes e construímos uma amizade para toda vida.

Estes depoimentos, fortalecem o desejo que sinto de prosseguir, promovendo encontros e ampliando possibilidades do conviver, tanto com amigos antigos como construindo novas amizades.



6 CONCLUSÃO

*Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo Tempo Tempo Tempo
És um dos deuses mais lindos
Tempo Tempo Tempo Tempo*

*Canta: Caetano
Veloso*

Chegar a esse tempo batizado de conclusão gera em mim um movimento de ebulição e, ao mesmo tempo, bate um vazio que não deve ser negado. Olhar para trás, assumir o momento presente e regar as perspectivas futuras, essa é a missão do agora. Assim, segurarei as rédeas e permitirei ao tempo que me encaminhe ao destino que a vida me reservou.

No início da pesquisa não sabia exatamente onde ela iria desembocar. Fui obedecendo ao ritmo do próprio tempo que me presenteou com grandes oportunidades, me permitindo pelas intervenções como forma poética adotada, percorrer caminhos esparramados por diversos cantos da Bahia. Nessa expansão fui alicerçando uma prática de trabalho dialogando com a capital e o interior, que se tornou fundamental para aqui chegar. Foram momentos afetivos, fortalecidos pela troca, pela aproximação e construção de laços, que mesmo em passagens transitórias tornaram-se eternos em minha memória. No decorrer desse período fui convocada pelo pensamento para falar da casa, compreendi que tinha esse compromisso, pois percebi a forte conexão que este íntimo habitar tem com toda minha trajetória poética, revelando-se como um fio condutor.

Muitas perguntas de grande relevância me arrebataram inicialmente, mas no decorrer desse período, o tempo em sua forja, como na dedicatória do livro CasaTempo, da professora Sonia Rangel, (2005, p.7):

*Ao Tempo
O Senhor Absoluto
Que na sua forja
Tanto casa como separa
Tanto cria como apaga*

Ele mesmo se encarregou de fazer com que algumas questões se desbotassem ou se apagassem, enquanto outras se criavam ou se acendiam fortemente, tais como: Quais princípios enxergo nos trabalhos já realizados? Como tempo e memória dialogam com meu processo de criar? O que me instiga como artista no atual percurso? Assim, também, pude incluir e tentei responder outras questões que surgiram: Como as noções de espaço público e espaço privado se fazem presentes e dialogam com meu trabalho? Como fica na arte que realizo a memória de todas as casas onde morei, e a importância da atual casa-atelier como ela aparece? Diante destes questionamentos, ficou claro que, em meu percurso como artista-pesquisadora, vieram se firmando, por um longo tempo no modo de operar a criação, os procedimentos conviviais, mostrando-me que a colaboração do público tem sido de fundamental importância na construção dos trabalhos. Além disso, identifico que esse jogo, no sentido amplo da palavra, revelou-se uma categoria dominante, despertando em mim o desejo de doar. Com a mesma potência, a memória e o tempo sempre estiveram conectados, visto que, a partir das minhas vivências, reconheço em todo percurso importantes referências vinculadas à minha vida desde a infância até o atual momento, confirmando que não há uma separação entre o viver e o criar: tudo faz conexão, um esteio que se tornou base para minhas intervenções.

Retomando o caminho construído nos escritos desta tese, também pude reconhecer como o tempo nas intervenções, entre o conviver e o jogar com o outro, se fez presente e importante, não só para mim, mas para alguns autores que colaboraram na construção do pensamento deste trabalho. Assinolo Nicolas Bourriaud, por exemplo, que nos fala do tempo que vivemos sem tempo, ou seja, sobre a disponibilidade do encontro com o outro que vem se perdendo diante de uma vida corrida dominada muitas vezes pelo capitalismo e pela individualidade que se firma no mundo contemporâneo. Jorge Larrosa, por sua vez, nos mostra que para se viver a experiência e permitir que algo nos aconteça ou nos toque verdadeiramente é necessário que o sujeito se permita a uma entrega a uma disponibilidade, algo que vem se tornando raro nos tempos de hoje em dia. Kátia Canton afirma que a arte precisa conter o espírito do tempo. Giorgio Agamben nos fala que a contemporaneidade é uma singular

relação com o próprio tempo, na qual nos aderimos a ele e ao mesmo tempo dele tomamos distâncias. Gaston Bachelard nos leva a lonjuras inalcançáveis, onde através da memória retornamos de certa forma a um tempo que renasce, de forma poética se atualiza guiado pelos sonhos e pelas lembranças. Para finalizar essa percepção ressalto a produção da professora Sonia Rangel, minha orientadora, como exemplo cito sua obra *CasaTempo*, na qual mergulhamos em uma vasta produção de imagens em desenhos e poemas, também conectados com a casa e com o tempo, um dos temas recorrentes em sua obra poética.

Diante das reflexões elaboradas durante essa temporada tão curta e intensa, fortaleci a compreensão de como foi importante o estar junto, a amizade e a criação de laços afetivos. O desejo no momento é prosseguir com esse pensamento que vem me alimentando e me mantendo instigada, despertando novas possibilidades do prosseguimento da pesquisa, a exemplo da criação da RAI0. Como artista propositora, pretendo expandir essa experiência como residência artística, não apenas destinada à visita ao meu habitar, mas buscando novas possibilidades de desdobramento do espaço, não só na forma virtual, mas como imaginei que, através de um processo de seleção, seguido por um breve regulamento, poderei convidar um artista estrangeiro para permanecer habitando e compartilhando a vivência em minha moradia, por um período a cada ano. Quem sabe estabelecer, como um novo projeto, entre o local e o global, a ampliação desta forma de jogar, trocar e conviver.

Como bem diz o dito popular, “O tempo é o relógio da vida”. Portanto, seguimos tecendo nossa história, pertencente à singularidade de cada um e aos encontros que a vida se encarregará de promover. Afirmando a importância para mim de ter realizado esta pesquisa prático-teórica, pois sem ela essas ideias não poderiam ao final aparecer e florescer.

Esta tese foi edificada com muito amor e envolvimento. Desejo e espero que ela possa se tornar uma nova fonte de compartilhamento, contribuindo com outros artistas pesquisadores ou com qualquer pessoa que venha a se interessar pelos modos contemporâneos de se fazer arte, ou a aproximar-se dela pela via dos riscos aqui expostos e vividos, também comuns a tantos

colaboradores e a outros artistas praticantes da arte como experiência de vida, como intervenções no atual momento, ou seja, no tempo que vivemos.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

ARCHER, Michel. **Arte contemporânea:** uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna:** do iluminismo aos movimentos contemporâneos. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ARTECAPITAL. **Nicolas Bourriaud:** Disponível em: <<http://www.artecapital.net/entrevista-75-nicolas-bourriaud>>. Acesso em: 5 mar. 2017.

ART IN AMERICA. **Rirkrit Tiravanija:** Disponível em: <<http://www.artinamericamagazine.com/news-features/magazine/rirkrit-tiravanija/print/>>. Acesso em: 16 maio 2017.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares.** Campinas: Papiрус, 1994. (Coleção Travessia do Século).

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** São Paulo: Martin Fontes, 1993. (Coleção tópicos).

_____. **A poética do devaneio.** São Paulo: Martin Fontes, 1988.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara:** nota sobre a fotografia. Tradução. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira Educação**, n.19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional.** São Paulo: Martin Fontes, 2009. (Coleção Todas as Artes).

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura.** São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção Questões da Nossa Época; v 20).

CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens.** Paris: Edições Gallimard, 1990.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio.** Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

- CAMARGO, Érica Negreiros. **Casa, doce Lar**. São Paulo: Annablume, 2010.
- CANTON, Katia. **Espaço e Lugar**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes**. São Paulo: G. Gilli, 2013.
- CASANOVAS, C.F. de Freitas. **Provérbios e frases provérbios do século XVI**. Brasília: I. N. Livro, 1973.
- COHEN, Renato. **Performance como Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução Selam Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FRANCIS ALLYS. [Home page]. 2017. Disponível em: <<http://francisalys.com/>>. Acesso em: 5 mar. 2017.
- GLUSBERG, Jorge. **A arte da performance**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- LEAL, Geraldo da Costa. **Pergunte ao seu avô**: histórias de Salvador, cidade da Bahia. [Salvador]: [s.n.], 1996.
- MAFESSOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Tradução Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- _____. **O ritmo da vida**: variações sobre o imaginário pós-moderno. Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- MARTINS, José da Silva. **Coletânea de pensamentos da sabedoria universal**. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 1992.
- MASSACHUSETTS MUSEUM OF CONTEMPORARY ART. **Sol Lewitt**: Wall Drawing Retrospective. Disponível em: <<http://massmoca.org/event/sol-lewitt-a-wall-drawing-retrospective>>. Acesso em: 30 jun. 2017.
- MELO, Tarso. Pensar com os pés. **Quatro cinco um**, São Paulo, n.19, p.12, ago. 2017.
- MOLES, Abraham. **O Kitsch**. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- MONTE SANTO. NET O PORTAL DA CIDADE. **Coração Místico do Sertão Bahiano**: Disponível em: <<http://www.montesanto.net/?area=historia&galeria=ativar>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

MUSEO DE ARTE CONTEMPORÁNEO DE CASTILLA Y LEÓN. **Rirkrit Tiravanija**: Encuentro gastronómico. Disponível em: <<http://conferenciaperformativa.org/en/encuentro-gastronomico/>>. Acesso em: 6 jun. 2017.

ONTARIO COLLEGE OF ART & DESIGN PROFESSIONAL GALLERY. **Rirkrit Tiravanija**: Untitled 2007. Disponível em: <<http://www.ocadu.ca/Assets/documents/rikrit-brochure.pdf>>. Acesso em: 15 maio. 2017.

PAREYSON, Luigi. **Estética: teoria da formatividade**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: vozes, 1993.

PEDROSA, Israel. **O Universo da cor**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2004.

PINTO, Tales dos Santos. Breve História da televisão. **Brasil Escola**. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/historiag/breve-historia-televisao.htm>>. Acesso em: 30 jun. 2017.

PRATA, Mário. **Mas será o Benedito?** São Paulo: Globo, 1996.

PROVÉRBIOS. In: A BÍBLIA Sagrada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.

RANGEL, Sonia. Processos de criação: Atividade de Fronteira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS: OS TRABALHOS E OS DIAS DAS ARTES CÊNICAS: ENSINAR, FAZER E PESQUISAR DANÇA E TEATRO E SUAS RELAÇÕES, 4. 2006, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: 7 Letras; Memória ABRACE X, 2006, p. 311-312.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

TEIXEIRA, Nelson Carlos. **A sabedoria condensada dos provérbios**. Belo Horizonte: Leitura, 2004.

VANESSA BEECROFT. [Home page]. 2017. Disponível em: <<http://www.vanessabecroft.com/frameset.html>>. Acesso em: 9 abr. 2017.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **O popular**. Porto Alegre: L & PM. 1984.

WANNER, Maria Celeste de Almeida. **Paisagens Sígnicas**. Salvador: EDUFBA, 2010.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Tradução Lea Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- BROWN, Nicholas; HAMILTON, Kevin. **Moving Body, Moving Mind: Walking and Talking in Illinois**. Disponível em: <<http://complexfields.org/wkm>> Acesso em: 9 abr. 2017.
- COHEN, Renato. **Work in Progress na Cena Contemporânea**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, V. 1**. São Paulo; Editora 34, 1995.
- FERNANDES, Millôr. **MILLÔR definitivo**. Porto Alegre, São Paulo: L & PM, 1994.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução Selam Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2004.
- GLUSBERG, Jorge. **A arte da performance**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- HEARTNEY, Eleanor. **Pós Modernismo**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. (Série Movimentos da arte moderna: Tate Gallery Publishing).
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- LEVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2001.
- NAVAS, Adolfo Montejo. On the visual traps of Marcos Chaves. In: _____ **Marcos Chaves**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007. (ART BRA, 1).
- NOVAES, Aduino. (org.) **Muito Além do Espetáculo**. São Paulo: Senac, 2005.
- OSTROWER, Faiga. **Acasos e criação artística**. Rio de Janeiro: Campus, 1995.
- SANCHÉZ, José A. **A pesquisa Artística e a Arte dos Dispositivos**. In: *Questão de Crítica*. Vol VIII, nº 65, Agosto de 2015

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o Nomadismo**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

CASTILLO, Salcedo Del Sonia. **Cenário da Arquitetura da Arte**. São Paulo: Martins Fontes 2008.

CARNEIRO, Scigliano Beatriz. **Relâmpagos com Claror**: Lygia Clark e Hélio Oiticica, Vida como Arte. São Paulo: 2004.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.

BANES, Sally. **Greenwich Village**: Avant-Gard, performance e o corpo efervescente. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

Anexo A – Convite da mostra individual realizada no Goethe Institut da Bahia em 15/05/2015

<https://www.youtube.com/watch?v=J3upMtinIRE&t=51s>



Universo-Capital

ANDANDO & DORMINDO
A SORTE É CEGA_CIRCUITO PERFORMÁTICO

leda Oliveira

ABERTURA | 15.05, às 18h30

Goethe-Institut Salvador-Bahia | ICBA - Instituto Cultural Brasil-Alemanha
Av. Sete de Setembro, 1809 - Vitória - Salvador - BA 40080-002, Brasil
Tel.: + 55 71 3338.4700 | Fax: + 55 71 3338.4703

VISITAÇÃO | 16.05 a 27.06
ENTRADA FRANCA

Horário de funcionamento:
Seg a sex | 9h às 18h30
Sáb | 9h às 13h

Apoio:
GOETHE INSTITUT
Instituto Cultural Brasil-Alemanha

Multiclar
Governo e Zonas

Apoio Financeiro:
FUNDAÇÃO CULTURAL
Estado de Bahia

FOMENTO A CULTURA
Fundação de Cultura

SECRETARIA DE CULTURA
SECRETARIA DA FAZENDA

BAHIA
GOVERNO DO ESTADO

**Anexo B – Convite da mostra individual realizada no Museu Eugenio
Teixeira Leal em 30/07/2015**

https://www.youtube.com/watch?v=x5N2Gpqm_Ok&t=47s



IEDA OLIVEIRA

A POÉTICA DO CAMINHAR

A SORTE É CEGA • CIRCUITO PERFORMÁTICO

IEDA OLIVEIRA

A POÉTICA DO CAMINHAR

A SORTE É CEGA • CIRCUITO PERFORMÁTICO.

ABERTURA

31.07

Sexta, às 18h30

MUSEU EUGÊNIO TEIXEIRA LEAL

Memorial do Banco Econômico,
Rua do Açuguiño, 01, Palourinho,
Salvador-BA CEP: 40.026.180
(71) 3321-8308 / 3321-9551

VISITAÇÃO 1 A 28 AGO

Seg a Sex 9 às 18h
Sab e Dom 13 às 17h

Entrada Franca

APOIO



REALIZAÇÃO

ARTE
EM TODA
PARTE
ABO 11

